

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Naine Terena de Jesus

**Audiovisual na Escola Terena Lutuma Dias:
Educação indígena diferenciada e as mídias**

Doutorado – Educação: História, Política, Sociedade

**São Paulo
2014**

Naine Terena de Jesus

**Audiovisual na Escola Terena Lutuma Dias:
Educação indígena diferenciada e as mídias**

Doutorado – Educação: História, Política, Sociedade

Tese de doutorado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência para a obtenção do título em doutora em Educação: História, Política, Sociedade, sob Orientação da Prof. dra. Circe F. Bittencourt.

**PUC-SP
2014**

Banca de doutorado

Dedicatória

Ao Povo Terena, povo que se levanta.
Para Seu Isac, tia Iracema, Tio Martin, Tia Lurdes,
Dona Kali, Seu Natalício, tia Cimplícia (em memória), e
todos os outros anciãos que me forneceram suas
memórias.
a memória dos meus avós Flaviana, Januário, Zoita e
João Menelau, de onde vem a força espiritual que nos
move.
Para Niara, Nayla, Aigo, Kauane, Kanaiú e todas as
crianças Terena.
Aos meus amigos, que por muito tempo dialoguei via
facebook, compartilhando os diferentes momentos
dessa trajetória.

Agradecimentos

Agradeço ao apoio do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e também da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), a minha família, em especial minha mãe Anita Leocádia Costa de Jesus, meu pai, Antonio João de Jesus, meu irmão João Matias, minha filha Niara Terena irmãs Etane e Nauk, companhias durante os quatro anos comigo. Ao Téo Miranda; Aly Orellana. Bianca Zucchi e Lucilene Pacheco pela fundamental presença. A professora Circe Bittencourt por acreditar nos estudantes indígenas..Ao professor Kazumi Munakata e Odair Sass, pelo apoio nos momentos mais turbulentos. Professora Antonia Terra; Professora Maria Aparecida Bergamashi, Professor, Carlos Giovinazzo Jr., Daniel Munduruku, Edson Kayapó, Elisabete Adania, abençoada presença na Secretaria do EHPS. Ao corpo docente da Escola indígena Lutuma Dias, em especial a diretora Arlene, a coordenadora Enilda e a professora Tatiana Dias. Ao senhor Isac dias e em seu nome, o povo Terena da Aldeia Limão Verde.

Resumo

O presente estudo tem como objetivo a investigação da utilização de produtos audiovisual nas aulas ministradas por professores Terena da Escola municipal indígena Lutuma Dias, localizada na aldeia Limão Verde - em Aquidauana - MS.

A questão que origina a tese é apreender quais as motivações e a contribuição desses elementos no dia a dia da escola indígena diferenciada, considerando-se que a inserção de aparatos tecnológicos ainda faz parte de uma metodologia nova até mesmo nas escolas não indígenas.

A base metodológicas da investigação pautou-se na observação da utilização do audiovisual em sala de aula e a produção de materiais próprios por parte dos professores indígena e entrevistas com esses educadores.

. As hipóteses apresentadas neste estudo baseiam-se em 1) o audiovisual apresenta aproximação com a oralidade, característica típica dos povos indígenas. 2) a escola indígena diferenciada está em constante alteração e por isso os educadores necessitam de métodos e materiais eficazes e condizentes com a realidade indígenas 3) Professores e alunos Terena que frequentam a escola indígena Lutuma Dias, tem passado por diferentes processos de constituição de identidade, como as assimilações, influências, e hibridações culturais. A base teórica se utiliza de estudos da educação escolar indígena diferenciada, a história e cultura do povo Terena, educomunicação, audiovisual indígena e educação.

Palavras-chave

Educação indígena diferenciada, educomunicação,
audiovisual.

Abstract

The present study aims to investigate the use of audiovisual products in classes taught by teachers Terena indigenous municipal Lutuma Day School , located in the village Green Lemon - in Aquidauna - MS .

The question that gives the thesis is to understand the motivations and contributions of these elements on the day of differentiated indigenous school, considering that the inclusion of technological devices is still part of a new methodology even on non- Indian schools .

The methodological basis of the research was based on observation of the use of audiovisual classroom and producing own materials made by indigenous teachers and interviews with these educators .

. The hypotheses presented in this study are based on 1) the audiovisual features approach to speaking , a typical characteristic of indigenous peoples . 2) the different indigenous school is constantly changing and therefore educators need effective methods and materials , and consistent with the indigenous reality 3) Teachers and students attending Terena indigenous school Lutuma Day has gone through different processes of identity formation such as assimilation , influences , and cultural hybridization . The theoretical basis of studies using different indigenous education , history and culture of the people Terena , educational communication , indigenous education and audiovisual .

Keywords

Differentiated indigenous education, educational communication, audiovisual.

Índice

INTRODUÇÃO.....	10
 Capítulo 1 - Cotidiano, cultura e educação entre os Terena de Limão Verde.....	25
1.1 O Povo Terena.....	25
1.2. A Aldeia Limão Verde.....	32
1.3. Educação Terena.....	37
 Capítulo 2 - Educação Escolar Terena: O caso da aldeia Limão Verde.....	51
2.1. A educação Escolar entre os Terena de MS.....	52
2.2. Histórico da Escolarização na aldeia Limão Verde.....	67
2.3. Educação escolar indígena na escola Lutuma Dias.....	75
2.3.1. Educação indígena e educação escolar indígena nas palavras dos professores Terena.....	81
2.3.2. Currículo e a aplicação prática na Escola Indígena Lutuma Dias.....	94
 Capítulo 3 - Tecnologias na escola: experiências educacionais na Escola Indígena Lutuma Dias.....	113
3.1- Povos indígenas e as Tecnologias de comunicação.....	113
3.2 - Comunicação e educação: Experiências educacionais envolvendo tecnologias de comunicação na Escola Indígena Lutuma Dias.....	121
 Considerações Finais.....	149
Referências Bibliográficas	154
 Anexos.....	162
Quadros	200

Inapoiacué!

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem o intuito de analisar a utilização do audiovisual como material didático na Escola Indígena Lutuma Dias, do Povo Terena residente na Aldeia Limão Verde, no município de Aquidauana em Mato Grosso do Sul.

Foi verificado de que forma alguns dos professores Terena dessa unidade escolar estão se orientando ou levando produtos audiovisuais para sala de aula, observando o processo histórico de implantação da educação diferenciada para os Terena da aldeia Limão Verde e a relação entre conteúdo e método de ensino que vem sendo construído no decorrer dos anos nesta unidade escolar.

A pesquisa se alicerça na observação e análise de dois momentos recorrentes nos últimos dez anos na escola indígena:

- utilização pelos professores de vídeos, fotografias e áudios em sala de aula (em especial nas disciplinas específicas de Língua, Arte e Cultura Terena);
- produção de materiais em audiovisual por parte dos professores Terena.

In loco realizei a observação direta durante os quatro anos de pesquisa de doutorado e os anos anteriores foram mapeados através dos relatos realizados pelos professores.

A partir dessas duas observações, analisei como a implantação da escola em território indígena, enquanto oferecedora de uma educação escolar diferenciada dialoga com o elemento audiovisual, que foi incorporado por muitas comunidades em sua luta política e vem encontrando espaço no contexto educacional de Limão Verde.

Complementa a pesquisa a análise de bibliografias e documentações referentes à educação escolar indígena, audiovisual realizado por indígenas no Brasil, entrevistas com os professores Terena da Escola Indígena Lutuma Dias e visitas a campo.

Cabe lembrar que no decorrer da pesquisa promovi uma oficina de capacitação em audiovisual para os educadores e a partir dela, também recolhi algumas observações que serão apresentadas no corpo da tese.

Busquei compreender como a escola municipal indígena Lutuma Dias, mais especificamente os professores Terena, vem utilizando ou pensam em utilizar as tecnologias a favor da cultura indígena e principalmente se seria o audiovisual um material didático capaz de contemplar as necessidades dos professores Terena na construção de metodologias de ensino, frente aos recursos como livros e cartilhas que estão atualmente disponíveis na escola indígena.

Para isso também acompanhei a utilização dos livros didáticos fornecidos pela Gerência de educação do município, jogos e outros materiais disponíveis na escola.

Num campo mais amplo de observação, levei para a pesquisa a vivência que tenho com outras comunidades indígenas devido a minha trajetória acadêmica e profissional, onde me deparei constantemente com a empatia dos indígenas pelo audiovisual, a facilidade na manipulação dos equipamentos e a produção de conteúdos.

Reunindo esses elementos de análise e observação, a hipótese principal dessa utilização do audiovisual na escola indígena e sua funcionabilidade para o ensino das disciplinas específicas de artes e línguas, encontram como eixo de partida:

A facilidade de absorção do audiovisual entre os povos indígenas se baseia no fato de serem orais e terem como base da educação o diálogo realizado através da oralidade. Além disso, destaco a educação indígena, baseada na utilização dos sentidos - as rodas de conversas, a contação de histórias, cantos, danças, sonoridades, a pintura dos corpos, entre outros elementos sensoriais e visuais que reforçam a percepção e os sentidos em sociedades como as indígenas, que a princípio não têm a escrita como principal meio de comunicação.

Esses elementos compõem a observação da rápida absorção que alguns povos realizam do elemento audiovisual e são o ponto de partida importante para a presente pesquisa e sua análise, em conjunto com a observação da plasticidade e o elementos visuais que permeiam as culturas indígenas, que me possibilitou pensar sobre as motivações para essa apropriação dos diferentes mecanismos tecnológicos que estimulam a oralidade e a percepção visual por parte dos povos indígenas.

Para melhor situar o leitor, acredito ser necessário percorrer o caminho que me trouxe até a temática. Tenho algumas referências sobre essa apropriação nas falas do

Senhor Isac Dias, no ano de 2006, período em que concluía o mestrado em Artes¹. Esse ancião foi a principal fonte de minha pesquisa, por se tratar de uma liderança respeitada até os dias atuais.

Em entrevista gravada em vídeo para a dissertação, ele encerrou falando sobre a importância daquela gravação para utilização na escola indígena de sua aldeia – a aldeia Limão Verde. Isac dizia que estava ficando velho e por isso, ter uma entrevista gravada ajudaria os alunos na escola, que a partir dali, poderiam vê-lo na televisão².

O senhor Isac é um dos últimos membros da comunidade que produz o pífano, principal instrumento musical utilizado pelos Terena. Isac também toca o instrumento e ensinou o seu neto, um professor da escola pesquisada. Isac foi uma liderança e é da linha de parentesco do fundador da aldeia, conforme narraremos adiante. Possui conhecimento dos mitos e da história dos Terena e é sempre consultado nas questões políticas internas e externas, assim como nas pesquisas realizadas por acadêmicos indígenas e não-indígenas que estudam a cultura Terena e a comunidade.

Com esse apanhado de informações a respeito de Isac, como ele está posicionado dentro da comunidade (uma grande liderança) e no processo de educação Terena, deduzo que ao realizar a entrevista, Isac estava visualizando sua ausência, a ausência dos alunos nas rodas de conversas que estão deixando de existir na aldeia e repassando a responsabilidade da memória dos antepassados para a tecnologia audiovisual e para a escola, que passaria a ocupar o lugar de propagador da educação Terena, ao mesmo tempo em que insere os estudantes no contexto não-indígena.

Há cerca de dois anos, Isac adquiriu um telão para datashow. Isso também foi motivo de surpresa para mim, pois, verifiquei a afinidade dele com a tecnologia audiovisual, embora ele também já tivesse apresentado afinidade com a escrita.

Isac havia dito também durante a entrevista que tinha começado a escrever, porém com a pouca visão não tinha a possibilidade de continuar os relatos da história Terena que estava registrando.

¹JESUS, Naine Terena de. *Kohixoti Kipaé* – memória, resistência e cotidiano Terena, dissertação de mestrado Unb. Brasília – DF, 2006 – entrevista gravada

²Entrevista gravada para a dissertação de mestrado *Kohixoti Kipaé* – memória, resistência e cotidiano Terena, dissertação de mestrado Unb. Brasília – DF. 2006 – entrevista gravada.

A partir das falas de Isac, busquei mais informações sobre a Escola Indígena Lutuma Dias³ e também observei se as gravações que realizei, seriam utilizadas pelos professores, como é o desejo de Isac Dias.

Anteriormente a esse episódio meu trabalho com os Terena já acontecia e retomei essas pesquisas para trazer mais referências sobre essa relação entre audiovisual e a cultura desse povo, o que irei relatar rapidamente aqui para a compreensão do meu papel enquanto pesquisadora que está dentro e fora do convívio da aldeia.

A minha trajetória de pesquisa, teve início durante a graduação em Radialismo, cujo tema de monografia foi a influência das telenovelas entre as mulheres Terena da aldeia Limão Verde⁴. Foi nesse período que tive acesso a uma fita k7 entregue por meu pai. Ela continha a gravação de uma saudação lacrimosa, feita por Pascoal Dias (liderança e um dos primeiros professores da aldeia, que hoje empresta seu nome para a escola Estadual da aldeia). Ao ouvir a gravação, comecei a imaginar o que se passava naquele momento, reforçado pelo depoimento do meu pai:

Quando chegamos na aldeia, Pascoal se vestiu, pegou o pife e fez essa saudação. Viu que estamos gravando e começou a falar em língua para a gente. Foi uma forma de registrar sua memória.
(Caderno de campo, 1999)

Na época da monografia, passei por uma situação semelhante. Um tio já idoso, por algumas vezes a meu ver, pegava seu pífano e perguntava se eu estava com o gravador na mão. Gravei por algumas vezes ele tocando seu pífano, até o momento em que já estava sem força e disposição física para executar as músicas tradicionais.

Não nasci na aldeia, nem no Estado de Mato Grosso do Sul, porém minha proximidade e facilidade de estar em Limão Verde e dialogar com os moradores propiciaram o acesso a informações para o desenvolvimento dessas pesquisas.

O desenrolar e amadurecimento das pesquisas e observações aconteceram gradativamente e de acordo com o meu amadurecimento pessoal.

³ A Escola Municipal Indígena Lutuma Dias atende estudantes com idade entre 6 a 20 anos, da pré-escola até o nono ano.

⁴ JESUS, Naine Terena de. *Telenovelas entre as mulheres Terena da aldeia Limão Verde*. Monografia de conclusão de curso – UFMT, 2004

Explicando a relação que estabeleço entre a pesquisa e a vida com a comunidade, acredito que o fato de observar a comunidade Limão Verde com um olhar de quem está dentro e fora do contexto cotidiano e cultural possibilitou lançar indagações sob pontos de vista com variantes distintas: o de quem está dentro, observando como as ações se desenrolam no cotidiano e na cultura, e o do pesquisador, que conta com informações e experiências distintas.

Mesmo não nascendo na comunidade, sempre fomos para a aldeia ao menos uma vez ao ano, nas férias, datas comemorativas e outras ocasiões. São 33 anos de convivência, e de reconhecimento. Primeiro, numa observação infantil, que se delicia com o meio ambiente e suas particularidades, que nos oferecem uma paisagem exuberante e fartura em alimentação.

Depois ao reconhecer a cultura, expressada no pouco entendimento do idioma falado pelos adultos enquanto ainda éramos crianças, no toque do píforo e do tambor, nas danças tradicionais, na relação com outros jovens em uma fase posterior, onde se pode conhecer anseios e desejos daqueles que residem na aldeia em relação ao que se pretende um outro “desaldeado”.

Por fim, uma aproximação maior com os idosos, que nos receberam e celebraram nossa presença com a memória viva e que tem movido as minhas formações acadêmicas a respeito do povo Terena, já que à primeira vista, os visitantes podem estranhar a constante e grande assimilação da cultura não-indígena dentro da comunidade e dificilmente poderá observar arraigado no cotidiano a presença da cultura xané⁵, sendo necessário frisar que este contato extenso foi motivado principalmente pelos fatores históricos.

Retomando então a imersão na Escola Indígena Lutuma Dias, durante as pesquisas encontrei referências sobre a utilização da tecnologia audiovisual entre os Terena durante a leitura do Projeto Político Pedagógico (2000) da escola.

⁵ Xané é como o Grupo Terena se autodenomina e significa “nós”.

Nele percebi algumas palavras-chaves que sugerem o início da pesquisa em campo e principalmente, com relação ao que cito anteriormente, sobre as funções adquiridas pelo audiovisual dentro das comunidades indígenas⁶.

O texto faz algumas referências à utilização de elementos audiovisuais na escola, o que a princípio foi pouco colocado em prática até os dias de hoje.

A observação *in loco* foi fundamental para a pesquisa, principalmente no que diz respeito à estrutura física e aos materiais didáticos disponíveis na escola, para observarmos a utilização do audiovisual.

Com relação à estrutura física da escola, pude observar uma sala de vídeo, que algumas vezes é utilizada para que as crianças assistam a filmes durante as aulas. Em contrapartida, alguns professores não sabem manusear os equipamentos como o projetor de imagens e o computador, mas que acreditam na utilização desse recurso em disciplinas gerais e em Língua e Artes Terena.

Em suma, o apanhado das informações coletadas, são apresentadas da seguinte forma:

Capítulo 1 - Cotidiano, cultura e educação entre os Terena

Capítulo 2 - Educação Escolar Terena: reflexões dos professores indígenas e a Escola Municipal Indígena Lutuma Dias.

Capítulo 3 - Tecnologias na escola: experiências educacionais na Escola Indígena Lutuma Dias

As três partes foram compostas de forma a contemplar os questionamentos:

Quais os motivos levam os educadores Terena a utilizarem o audiovisual como material didático? A educação oferecida pela escola indígena municipal Lutuma Dias atende aos requisitos para ser considerada diferenciada?

Para se obter o retorno a tais questões, as referências bibliográficas contemplaram a leitura das seguintes temáticas:

⁶ Manutenção da cultura tradicional, preservação da memória e para a luta política.

Educação escolar indígena no Brasil - o objetivo era verificar o processo histórico transcorrido para a instituição do direito de uma educação escolar indígena diferenciada. Na pesquisa evidenciaram-se as dificuldades e percalços que são vividos até os dias de hoje pelos povos indígenas em garantir seus direitos constitucionais. Como fonte desse levantamento textos sobre autonomia e protagonismo indígena nas políticas públicas, história da educação escolar em diferentes povos indígenas, formação de professores indígenas, avanços e impasses para a implantação da escola indígena, Leis e Decretos instituídos pelo Governo Federal e a Constituição Nacional de 1998, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971, foram as principais fontes utilizadas.

Com relação aos momentos da educação escolar indígena no Brasil, observo como referência de estudo, a três divisões realizadas por Darci Secchi (2007).

O primeiro momento, segundo este autor, segue até o começo da década de 1970, onde as iniciativas eram voltadas para as comunidades indígenas e raramente contaram com o seu envolvimento.

A participação dos índios se dava como prestadores de serviços em funções necessárias para a implantação ou a manutenção das atividades dos postos: “tratavam-se apenas de ações localizadas em áreas indígenas com o objetivo de explícito de suplantar a diversidade cultural. Os índios permaneciam fora do processo decisório e das políticas a eles dirigidas” (SECCHI, 2007, p. 17).

Secchi (2007, p. 16) descreve que o segundo momento, seria entre os anos 70 e meados da década de 80:

É nesse período que surgem as iniciativas oficiais voltadas para integração nacional e para o desenvolvimento do Centro-Oeste e da Amazônia. No interior desses Programas, as políticas públicas voltadas para as sociedades indígenas atenderam a objetivos tais como captar empréstimos externos, reduzir os conflitos com as frentes de ocupação e amenizar o impacto decorrente da redução de territórios indígenas. (SECCHI, 2007, p. 17)

O terceiro momento segundo Secchi consolidou-se na década de 1990 e se estende até os dias atuais. Sua principal característica é a tentativa de inclusão das

sociedades indígenas no âmbito das políticas públicas voltadas as populações desassistidas.

Secchi (2007) assegura que os projetos educacionais neste momento estão associados a projetos similares no campo da economia, da saúde e da segurança alimentar. Para a sua execução, os projetos aprovados por Comitês tendem a ser implantados majoritariamente por comunidades proponentes e são assessorados por técnicos vinculados a instituições parceiras.

Quanto a esse modelo de política pública, o autor ressalta que seria um grande avanço com relação aos períodos anteriores, porém existe ainda a limitação de ser gerido por equipes não-indígenas.

Para o período atual, Secchi fala de protagonismo indígena, caracterizado pela projeção para o futuro que tem seu nascedouro no próprio movimento indígena, como citado anteriormente:

Concebe políticas públicas como partes integrantes do plano de vida de um povo ou de uma comunidade. Considera os projetos educacionais e de desenvolvimento em seus múltiplos aspectos e supõe a participação indígena em todas as suas fases: definição, planejamento e administração dos recursos e das ações, acompanhamento, avaliação e registros. (SECCHI, 2007, p.18)

Esse último momento apresentado por Secchi remeto para a utilização das tecnologias de comunicação, onde, nesse período contemporâneo os indígenas são os contadores de sua própria história, através da tecnologia. Com ela são capazes de mostrar sua cultura, realizar a reivindicação política, e fazer com que ela chegue aos mais distantes centros de poder, como afirma Gallois e Carelli:

Os registros em vídeo são principalmente utilizados em duas direções complementares; para preservar manifestações culturais próprias a cada etnia, selecionando-se aquelas que desejam transmitir as futuras gerações e difundir entre aldeias e povos diferentes; para testemunhar e divulgar ações empreendidas por cada comunidade, para recuperar seus direitos territoriais e impor suas reivindicações. (GALLOIS; CARELLI, apud RIVAS, 2012, p. 37).

Mapeamento de informações sobre a história da educação escolar em Mato Grosso do Sul: O levantamento realizado sobre a história da educação em Mato Grosso do Sul teve a intenção de verificar a presença do povo Terena nas reivindicações para a implantação da escola indígena diferenciada. Era necessário compreender a importância da educação escolar para esse povo e em especial para os moradores da aldeia Limão Verde.

Para isso, a pesquisa contemplou levantamentos de bibliografias como teses, dissertações e monografias e também em documentos oficiais, que serão apresentados com mais detalhes no segundo capítulo. Esta parte da pesquisa apresentou algumas dificuldades para que eu pudesse traçar o trajeto histórico da constituição da educação escolar indígena no estado de MS de forma cronológica⁷, pois observei a escassez de documentação e referências bibliográficas que apresentassem o percurso percorrido para a constituição da educação escolar neste estado. Verifiquei que a documentação em sua grande parte, trata do tema antes da divisão do estado (MT e MS) que ocorreu no ano de 1977.

Diante de tal fato, procurei então trabalhar com as informações pós-divisão para melhor compreensão do contexto em MS nos dias de hoje.

Para isso, utilizei informações levantadas nos arquivos públicos de Mato Grosso do Sul, no centro de documentação da Universidade Federal da Grande Dourados, na Biblioteca municipal de Aquidauana e Campo Grande.

Muitos documentos pertencentes à Fundação Nacional do índio, de acordo com informações locais, foram encaminhados para Brasília e outras unidades, o que dificultou o acesso a muitos deles. Os dados adquiridos através dos documentos oficiais foram sistematizados em quadros disponíveis no anexo da tese.

Dentre as obras consultadas estão à tese de doutorado do professor Terena Wanderley Dias Cardoso, que tratou da história da Educação Escolar e o desenvolvimento do Ensino Médio na aldeia Limão Verde; a dissertação de mestrado de Rosely Fialho, que apresenta os subsídios para a compreensão da Educação Escolar indígena Terena do Mato Grosso do Sul; o Projeto Político Pedagógico da Escola

⁷ A escassez de documentação sistematizada é visualizada pela dificuldade em estabelecer a ordem cronológica dos fatos, deixando em alguns momentos na tese, um período bastante grande sem informações.

municipal indígena Lutuma Dias; circulares expedidas pela Secretaria de Educação de MS e por entidades envolvidas com a causa indígena; decretos e leis do Governo do Estado do Mato Grosso, leis do município de Aquidauana. Esses documentos datam desde a década de 1940 até os dias atuais.

Educação Indígena e História do Povo Terena: as entrevistas com os professores Terena e as observações de campo, foram os principais alicerces para compreender a educação Terena, já que, ao compreender o contexto em que são criados, são capazes de nos fornecer elementos para a compreensão das dificuldades que envolvem a educação formal dentro da aldeia.

Também utilizei autores como Florestan Fernandes, que apresenta aspectos da educação na sociedade Tupinambá, Clarice Cohn, que oferece informações sobre a criança, o aprendizado e a socialização na antropologia e Daniel Munduruku, que trata da educação indígena de uma forma geral.

Junto ao estudo da educação indígena, e em especial a educação Terena, fez se necessário traçar um breve percurso observando as particularidades e aspectos mais marcantes da cultura tradicional. O material sobre o povo Terena é bastante rico e na sua utilização procurei sempre contextualizar com o momento atual, vivenciado pelos Terena de Limão Verde - MS.

Empreguei como referência, obras que apresentam o percurso histórico, cultural e de subsistência, levantamentos antropológicos e registro de memória dos anciões de Limão Verde. Autores como Casteunau, Roberto Cardoso de Oliveira, Gilberto Azanha, Taunay, Maria Elisa Ladeira, Altefender Silva e Circe Bittencourt, dentre outros autores, auxiliaram na construção do perfil do povo Terena.

As visitas a campo foram realizadas com a intensão de promover a observação *in loco* e realizar entrevistas com professores Terena. Ao total foram realizadas 16 entrevistas com todos os educadores Terena da Escola Indígena Lutuma Dias. Dentre eles estavam os professores concursados e contratados.

As entrevistas foram gravadas em vídeo e levei em consideração o grau de intimidade entre entrevistador e entrevistado, aproveitando o fato de que estou sempre em contato com os professores e a comunidade de forma geral, o que gerou uma sensação de segurança nas falas proferidas pelos professores.

Optei por filmar com uma câmera fotográfica, para que o aparato não trouxesse constrangimento pelo seu tamanho e acessórios. A câmera de formato e tamanho mais discreto facilitou nossa interação durante a entrevista.

As entrevistas buscaram a memória dos educadores entrevistados acerca da infância para verificar os pontos diferenciadores da educação Terena e da educação não-indígena. Também obtemos relatos sobre a formação escolar e acadêmica, procurando refletir sobre o que pensam de forma específica acerca da Educação Escolar Indígena, a cultura Terena e a Educação Indígena de forma geral. Essas informações serão apresentadas no decorrer dos capítulos desse relatório.

Para a leitura de cada uma delas, embasei na pesquisa em métodos ligados à história oral. Para isso utilizei autores que escreveram sobre a temática e busquei orientações sobre como trabalhar as entrevistas na perspectiva da história oral.

Em uma das principais definições que utilizo sobre a História Oral, Verena Alberti afirma que: “ela (a História Oral) consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2005, p. 155).

Ainda de acordo com Alberti, é importante destacar que não se deve considerar que os relatos sejam a verdade do povo, mas observar como “pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (ALBERTI, 2005, p. 165).

Já Leite (2009) ao citar Montenegro, afirma que a memória “é resultante da vivência individual e da forma como se processa a interiorização dos significados que constitui a rede de significações sociais” (MONTENEGRO *apud* LEITE, 2009, p.19), o que podemos verificar na fala dos professores entrevistados quando buscam na memória as suas próprias experiências e experiências do grupo onde estão situados em relação ao tema proposto nos questionamentos.

Ao citar Pollak, Leite (2009) afirma que ao se optar em trabalhar com a história oral de vida, empreendemos o trabalho de recolher memórias individuais sobre um tema particular ou coletivo, quando elas envolvem temas de extensão ao grupo social do entrevistado. Segundo Pollack:

A Memória pode ser composta por acontecimentos individuais, quando experimentados individualmente e coletivos quando vividos pelo grupo ou coletividade a qual o entrevistado se integra: personagens encontrados na vida ou coletividade a qual o entrevistado se integra. (POLLACK apud LEITE, 2009, p. 19).

Nesse contexto, procuro através dos relatos verificar quais elementos os professores apontavam como diferenciadores da Educação Indígena com a não-indígena, a fim de compreender como eles veem a sua própria identidade e a identidade de seus alunos.

A opção por utilizar a história oral se deu também, levando em consideração as informações de Freitas (2004) sobre a utilização dessa técnica junto a povos indígenas. Escreve o autor:

Lembramos a importância do registro oral para o resgate da história indígena do Brasil, ou sendo, ainda mais claro, para que se dê voz ao índio, que se escute e se produza um conhecimento histórico a partir do relato, narrativa, do que o índio tem para expressar. (FREITAS, 2004, p. 184)

Esse autor salienta ainda que fazer "história oral indígena, então, é realizar esta tarefa de maneira mais profunda possível, pois se trata de contatar o outro, no sentido pleno da conceituação cultural" (FREITAS, 2004 p. 285).

Sobre a Educação Indígena, extraí as memórias citadas por cada entrevistado para contextualizar a educação Terena na aldeia Limão Verde, dialogando com autores que tratam da educação entre os povos indígenas brasileiros.

No primeiro momento foram entrevistados os professores concursados que hoje fazem parte do quadro efetivo da Escola Municipal Indígena Lutuma Dias e duas professoras das disciplinas específicas: Língua e Arte Terena.

O fato de serem professores efetivos me pareceu interessante, já que os mesmos apresentam mais autonomia para dizer o que pensam a respeito da educação escolar indígena empregada no país, no município e no Estado.

Posteriormente entrevistei professores contratados e ex-professores, que haviam deixado de lecionar recentemente, no ano de 2013.

Optei por não identificar os entrevistados pelos seus nomes, devido ao fato de tratarmos de assuntos relativos à política educacional e processos burocráticos da

escola indígena visando manter o sigilo e a identidade, já que é comum observar a existência de divergências políticas e de opiniões⁸.

O caderno de campo começou a ser escrito em abril de 2010, durante a festa comemorativa do dia do índio. Minhas visitas ocorreram até o ano de 2013. Estive em campo pelo menos 3 vezes a cada ano, sendo que as visitas tinham duração de duas semanas a três meses seguidos.

Nessas imersões realizei as observações do trabalho realizado pelos professores, pela coordenação e direção e participei de eventos internos e externos a comunidade, que envolveram a escola.

As atividades foram anotadas em caderno de campo e algumas foram fotografadas ou filmadas. A análise do material se deu no decorrer da composição da tese e dos momentos nos quais estavam relacionadas às anotações.

Compreensão do que é o currículo e disciplinas - Ao adentrar no contexto escolar procurei compreender o currículo aplicado na Escola Indígena Lutuma Dias, e abarcar o significado de um currículo. Para isso, autores como Chervel (1999), Goodson (2001) e Hamilton (1992) serviram como fonte de consulta e informação apoiando a análise da documentação disponível na Secretaria escolar.

Audiovisual indígena, comunicação, educação - Para compor a última parte desta tese, houve a necessidade de reconhecer os contextos do audiovisual produzido por cineastas indígenas e a interface entre comunicação e educação. Com relação à produção indígena, tratei de observar o processo histórico de apropriação do audiovisual por parte dos povos originários. Foram referenciados textos de Vincent Carelli (2011), o Projeto Vídeo nas Aldeias (2011), Nestor Garcia Canclinni (2009), Arlindo Machado (2007), dentre outros autores que tratam desta temática e justificam tais apropriações.

No campo comunicação-educação busquei compreender os processos educacionais através dos textos de Ismar Soares (2011), a utilização das

⁸ Esse fato não é comum apenas nas áreas indígenas, mas nas mais diferentes escolas públicas urbanas, onde quase sempre os professores com contratos temporários mantêm-se (ou são colocados) à margem das discussões políticas para não se exporem tendo em vista o processo de contratação para anos seguintes e os grupos políticos que se formam dentro das unidades escolares.

tecnologias nas escolas urbanas, e também verifiquei a existência de outras experiências vivenciadas por escolas indígenas com o audiovisual em sala de aula.

Nessa última vertente, poucos registros foram encontrados, talvez por falta de textos sistematizados tratando da temática. Uma das referências sobre isso foram os artigos de Kelly Russo, que apresentam a experiência vivenciada por professores Xavantes, em Mato Grosso. Kelly Russo (2007) analisa a produção de vídeos educativos no território Rio das Mortes, como sendo parte das relações inter-étnicas ocorridas na comunidade.

Esta autora destaca a produção dos vídeos e sua importância nas aulas de Ciências, onde foram utilizados após sua realização. Os vídeos tratam de questões como a saúde e o meio ambiente, direcionados ao público interno e externo à comunidade. Esse material foi produzido com auxílio de uma equipe de especialistas do audiovisual, professores não-indígenas e posteriormente apresentados à comunidade Xavante e nas imediações da aldeia.

Acessei outros materiais, mas nada específico sobre a escola indígena e o audiovisual foi encontrado. Muitos dos textos remetem a produção de documentários e registro do patrimônio imaterial por parte dos indígenas, que quase sempre são capacitados por oficinas oferecidas por Organizações Não Governamentais (ONGs), mas que não são produtos realizados especialmente para as salas de aula e, comumente, tem finalidade política.

Pesquisei a bibliografia produzida pelo *Projeto Vídeo nas aldeias* e outras iniciativas que envolveram os povos indígenas e as tecnologias audiovisuais. Esse levantamento será apresentado no terceiro capítulo dessa tese.

Outra fonte de informação foram minhas viagens pelo país, onde sempre observo a presença e a relação das comunidades com esses aparatos tecnológicos: câmeras filmadoras, fotográficas, celular, gravadores de áudio, tablets, entre outros elementos midiáticos.

Em 2011, no Baixo Xingu fomos recepcionados por jovens portando suas câmeras fotográficas e filmadoras. Todos queriam nos fotografar e filmar, e como disse um não-indígena presente na viagem, seria a “inversão dos valores?”. Durante essa semana na aldeia dos Juruna (45km de distância de São José do Xingu - MT), pude

observar câmeras de diferentes portes - em telefones celular, filmadoras portáteis e semiprofissionais, fotográficas e tablet em posse dos indígenas.

A curiosidade, no entanto foi de compreender o que fariam com tantas imagens. A aldeia conta com energia elétrica, mas nenhum aparelho de televisão.

No decorrer do dia, foi possível ver grupos de pessoas assistindo as gravações que haviam realizado – era o que batizei de “televisão Juruna”. Esse fato me chamou a atenção e me proporcionou mais reflexões acerca da minha pesquisa, que tem questionado o porquê da utilização do audiovisual na Escola Indígena Lutuma Dias como material didático.

Capítulo 1 Cotidiano, cultura e educação entre os Terena

Nesse capítulo trarei informações acerca da cultura, cotidiano e processos educacionais do povo Terena, principalmente destacando os dados que apresentam particularidades e aspectos que caracterizam esse povo no século XXI.

Ao realizar as leituras para esta pesquisa, procurei contextualizar todos os textos utilizados como referência histórica e antropológica com o momento atual vivenciado pelos Terena da aldeia Limão Verde - Aquidauana/MS, a fim de melhorar a compreensão sobre o modo de vida contemporâneo dos Terena, processo educacional existente dentro desta comunidade e sobretudo, compreender como a presença da escola tem interferido no cotidiano da aldeia.

1.1 O Povo Terena

No Brasil, atualmente, a população média do Povo Terena é de 19.129⁹ pessoas em todo o país. Já a aldeia Limão Verde tem cerca de 1.600 habitantes¹⁰.

Os primeiros contatos aconteceram no século XVI, conforme narrações de Cabeza de Vaca, Governador de Assunción, no Paraguai. A vinda para o Brasil aconteceu entre os séculos XVIII e XIX, ocupando terras nos arredores do Presídio de Coimbra, hoje denominado Forte de Coimbra, situado em Corumbá, no Mato Grosso do Sul (Jesus, 2005, p. 42 *et seq.*).

A migração desses grupos para o outro lado do rio Paraguai se deu aproximadamente em 1760, devido ao alcance dos espanhóis aos territórios *Mbayá*. A permanente aproximação espanhola dessas áreas caracterizava pressões constantes, que juntamente com disputas internas por prestígio guerreiro, trouxeram-nos à margem oriental do rio. Roberto Cardoso de Oliveira (1976, p. 26) destaca que os subgrupos

⁹ De acordo com os dados da Fundação Nacional de Saúde/Rede Nacional de Estudos e Pesquisas em Saúde dos Povos Indígenas – Funasa/Renisi 2005. Disponível em: https://sis.funasa.gov.br/portal/detalhe_dsei.asp?strcddsei=20.

¹⁰ Dados apresentados pelos agentes de saúde da aldeia.

Guaná-Txané que se estabeleceram a leste do Chaco mantiveram nesse território a organização tradicional, assim como as roças.

Segundo Schuch (1995), milhares deles, em levadas sucessivas, acabaram sendo aldeados em Albuquerque, que, em 1819, se transformou na Missão de Nossa Senhora da Misericórdia, administrada pelo Frei Macerata¹¹.

Viajantes que tiveram contato com os Chané-Guaná, como Francis Castelnau e Félix Azara, realizaram observações sobre o modo de vida desses povos e seu cotidiano. Francis Castelnau narra que:

Em 5 de abril (1845) fomos visitar o aldeamento dos Terenos, índios que pertencem à mesma nação dos precedentes (Guanás) (...) O aldeamento que íamos visitar fica, em linha reta, duas léguas e um terço a nordeste de Miranda [...] compõe-se o aldeamento de umas cem ou cento e dez casas, unidas umas às outras. Estas formam um imenso rancho coberto de palmeira e estão dispostas em círculo, à volta de uma grande praça central (...).(CASTELNAU apud SOUZA, 1973, pp. 227-230)

Na aldeia Limão Verde essa constituição física não existe mais, tendo sido adotado o sistema de quadras e ruas, remetidas ao formato empregado pelo Marechal Cândido Rondon:

Em 1905, o Marechal Cândido Rondon, determinou a demarcação das Reservas Terena nos Municípios de Aquidauana e Miranda. O Sistema de Proteção ao Índio (SPI) instalou em 1918, o primeiro Posto Indígena na aldeia Cachoeirinha. Em 1920, as reservas indígenas tornaram-se ponto de apoio para o reagrupamento das famílias, assim como uma nova forma de apropriação do espaço tribal, ou ainda, da reafirmação da identidade. (JESUS, 2006, p. 27)

Criou-se então, dentro das Reservas Terena a função de encarregado de Posto, que era um mediador entre os próprios indígenas e a comunidade externa, ocupando-se da manutenção da ordem, como cita Gilberto Azanha (2001), ao dizer que a presença dos postos indígenas tinha o intuito de impor aos índios o confinamento da sua força de trabalho aos limites das reservas, pois mesmo depois, quando se

¹¹ Schuch in JESUS, Naine Terena. Kohixoti Kipaé –Memória resistência e Cotidiano Terena, UnB, 2006, p. 16.

configurou uma situação de verdadeira clandestinidade, jamais interromperam suas incursões às áreas externas à reserva.

Felix Azara descreve no século XVII, que:

À época da chegada dos espanhóis, os Guaná iam, como atualmente vão, se reunir em bandos aos Mbayá para lhes obedecer, servi-los e cultivar suas terras. É verdade que (essa) escravidão é bem doce, porque o Guaná se submete voluntariamente (AZARA, apud OLIVEIRA, 1976, p. 32).

Quanto ao sistema político-social, Oliveira (1976) diferencia os clãs em camadas da seguinte forma: Naati, os chefes; Unati Chané, o “povo bom”; Wahere Chané, que compreendiam os trabalhadores e os cativos. Além desses, existiam os Shunachati, que eram os homens de guerra. Outra estratificação se baseia na dualidade, sendo os Xumonó (gente brava) e os Sukirikionó (gente mansa).

Atualmente podemos observar essa estratificação nas comunidades Terena de Aquidauana e, em especial em Limão Verde, mesmo que muitas famílias Terena da localidade não nominem ou denominem tais clãs, conforme narra Oliveira (1976).

Em Limão Verde, observamos a existência dos Naatis e dos Wahere Chané. Dentro desses clãs podemos observar que os trabalhadores (Wahere Chané) e o povo (unati chané) podem ascender à função de cacique e conselheiros tribal (Naati), através de uma eleição, realizada de quatro em quatro anos na aldeia.

Maria Elisa Ladeira (1999) avalia que a identificação entre os Terena tem sido realizada através da aldeia de origem:

Se antes o pertencer a uma das metades cerimoniais (Xumonó e Sukirianó) era para os Naati e Wahere uma referência definidora de sua identidade e possibilidade de relações sociais (e matrimoniais), na atualidade estes padrões são referidos através do pertencer a uma aldeia, aquela em que se nasceu. (LADEIRA, 1999, p. 11)

Pude verificar durante a pesquisa e também na convivência com os demais Terena, essa identidade regida pela aldeia a que pertencem. Isso por que nas visitas de campo a outras aldeias, a primeira pergunta realizada para identificação enquanto Terena era a aldeia a que pertencia.

Isso aconteceu comigo durante uma oficina de capacitação em audiovisual realizada na aldeia Lagoinha, também pertencente ao município de Aquidauana - MS. Durante as apresentações, um ancião de Limão Verde atestou minha identidade indígena dizendo que, eu era de Limão Verde, pois embora eu não residisse na aldeia, minha mãe e meus avós eram pertencentes àquela comunidade.

Em *Do Índio ao Bugre*, Roberto Cardoso de Oliveira (1976), sintetiza alguns aspectos tradicionais da cultura Terena como a técnica de tecelagem, da manufatura da mandioca, do fabrico de farinha, dos trançados e de muitas outras atividades. Em Limão Verde, a produção de tecelagem e atividades artesanais¹² como a cerâmica, não são frequentes, sendo o ponto forte dessa comunidade a produção agrícola, que é um dos principais aspectos socioculturais dos Terena.

Mesmo sendo ainda um dos traços mais marcantes da cultura Aruak, algumas aldeias tem tido a produção reduzida devido à falta de terras férteis para a plantação. Em Limão Verde ainda é possível observar grandes roças, mescladas à criação de gado e animais de pequenos portes, sendo que esses são alocados em terras menos férteis para o plantio.

Os principais marcos da história dos Terena no Brasil foram a Guerra do Paraguai, ocorrida na segunda metade do século XIX e a construção da ferrovia Noroeste do Brasil, no começo do século XX. Martins (1992) escreve que esses momentos contribuíram para a desestabilização social, política e religiosa dos Terena, com a transmissão de doenças, a miséria e a perda dos territórios que habitavam.

Silva (1949) constatou que a história dessa sociedade foi dividida em duas a partir da Guerra com o Paraguai. Segundo o autor, até o começo da guerra, existia uma sociedade tradicional, que com o fim do conflito, compôs uma outra sociedade, diferente da anterior, mas construída a partir de fragmentos dela.

Maria Elisa Ladeira (1999) entende como fundamental marco na história dos Terena os tempos de servidão, período em que os Terena estavam dispersos em fazendas da região de MS. Segundo esta autora, a demarcação de algumas áreas por

¹² Muitas pessoas dessa comunidade preferem a produção nas roças, pois a renda gerada por elas são maiores do que os produtos artesanais. Outro fator que influencia a produção artesanal é a falta de recursos naturais para a confecção de artefatos. Mesmo com tais dificuldades, algumas famílias se dedicam a produção artesanal, como colares, saias de palha, pulseiras, entre outros.

volta dos anos de 1904 e 1905, possibilitaram certa reestruturação da vida comunitária e o retorno de muitas famílias que se encontravam vivendo nas fazendas.

Castelnau (1949) escreve que durante o período em que passou pela comunidade observou dentre as funções desenvolvidas pelas mulheres atividades de cunho artesanal:

(...) umas cosem contas de vidro em panos raiados em algodão, outras cortam e arranjam penas vermelhas que fazem ornatos para a cabeça; outras ainda desenhavam no corpo de seus maridos delicadas pinturas, quando eles próprios não se encarregam de se sarapintar.
(CASTELNAU, 1949, p. 304).

Atualmente pouco se pode presenciar dessa produção de artefatos no dia a dia de muitas aldeias. Pinturas, ornamentos e outros objetos de uso tradicional também acabam sendo acessórios utilizados apenas em datas comemorativas, em especial no dia do índio.

Com relação à religiosidade tradicional, a presença dos *koixomineti* (pajés) tem sido escassa. Segundo professores Terena, a função de *koixomineti* foi reprimida na maior parte das comunidades Terena, já que alguns dos praticantes utilizavam seus dons mágicos para “fazer o mal” aos inimigos. Outro fato citado por alguns deles, é a entrada das missões de evangelização nas comunidades Terena.

Durante a pesquisa de campo, pude gravar junto a um grupo de professores indígenas, uma pajelança em outra aldeia Terena de Aquidauana. A gravação fazia parte do trabalho desenvolvido por educadores da Escola Indígena Lutuma Dias, que escolheram o tema para um material didático de ensino de artes e cultura Terena.

Foi produzido um texto, que auxiliado pela gravação levarão aos estudantes mais informações sobre a prática de pajelança, já que em Limão Verde, a figura do pajé já não existe mais.

Segundo este texto, os dons espirituais eram repassados para o filho mais velho. A entrevista foi realizada com dona Lipé, Koixomoneti que vive na aldeia Água Branca, distrito de Taunay em Aquidauana:

Antigamente existiam pajés em todas as aldeias e hoje, só em algumas. Marcelina avó de dona Lipé morreu e levou a força e a sabedoria com ela, não deixou com nenhuma das filhas e netas, pois ela havia previsto que essa força de cura, levaria outros Koixomoneti a fazerem maldades com outros xamãs já que eles conheciam todos os remédios caseiros e raízes curativas. (Dona Lipé, entrevista realizada em 2012).

Nos dias de hoje, as principais marcas da cultura Terena são a execução das danças do Kohixoti Kipaé (dança do bate-pau) e o Siputrena (ou putu-putu). O Kohixoti Kipaé, de acordo como Oliveira (1976) consiste numa série de evoluções de dois grupos, "os harará-it (vermelho) e hononó-iti (azul), armados de bодоques e bastões, dançando ao som de uma pequena flauta de bambu e tambor" (1976, p. 46).

O Kohixoti Kipaé é realizado até os dias de hoje, em especial, durante datas comemorativas ou que marcam momentos importantes para os Terena, como as retomadas de terra, ou ganho de alguma causa. Embora a tradução signifique "dança da ema", a dança ganhou o nome de bate-pau, devido a coreografia que utiliza de bastões que se batem e cruzam cadenciadamente.

FOTO 1: DANÇA KOHIXOTI KIPAÉ - FESTA DO DIA DO ÍNDIO NA ESCOLA.



FONTE: A autora (2013)

Essa dança era exclusivamente masculina, porém, algumas aldeias aceitaram a incorporação de mulheres em seu contexto. Em Limão Verde, um dos vários grupos que realizam a dança, contam com a participação de meninas. Em visita de campo realizada em 2010, nos foi explicado esse fato. Segundo um dos homens que participam da dança, "a permissão para as mulheres participarem se dá pelo fato de que elas estão ativas nas lutas e participam de todas as ações da aldeia" (Caderno de campo, 2010).

A dança do Siprutena¹³ é uma dança feminina e também é conhecida como joga a bunda (putu-putu), devido ao movimento realizado pelas mulheres com o quadril. Ela é muitas vezes executada após o kohixoti kipaé e a memória dos moradores da aldeia Limão Verde explicam a existência dessa sequência.

FOTO 2 - MENINAS DANÇANDO O SIPUTRENA NO DIA DO ÍNDIO NA ESCOLA



FONTE: a autora (2013).

O Kohixoti Kipaé é uma dança que representa a luta dos Terena nas diferentes guerras que participou. Os dois grupos cenicamente se confrontam e a dança encerra quando o cacique do grupo vencedor é erguido pelos seus companheiros. Após esse

¹³ A forma de escrita correta dessa palavra não foi encontrada. Já realizei leituras como siputerena, siputrela e siputrena.

ato, a dança parte para seu encerramento e abre espaço então para as mulheres comemorarem a vitória (Caderno de campo, 2011).

Tive a oportunidade de ver como a siputrena acontece em um evento histórico no ano de 2011. Após a concretização da demarcação de uma área da aldeia Limão Verde, um grande grupo de “guerreiros” da aldeia retornou festejando a vitória. Ao chegarem no pátio da aldeia, muitas mulheres aguardavam o cacique, que ao descer do carro, foi rodeado por elas, dançando a siputrena.

Outras danças registradas por antropólogos na década de 1970¹⁴ não foram presenciadas no decorrer da pesquisa, nem anteriormente a ela, quando começamos a visitar a aldeia Limão Verde, há mais ou menos 30 anos atrás. Também não tivemos conhecimento de que são realizadas em outras aldeias, ficando essas duas manifestações, como sendo as características dos Terena contemporâneo.

1.2 Aldeia Limão Verde

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1976, p. 80): “a aldeia Limão Verde existe desde a Guerra do Paraguai (1864) e foi fundada por João Dias, bandeirante paulista que vivia com uma índia Terena”.

A criação da aldeia também é narrada por Isac Dias, descendente do indígena Lutuma Dias. Segundo Isac, Lutuma era empregado de João Dias, citado por Roberto Cardoso de Oliveira. Nas narrativas de Isac não constam a participação de João Dias como fundador da aldeia, e sim, de Lutuma e sua família. Afirmo em minha dissertação de Mestrado:

¹⁴ Roberto Cardoso de Oliveira fala da dança dos Cavalinhos e uma Cerimônia denominada Oheokoti. Essa última englobava várias atividades inclusive a Dança dos Cavalinhos, o Kohixoti Kipaé e o Siputrena. Em 2013 tive a notícia que a aldeia Bananal iria realizar uma cerimônia que não era realizada a mais de 20 anos, porém não conseguimos identificar qual seria ela.

Na informação repassada por Isaac em pesquisa de campo, a participação direta de João Dias não tem o papel de fundador da aldeia. Esse fato se alinha ao que Pollack (1992, p. 201) chama de 'constitutivos da memória individual ou coletiva', que 'em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos vividos por tabela; acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa se sente pertencer'.

(JESUS, 2006, p.46)

Isac assegura ainda que alguns Terena vieram do Chaco Paraguaio para o Brasil, com o intuito de fugir de brigas inter-étnicas¹⁵. Ao chegar ao Brasil, na região que compreende hoje Mato Grosso do Sul, muitos se dispersaram para regiões diferentes. Os Terena que foram para a região de Aquidauana depois de algum tempo trabalharam com João Dias, o bandeirante paulista, citado por Roberto Cardoso de Oliveira. Entre eles estava seu avô, fundador da aldeia Limão Verde, que posteriormente levou outros Terena para a região (narração oral para a pesquisadora, gravado em vídeo em 2005).

Seguindo em seu relato, Isaac contou que os Terena começaram a trabalhar por conta própria e logo foram em busca de mais patrícios para trabalharem nas terras, que estavam sendo habitadas por diversas famílias Terena.

Esses índios teriam se estabelecido primeiro em Miranda e depois desceram até a região de Aquidauana em busca de novos patrões para se empregarem. O nome Limão Verde, diz ele, foi escolhido por causa de um pé de limão que existia na beira do córrego que cruza a área hoje habitada por eles, denominada de córrego João Dias (narração oral para a pesquisadora, gravado em vídeo em 2005).

A aldeia está localizada no município de Aquidauana em Mato Grosso do Sul. Quanto à situação fundiária, através do Decreto nº 795 de 1928 do Governo do Estado do Mato Grosso foi destinada uma área de 2.500 hectares aos indígenas do Limão Verde.

No período de 1950, Cardoso de Oliveira (1976, p. 80), dizia que “Limão Verde é a única comunidade Terena cujas terras não foram demarcadas e que, apesar de algumas tentativas do Sistema de Proteção ao Índio (SPI) no sentido de reservá-las, continuam a pertencer à municipalidade de Aquidauana”.

¹⁵ Isaac conta que no Chaco Paraguaio acontecia muitas brigas entre os povos da região, principalmente porque os Terena dominavam a agricultura e tinham facilidade em lidar com os brancos da região.

Roberto Cardoso de Oliveira explica que, até os anos 1960, os filhos e netos de João Dias passaram a herdar a chefia tanto do núcleo de Limão Verde como de Córrego Seco, um núcleo que faz parte da aldeia Limão Verde.

A aldeia conta também com os núcleos Buriti e Cruzeiro, formados especialmente por grandes grupos familiares. Segundo o autor, a composição étnica desta Reserva, naquele período, era mais variada do que Lalima (uma outra aldeia existente na região de Mato Grosso do Sul¹⁶):

“Apenas no núcleo Limão Verde há 10 famílias brasileiras e 2 paraguaias, além de muitos mestiços de origem Terena. Em Córrego Seco, entretanto, só há famílias Terena, com toda certeza devido a sua situação geográfica, mais retirada”. (OLIVEIRA, 1976, p. 80-81).

Isaac Dias afirma que a primeira indicação para a demarcação das terras de Limão Verde aconteceu em 1970 e foi feita por um vereador. Logo a indicação foi encaminhada para o Presidente da Funai, Oscar Jeronymo Bandeira de Mello, que demarcou uma área de 1.750 hectares para os Terena.

Dias aponta ainda, que a população era pequena naquela época e que a luta para a ampliação foi morosa e complicada. Sobre as demarcações ocorridas em Limão Verde, Gilberto Azanha informa:

Em 1990, após vários deslocamentos dos Terena de Limão Verde a Brasília, a FUNAI criou um Grupo Técnico para regularizar em definitivo a situação fundiária desta Reserva. Depois de uma batalha judicial de alguns anos, finalmente em julho de 1998, o Ministro da Justiça declarou a área delimitada pelo Grupo de Trabalho em 4.886 hectares, como ‘de ocupação tradicional indígena’. Mas somente em 2001 a FUNAI começou a pagar as benfeitorias para extrusão dos chacareiros, processo este que ainda hoje vem se realizando, e novamente tem sido motivo de mobilização, já que a última desapropriação, ainda não foi paga aos fazendeiros que residiam na região. (AZANHA in JESUS, 2006 p. 43)

A área de Limão Verde passou a ter uma superfície de 5.377 hectares, tendo sua homologação em 10 de fevereiro de 2003. Para essa homologação, Isac afirmou que houve grande mobilização da comunidade. Dentre as ações, os Terena fecharam por

¹⁶ Em Mato Grosso do Sul existem cerca de 10 aldeias Terena, distribuídas em sete municípios.

alguns dias, as pontes que são vias de acesso entre os municípios nas proximidades da aldeia.

Em setembro de 2011, foram reintegrados 392 hectares da Fazenda Santa Bárbara, que desde 1996 estava em processo de julgamento. A área foi declarada terra indígena de acordo com os laudos antropológicos e argumentos apresentados pela Funai.

A liderança da aldeia é composta por cerca de 10 membros, sendo eles um cacique e seus conselheiros (formado geralmente por anciãos da comunidade). As funções de cacique e capitão são exercidas pela mesma pessoa, pois não existe uma diferenciação de ações realizadas por essas duas lideranças.

Participam também dessa composição, outros membros da comunidade, como a direção da escola, representantes de igrejas, presidentes de associações da comunidade, entre outros colaboradores, incluindo aqui, a representação da Comunidade Cruzeiro e do Buriti.

Existem duas escolas, sendo uma gerenciada pela Prefeitura Municipal de Aquidauana e a outra pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. Ambas as escolas já contam com professores Terena, sendo a escola de nível Fundamental dirigida e coordenada por Terenas da aldeia. A escola do Estado tem na direção uma não-indígena devido às regras aplicadas nas escolas do Mato Grosso do Sul. Segundo essas regras, para ocupar o cargo de direção da escola, o servidor deve ser concursado. Nesse caso, a escola apresenta apenas um servidor concursado que até o presente momento não teria a formação superior necessária para assumir a direção da escola.

Em Limão Verde, a principal fonte de renda é advinda da agricultura, do serviço militar, da changa¹⁷ e da escola. Alguns moradores da comunidade recebem benefícios governamentais como: cesta básica, bolsa escola, salário maternidade (ajuda de um salário mínimo por um período de quatro meses após o parto, uma vez que é levado em consideração que nesse período as mulheres não podem ir para a roça ou para a feira).

¹⁷ Trabalhos temporários, geralmente nas fazendas que estão na região de Aquidauana.

Existem períodos reservados para o bom plantio e a colheita. Esses períodos são regidos pelas fases da lua e pelo ciclo de chuvas. Embora sigam as regras, algumas famílias arriscam plantar fora desses períodos para colher produtos para a venda. Plantam mandioca, feijão, cana, frutas e outros tipos de alimentos que são coletados e vendidos pelas mulheres em feiras de Campo Grande e Aquidauana.

O trabalho de plantio é geralmente familiar. Homens e mulheres vão a roça plantar e colher. Porém, o trabalho de venda é quase exclusivo das mulheres, embora já tenhamos avistado um homem realizando tal função.

Ao ir às feiras, as mulheres geralmente levam as crianças menores, ou quando não é possível, deixam com os filhos mais velhos. A renda é toda revertida para o bem estar da família, principalmente na alimentação. Os produtos vindos da aldeia abastecem os mercados da região, sendo enviados a outros Estados quando alcançam uma maior produção, como é o caso da manga, fruto que é enviado a cidades como Campo Grande, Rio de Janeiro e São Paulo.

FOTO 3 - MULHERES NA FEIRA EM AQUIDAUANA/MS



Foto: João Matias(2012)

1.3 Educação Terena

...o que é essa alma? Essa alma é viver o Terena, colocar na escola o sentimento Terena, o sentimento indígena, coisa que nós não conseguimos fazer, por que eu vejo que as Secretarias de educação de MS, que eu conheço bem, os secretários de educação, o que é bom para eles? Eles fazem o que é bom para eles, eles não têm visão do que é bom para nós, por que eles não conhecem o que é bom para nós, eles não têm sentimento indígena, eles não têm alma indígena. Então quando é que nos vamos chegar a isso se nós não conseguirmos ter essa autonomia?

(Professora Terena da aldeia Limão Verde)

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Lutuma Dias, a educação indígena é aquela recebida pela criança no seio da comunidade e da família. É onde ela aprende e compreende o contexto onde vive e participa das ações comunitárias¹⁸.

Daniel Munduruku (2010) afirma que a educação indígena é muito concreta e ao mesmo tempo mágica. Para o autor, ela se realiza em diferentes espaços sociais - não pode haver distinção entre o dia a dia dos afazeres e aprendizados e a mágica da própria existência que se afirma nos olhos e na busca da harmonia cotidiana.

Munduruku fala da educação do corpo e da educação dos sentidos como sendo princípios da educação indígena:

Aprendemos desde muito pequenos que nosso corpo é sagrado. Por isso temos que cuidar dele com carinho, para que ele cuide de nossas necessidades básicas. (...) a criança entende aos poucos, que em seu corpo o sentido ganha vida e voz. Suas ações são norteadas pelas ausências corporais que precisam ser preenchidas. (MUNDRUKU, 2010, p. 55)

Ainda no contexto da educação dos sentidos, Munduruku narra que educar o corpo é fundamental para dar importância ao seu estar no mundo e a educação da mente é indispensável para estabelecer e significar esse estar no mundo. “Se no corpo o sentido ganha vida, é na mente que esse sentido é elaborado” (Munduruku, 2010 p. 56).

Através das narrativas de membros da comunidade que entrevistamos durante essa pesquisa, podemos observar o destaque que dão à percepção do espaço em que

¹⁸ Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Lutuma Dias, elaborado em 2002.

estão inseridos quando crianças e como devem agir diante desse espaço e das pessoas que nele estão.

Isso é expresso na linguagem corporal, quando citam que apenas o olhar dava as dicas de como a criança deveria agir e o respeito pelos mais velhos. Salientam que o respeito aos mais idosos e a divisão entre “o mundo dos adultos e o mundo das crianças” foram fatores importantes para a educação de cada um deles, que acreditam que esses elementos da educação indígena são fundamentais dentro da escola indígena, inclusive diferenciando-as das escolas da cidade. É possível descrever essas informações repassadas na entrevista, nos trechos abaixo:

Nasci e cresci (na aldeia)... muitas vezes os pais nos ensinam a respeitar, não deixava a gente intrometer na conversa dos adultos. (Professor 2)

É uma educação totalmente diferente das crianças da cidade. As crianças da cidade na sua grande maioria são crianças que têm muitas coisas... eu vejo assim, que a educação das nossas crianças, a educação indígena, com essa interação entre os não índios, isso veio mudando alguma coisa, questão de respeito, valores, por exemplo, hoje uma criança quando vai falar com a gente fala você, às vezes passa distraído e não fala bom dia e isso no passado os pais da gente cobravam duro da gente... Em relação à família, quando a família da gente reunia para conversar não aceitava a gente perto. Então a gente sabia quando a gente tinha que se afastar dali apenas com o olhar que a gente tinha que sair dali senão a coisa ia pegar depois. (Professor 3)

...eu penso que nós temos essa vivência em grupo e é muito bom, a família, essa experiência que a gente tem, a questão da comunidade que a gente tem, esse é o lado bom de estar aqui. Imagina se meus filhos estivessem lá na cidade? Ai você vê a preocupação com o movimento, com a violência... até mesmo você vê a condição na sala de aula, às vezes não é necessário falar alto. É muito mais fácil trabalhar na área indígena. Por que você vê muitos professores até brigam para vir para cá. Por que acho que nossa educação é diferente, eu não sei né, por que eles dizem que nas escolas da cidade não tem condições de trabalhar, enquanto aqui é só falar, olha pessoal, por mais que esteja fazendo bagunça, parou. (Professora 4)

Cohn ao pesquisar a educação indígena, realiza as leituras de Florestan Fernandes e Egon Schaden, destacando o fato de que os autores relatam a educação nas sociedades indígenas e a define "como uma perpetuação da ordem social da educação" (COHN, 2002, p. 214).

Para Florestan Fernandes essas são sociedades em que as crianças não encontrariam dificuldades para participar das atividades adultas, mais do que isso, "em que seria possível criar um mundo adulto miniaturizado, no qual as crianças adestram-se nas técnicas de produção" (Fernandes *apud* Cohn, 2002 p. 215).

Cohn afirma que o aprendizado teria lugar na participação das atividades cotidianas. Assim toda a ação social é socializadora e deve ser exemplar e modelar, e a participação e a imitação são os mais consideráveis princípios da educação, como afirma Fernandes com relação aos Tupinambá: "Pode-se dizer sem temor de erro, que o aprender fazendo constituía a máxima filosofia educacional dos Tupinambá" (Fernandes *apud* Cohn, 2002, p. 215).

Fernandes afirma ainda que a educação nessas sociedades indígenas são igualitárias e comunitárias, gerando uma integração gradual, participativa e contínua dos indivíduos, em que todos os integrantes são convertidos em agentes socializadores, onde toda a ação tem uma eficácia socializadora.

Trazendo tais informações para o cotidiano Terena podemos pontuar a educação comunitária recebida pela criança e pelo jovem; podemos notar os aspectos da formação dessas crianças e jovens nas atividades junto à roça, na feira, nas horas de lazer e no cuidado das crianças menores.

Aproveitam essas oportunidades para brincar e observar. Assimilam o espaço do trabalho com facilidade e dele, apropriam-se para criar seu lazer. A criança Terena está presente nas atividades de prática comum da comunidade. Sua educação é realizada no que Florestan Fernandes cita como participação das atividades cotidianas:

O que fundamenta essa afirmação é o estabelecimento de uma relação direta de participação nas atividades cotidianas e a assimilação de valores tradicionais. Estes, por sua vez, são a primeira referência de qualquer ação ou tomada de decisão. (FERNANDEZ *apud* COHN, 2002, p. 215).

Vemos crianças nas feiras com as mães. Algumas indo para as roças, ou nas atividades domésticas. É comum ver as crianças próximas das mães ou pais durante os seus afazeres; no fim do dia, nas rodas de Tereré, no pátio das residências e no cuidado do corpo, quando é muito comum, ver as filhas penteando ou limpando o cabelo das mães.

FOTO 4: MULHER TERENA COM FILHO FAZENDO POTE DE BARRO.



FONTE: Harald Schultz, (1942

FOTO 5: MULHERES NA FEIRA EM AQUIDAUANA/MS.



FOTO: João Matias Costa Dias (2013).

As crianças preferem as brincadeiras no pátio ou no córrego. Os jovens possuem aparelho celular (que não funciona dentro da aldeia), mas é muito comum vê-los atravessando as ruas da aldeia ouvindo músicas no aparelho. O contato com a música urbana é muito grande e ao sair pela aldeia podemos ouvir os rádios ligados ou o som dos cd's tocando a música do momento.

Também estão presentes nas danças tradicionais do Kohixoti Kipaé¹⁹ (dança da Ema) e o Siputrela²⁰ (joga a bunda). As meninas e meninos são inseridos desde pequenos na dança, e cuidadosamente são ornamentadas para isso.

FOTO 6: JOVEM PREPARANDO A IRMÃ PARA A DANÇA DO SIPUTRENA



FOTO: A autora (2013).

Por experiência, é possível dizer, que esse é um momento de identificação da criança com o seu povo. É um momento de fazer com que ela possa se sentir

¹⁹ Como já citado anteriormente a dança do Kohixoti kipaé tradicionalmente é realizada por homens. A origem da dança tem duas versões. A primeira diz que surgiu da visão de um pajé (koixomoniti). A segunda, diz que surgiu durante a Guerra do Paraguai, porém compreendemos que não foi o surgimento durante a guerra, e sim, um dos primeiros momentos onde o não-indígena pôde vê-la.

²⁰ A siputrela é a dança feminina. Também chamada como Putu-Putu, ou jogando a bunda. As mulheres sempre a executam em momentos festivos, de felicidade ou para saudar alguém. Também já vimos sua realização em matrimônio tradicional.

pertencente àquela comunidade. Em 2011, pude observar a participação da minha filha, na época com 4 anos, que vive em contexto urbano na dança Siputrena em Limão Verde. Algumas mulheres perguntavam no idioma Terena “quem é aquela criança?”, e outras respondiam: “*ihíne kipaé*” – “é filha de ema”. Isso significa dizer que elas afirmavam que aquela criança era filha da alguém da comunidade, era filha de “ema”²¹.

Meninos e meninas com idade superior a 15 anos desempenham funções comunitárias e de trabalho para subsistência:

As crianças são criadas com bastante liberdade e responsabilidade. Desde cedo vão para a feira, quando as mães chegam, os meninos correm direto ao encontro por que sabem que tem carga para carregar, além de o apego com as mães ser muito forte. (Caderno de campo, julho de 2012)

O fato de uma criança maior cuidar de uma menor também é exemplo dessa educação socializadora. Os vizinhos, vez ou outra, estão sempre observando as crianças, assim como os demais parentes, que estão sempre nas proximidades.

FOTO 7: DIA DO ÍNDIO 2013 - CRIANÇAS PRATICAM A PINTURA TRADICIONAL



Foto: A autora (2013).

Nas atividades coletivas, percebemos a integração nas danças tradicionais, momentos de festas comunitárias, nas reuniões e nos roçados. As ações que são em

²¹ A ema é um dos animais míticos do Povo Terena. Conta um mito, que ela esta no céu, e quando o mundo acabar, descera para a terra. Essa narrativa foi feita pela minha mãe e posteriormente pelo senhor Isac Dias.

prol da própria comunidade reúnem sempre um grande número de participantes, entre eles, crianças e jovens.

FOTO 8: MULHERES INDO PARA A RETOMADA DE TERRAS



FONTE: A autora (2011).

Darlene Taukane (1999) escreve que a educação tradicional perpassa a vida inteira de uma pessoa, através de processos de interiorização e transmissão de valores de geração a geração:

A nossa educação se dá através do tempo e do espaço. Desde que acordamos para a clareza do sol, nós aprendemos vivendo. Ela se processa através da participação nas atividades da vida cotidiana, das mais aparentemente insignificantes até as mais sagradas. (TAUKANE, 1999, pp. 60-61)

Taukane destaca ainda que os Kura Bakairi aprendem com os mais velhos, os adultos que têm experiência de vida, imitando e colaborando nas atividades do dia a dia. Florestan Fernandes salienta que nas sociedades indígenas as aptidões individuais são dirigidas à coletividade: "a educação integra e diferencia, simultaneamente, mas

diferencia tanto quanto for útil à sociedade, mobilizando, canalizando e utilizando aptidões individuais elaboráveis social e culturalmente" (FERNANDES in COHN, 2002, p. 216).

Sobre essas aptidões, Darlene também enfatiza que, na educação tradicional Bakairi é importante ter o espelho, o exemplo e a prática de vida para a formação de uma pessoa: "investimos nela, no seu futuro, respeitando-se as suas opções individuais, que existe a individualidade, como em qualquer outra sociedade" (TAUKANE, 1999, p. 59).

Com relação a essa afirmação, temos um depoimento de um ancião Terena de Limão Verde, falecido em 2011, que ressaltava o orgulho de seus netos cursarem o Ensino Superior. Dizia ele que existia um esforço da família para que todos estudassem e que no futuro eles trouxessem benefícios não só para a família, mas também, para a comunidade (Caderno de campo, 2011).

É recorrente ouvir entre os moradores da aldeia essa observação com relação a pessoas que saem da aldeia para estudar e depois retornam (ou não) para auxiliar os que ficaram. Esse auxílio pode não ser necessariamente financeiro, mas em forma de conhecimento, de informações acerca do mundo externo e até mesmo de atenção.

No caso dos Terena, observa-se a grande necessidade de ajudar na manutenção da família, que nos moldes Terena, engloba irmãos, tios, primos, netos e pais. Os jovens quase sempre têm liberdade de escolher qual caminho seguir, inclusive com relação à educação formal. Eles optam em frequentar a escola, sendo que muitos deles desistem das aulas e iniciam-se nas changas, atividades citadas anteriormente como fonte de renda da comunidade.

Em conversas informais, as mães dizem também que os filhos só vão para a escola por que são obrigados por elas. A alta desistência dos jovens se dá ao fato da questão temporal, que denominamos dentro da aldeia de "curto prazo" e se relaciona ao tempo indígena de vida, pois as necessidades de sobrevivência são imediatas, e é comum que se pense sempre no dia de hoje, levando em conta as necessidades são latentes neste momento.

Daniel Munduruku, em palestra proferida em maio de 2012 na cidade de Aquidauana, explicou que as sociedades indígenas não têm o pensamento

fundamentado no futuro; não existe uma preocupação formal com o que acontecerá no futuro, mas sim com o presente e o aprendizado do passado.

Essa explanação de Munduruku foi demonstrada em uma fala de uma moradora, quando ela tentou explicar a questão temporal entre os moradores da aldeia e o fato da evasão escolar ser maior em determinados períodos do ano:

Nós pensamos assim, por exemplo. Veio o projeto do frango. Muitas famílias começaram, mas depois deixaram de lado e voltaram para a roça ou para a changa. Isso aconteceu porque, a galinha demora para crescer e ser vendida. A roça não. As famílias plantam e colhem o ano inteiro, espécies diferentes. Na changa, os pagamentos são por dias trabalhados. (Caderno de campo, abril 2011).

Essa justificativa apresentada por ela pontua a necessidade de muitos desses jovens não poderem esperar formar-se (no Ensino Médio ou na universidade), para começar a trabalhar, como também, apresenta como esse povo se relaciona com o tempo e o espaço.

Maria Elisa Ladeira (1999) faz uma observação sobre a composição familiar e o tratamento dispensado aos filhos quando esses alcançam a juventude. Ladeira escreve que o Povo Terena tem uma organização extremamente sofisticada e vive hoje em uma retração territorial incompatível com sua vocação de agricultor.

Ressalta ainda que apesar desse fator, os Terena mantêm a reprodução física, com famílias numerosas, sendo essa uma condição necessária para que possam se reproduzir nos dois mundos: o mundo dos brancos, aqueles das cidades e o mundo dos Terena, aquele das aldeias. Daí a importante função da educação Terena junto aos jovens:

Toda casa mantém alguns dos filhos, se possível de ambos os sexos, vivendo no interior da aldeia e expõe alguns dos filhos, para viver nas cidades, de Miranda à Campo Grande, casando-se se possível com os purutuié. (LADEIRA, 1999, p.7).

Vemos que ao chegar à idade de 16 anos, muitos jovens já pensam em desistir da escola e migrar para o trabalho nas fazendas ou nas cidades. Essa decisão é sempre comunicada aos pais, que em grande parte do caso aconselham, mas não

impedem a saída do jovem. Nas palavras das mães, “é conhecer como é o mundo lá fora”, mesmo que não seja bom para eles (Caderno de campo, janeiro de 2013).

Os que saíram, e neste caso destacamos os professores que cursaram o nível superior, voltam com a experiência de estar dentro e fora da aldeia. Para uma das professoras entrevistadas, existe muita diferença entre a educação na aldeia e da cidade. Ela argumenta que foi criada na aldeia, quando criança, só brincando: “Aqui na aldeia é totalmente diferente do que lá né (na cidade)? Por que aqui eles perguntam e respondem (os adultos perguntam e a criança responde), lá acho que é outra diferença” (Professora 3).

A professora faz referência ao comportamento das crianças com relação à atenção dada ao que lhes é questionado e informado. Para ela existe um respeito ao mais velho, devido a sua posição dentro da sociedade Terena, já que eles são sinônimos de maior sabedoria.

Em outros relatos da infância, é possível perceber as semelhanças entre as informações repassadas por moradores da aldeia durante as visitas de campo:

Bem, nós temos um costume de que antigamente os nossos pais nos criavam, nós entendíamos só com gestos, por que era assim que era. E o nossos pais nos criou assim, eles sempre foram, vamos dizer assim, quando era para solucionar algum problema, resolver algum problema eles iam primeiro tipo abrir portas, depois a gente ia já com segurança de que a resolução daquele problema a gente ia conseguir, por que nossos pais já foram na frente e já conseguiram, vamos dizer assim, já pré-elaborado pra gente conseguir. (Professora 4)

Eu nasci em 74 e naquela época era bem diferente da atual, mas de uma forma assim que foi muito bom ao mesmo tempo, a questão do respeito, tinha muita brincadeira que não podia fazer, aquele dia mesmo estávamos comentando do turito²², nos não podíamos fazer, era brinquedo só de guri. (Professora 5)

Egon Shaden afirma que a criança indígena age e comporta-se adequadamente porque sua posição social é bem definida pelo grupo, e facilmente compreendida por ela. Escreveu Shaden:

²² Brincadeira com pedras pequenas, onde joga-se para cima e tenta-se apara-las em uma das mãos. Conhecida também como três Marias, seis Marias.

Enfim, os valores morais, como também a doutrina religiosa, as crenças mágicas e as ideias míticas se transmitem em grande parte pelo convívio das gerações. Certas tribos possuem (...) uma espécie formal nos ritos de iniciação dos púberes e na preparação para cargos específicos, como o de xamã, ou mais raramente, o de chefe da aldeia. Mas o matrimônio comum das ideias tradicionais recebem-nos os jovens índios pela participação direta na vida dos adultos. (SHADEN *apud* CONH, 2002, p. 216)

A proteção por parte das mães e o apego a elas, também é visível:

Você vê que a na educação infantil dentro da área, fica uns vinte dias com os pais dentro da sala, isso é normal. Os professores da Secretaria me disseram que eu não tinha obrigação de aceitar eles, só que de certa forma a gente como Terena, a gente difere essa questão. Eu vi uma matéria que é como se fosse luto, igual o desmame né? Primeiro luto, segundo luto, pior para os pais, é estar afastando dos filhos. (Professora 5)

Sobre este fato narrado pela entrevistada podemos perceber a interferência da escola no modo de vida e na educação entre os Terena. Se antes, as crianças com idades entre 6 e 7 anos, vivenciavam a vida caseira e a presença da mãe ou algum outro familiar em tempo integral, agora, precisam dividir esse tempo com a escola.

Assim como a presença da escola, tem sido um fator que influência no modo de criação entre os Terena, a televisão, brinquedos industrializados e jogos eletrônicos também têm surtido efeito na educação desse povo. A presença dos eletrônicos em algumas residências tem ocupado o tempo em que as crianças em outras situações estariam brincando no córrego ou na presença dos pais, avós e dos irmãos. Embora não tenha detectado uma grande adesão das crianças menores de 10 anos aos aparelhos eletrônicos, pude constatar em campo, a grande força que a presença da televisão e da internet exerce sobre os adolescentes.

Essa presença eletrônica também acaba por interferir em hábitos da educação dos jovens, pois, se antes eles estavam se dedicando as atividades rotineiras da casa, agora se preocupam com a vida virtual e todos os novos costumes apresentados por ela. Na aldeia, varias casas contam com internet a radio e a grande maioria, já contém televisão.

Sob a ótica da apropriação de elementos culturais, vemos então uma grande influência estética no comportamento e vestimentas desses jovens. Roupas que mesclam o sertanejo local, com as tendências apresentadas pelos grandes centros e jogadores de futebol. Gostos musicais que variam dos tradicionais chamamé, vanerão e músicas sertanejas, às batidas eletrônicas.

A presença desses estímulos externos acaba por ocupar espaços na formação cultural desses jovens e crianças, já que muitos dos elementos da cultura tradicional acabam não sendo repassados da forma como acontecia há algumas gerações²³.

Com o envolvimento dos pais e da comunidade com esses artefatos eletrônicos²⁴, essas crianças crescem então em meio a diversos elementos da cultura tradicional e da cultura não-indígena como referência Cohn(2000) ao dizer que entende que a educação é um processo pelo qual a criança indígena entra em contato, aprende e aceita as normas de comportamento aprovadas pela tradição, no decorrer e em paralelo o seu desenvolvimento psíquico, de modo que se adéque ao ideal social de natureza humana.

Já Fernandes (1976) faz uma reflexão acerca da educação nas sociedades indígenas, onde cita que essas seriam sociedades onde existe um caráter tradicionalista com a função de perpetuação da ordem social da educação. Fernandes cita que a sociedade tradicionalista privilegia o que se repete e mesmo com a criatividade e a inovação tem a função de perpetuar a ordem social surgindo, portanto já como tradição.

Posso destacar a fala de Fernandes para compreender que, mesmo com a presença dos elementos (tecnologias de comunicação e a própria escola) não pertencentes à raiz cultural dos Terena a ordem social continua sendo ensinada e respeitada. Crianças e jovens sabem da existência de momentos de ações comunitárias, da autoridade dos naati e do respeito pela fala dos idosos. Aprendem que

²³ Faço aqui uma alusão ao fato de que as histórias, antes do domínio pleno da escrita pelos Terena e da inserção das tecnologias eram narradas por um adulto. A primeira escola da aldeia, segundo dados levantados na nossa pesquisa, atuava de forma oral. O professor repassava seus conhecimentos oralmente e ensina de forma mais lenta, os alunos a escreverem palavras em português. O idioma também era ensinado dentro das residências e hoje, muitas famílias deixaram de falar o Terena, ficando a função de ensinar a língua, exclusivamente para a escola.

²⁴ Trato como envolvimento a aquisição das parabólicas, tv's, computadores, que geralmente são feitas pelos pais.

a sua participação no contexto comunitário lhe dará suporte para ações futuras e principalmente, que devem seguir as normas internas de convivência para poderem continuar vivendo dentro da aldeia²⁵.

Esses aprendizados as crianças recebem a partir da observação dos atos dos adultos e recebem deles tais informações, principalmente, ao acompanharem o cotidiano da aldeia, o que para Schaden (apud Cohn, 2000) seria a integração da criança gradativamente ao mundo adulto, pela participação e imitação.

Fernandes (1976) fala da criação de um mundo adulto miniaturizado, onde essas sociedades não apresentariam para a criança a dificuldade de participar das atividades adultas, onde as crianças se adestram nas técnicas de produção.

Analizando a citação de Fernandes e o contexto vivenciado pelas crianças, adolescentes e jovens considero que é mais fácil para elas se manterem nos serviços domésticos ou da roça, do que cumprirem os horários escolares. Essas crianças ainda se mantêm no tempo e espaço familiar. Com relação à espiritualidade, desde a infância as crianças eram destinados ao xamanismo, sendo que meninos e meninas, podiam exercer essa função.

Durante conversa com koixomonetis de outras aldeias, o relato informava que o filho ou filha mais velha geralmente era quem recebia o dom do poder espiritual. Durante essa mesma visita não encontrei nenhum indício de crianças que estivessem sendo preparadas para exercer tal função, ao contrário do contato que tivemos com uma koixomoneti no distrito de Taunay e sua aprendiz, que já era uma pessoa adulta.

Esse contato nos demonstrou que os ensinamentos pode ser repassado em qualquer tempo, para pessoas que possuam uma predisposição ao aprendizado. Por fim, ressalto a presença e o papel desempenhado pelos idosos. Nessa pesquisa realizada entre os Terena de Limão Verde, é possível afirmar que o conhecimento desses idosos continua sendo respeitado.

²⁵ Sobre as normas internas de convivência, a aldeia Limão Verde, assim como outras aldeias Terena, exigem condutas e posturas de convivência de seus moradores. Essas normas baseiam-se na boa convivência entre todos os indivíduos, tendo como punição àqueles que não cumprem tais regras, o afastamento da comunidade. Esse poder de decisão é dado ao cacique, que junto com o conselho tribal, decide como deve ser mantido a tranquilidade na aldeia.

Observei que, pessoas que saíram da comunidade para aperfeiçoamento educacional, retornam conscientes da importância dos anciãos e dispostos a manterem a ordem social, onde o poder de ação das lideranças e o aconselhamento dos idosos se faz presente nas decisões estratégicas que darão encaminhamento para o futuro da comunidade ou mesmo de sua vida profissional. Ao finalizar esta parte, destaco as falas de um professor residente na aldeia Limão Verde, sintetizam alguns dos principais aspectos diferenciadores da educação entre os Terena:

Somos calmos, vivemos um tempo diferente, não há preocupações entre nós, estamos sempre andando um pouco mais devagar, porém aproveitando o máximo de tempo que temos, principalmente quando crianças e jovens. Queremos aproveitar tudo, sem ter as responsabilidades de fazeres e horários. Isso não é ruim, é bom, as temos de viver novos tempos. O branco – já nasce preocupado com as contas, vive pensando no final do mês, vive no stress do dia a dia, quando criança, o mais importante para os pais é ir para a escola e aprender a ler e escrever, antes de idade certa vive, já na responsabilidade de um adulto. Isso não é ruim, é bom. Mas já nascem vivendo um novo tempo. O que diferencia os terenas dos brancos é o modo de vida. (Professor 2)

Capítulo 2 Educação Escolar Terena: reflexões dos professores indígenas e a Escola municipal indígena Lutuma Dias

Nesse capítulo trago informações sobre o processo de constituição da educação escolar indígena no estado de Mato Grosso do Sul, com o intuito de observar as reivindicações para a implementação da educação diferenciada. Essa observação também se dará com relação à presença do Povo Terena nesse processo.

Cabe lembrar que a organização cronológica da trajetória histórica apresenta saltos temporais devido as dificuldades relacionadas à sistematização das fontes, pois as mesmas se encontravam de forma dispersa ou ainda, indisponíveis para consulta nos arquivos públicos e bibliotecas, assim como em trabalhos acadêmicos utilizados para a constituição do capítulo. Porém, ao agregar as informações, foi possível alcançar o objetivo de se constatar que o envolvimento das lideranças Terena no processo de educação escolar é bastante intenso, o que denota que para esse povo a educação escolar é um assunto importante²⁶.

Na segunda parte, apresento trechos das entrevistas com os professores Terena, realizadas entre os anos de 2011, 2012 e 2013, as observações anotadas em caderno de campo, que me servem como elementos auxiliares para a compreensão da educação escolar praticada na Escola Indígena Lutuma Dias.

No capítulo anterior utilizei alguns trechos das entrevistas, para constatar os elementos Educação Indígena. Ao citar trechos das entrevistas, optei por resguardar a identidade dos profissionais, para que tivessem mais tranquilidade para expressar seus pensamentos. Utilizei a nomenclatura “Professor 1 a professor 15” para identificação, sendo que as entrevistas completas estão nos anexos ao final desta tese.

²⁶ Após a análise das informações históricas obtidas, verifico que a importância dada para a educação escolar pelos Terena se dá em dois planos: o primeiro para a aquisição de conhecimentos do mundo não-indígena com o intuito de estarem preparados para o 'mundo fora da aldeia'; e o segundo, no plano da geração de renda para os membros da aldeia - professores, técnicos, merendeiras e demais profissionais que atuam nas escolas indígenas.

2.1 A educação Escolar entre os Terena de MS

A educação escolar entre os Terena de Mato Grosso do Sul foi narrada por alguns autores, entre eles, Wanderlei Dias Cardoso, indígena Terena, que cita a presença de uma Escola entre os terena na Aldeia Pirainha²⁷ localizada em Aquidauana:

Existia uma escola onde estudavam, também, os filhos do Capitão, que já sabia ler e escrever e que esta era uma escola de meninos, onde figuravam os seus dois filhos [...] e que Taunay observou que o Capitão (Cacique) daquela localidade sabia ler e escrever. (CARDOSO, 2012, p. 91)

Possivelmente, a escrita e a leitura àquele Cacique Terena foram ensinados pelo frei Mariano de Bagnaia (Moura, 2001, *apud* Cardoso, p. 25, 2011), que viveu algum tempo entre os índios Terena e Kinikinao.

Roseli Fialho (1995) escreve em sua dissertação de Mestrado que a Educação Escolar entre os indígenas de Mato Grosso do Sul, inclusive os Terena, teve início com a chegada dos missionários Capuchinhos, no ano de 1849. Segundo Fialho, eles tiveram parte do controle da catequese dos indígenas:

O Primeiro missionário que trabalhou em Mato Grosso foi o Frei Antônio Molinetto, que chegou em Miranda no dia 28 de outubro de 1849. Todavia não obteve sucesso devido a oposição do diretor dos índios e diretor dos aldeamentos no que se refere ao desenvolvimento de seus trabalhos. Diante disso, a sua permanência foi de apenas dois anos. (FIALHO, 1995, p. 42)

Após a saída de Antonio Molinetto, frei Mariano de Bagnaia chegou à região, e segundo Sganzerla tinha como único objetivo a conversão dos indígenas ao cristianismo: “Frei Mariano de Bagnaia chegou a Miranda em 1859 e permaneceu até 1864. Nesse período a Legislação Vigente para a atuação dos Missionários, instituída pelo Governo imperial era o Decreto n. 426 de 24 de julho de 1845” que contém o Regulamento acerca das Missões de Catequese, e Civilização dos Índios.

anciãos, representante das mulheres feirantes e a diretora da escola.

²⁷ Alguns idosos dizem que a Aldeia Pirainha se localizava onde hoje é a atual Aldeia Limão Verde.

Neste Decreto, definia-se através do § 7º que existia a necessidade de inquirir onde existiam índios:

...que vivão em hordas errantes; seus costumes, e línguas e mandar Missionários, que solicitará do Presidente da Província, quando já não estejam a sua disposição, os quaes lhes vão pregar a Religião de Jesus Christo, e as vantagens da vida social²⁸.

O Decreto contém também o § 18 que destacava a necessidade de se propor à Assembleia Provincial a criação de Escolas de Primeiras Letras para os lugares, onde não bastasse o Missionário para este ensino. Por fim, através do § 6º previa-se que devia ensinar a ler, escrever e contar aos meninos, e ainda aos adultos, que sem violência se dispuserem a adquirir essa instrução (Decreto n. 426 de 24 de julho de 1845).

Com a criação da Fundação Nacional do Índio (Funai)²⁹ teve início a parceria da Fundação junto a Prefeitura de Aquidauana, onde determinou-se o processo de escolarização regido pelo sistema de matrículas e pagamento de professores por intermédio da Funai.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971, era facultado aos Conselhos Regionais de Educação o estabelecimento de currículos respeitando o núcleo comum, no que concerne a parte diversificada “podendo adaptá-los as necessidades de cada região e as peculiaridades locais”.

A partir da criação do Estatuto do Índio, em 1973ⁱ a Funai passou a desenvolver trabalhos através de convênios estabelecidos com o Summer Institute of Linguistic (SIL) e outras missões para que essas atuassem junto às populações indígenas nos campos da educação, saúde e assistência comunitária. Em Mato Grosso do Sul, com o povo Terena, o SIL iniciou uma pesquisa sobre a língua Terena, elaborando cartilhas e implantando a Educação Bilíngue³⁰.

²⁸ § 18 do Decreto n. 426 de 24 de julho de 1845.

²⁹ O Serviço de Proteção ao Índio foi extinto em 1967 e a FUNAI criada em através da LEI Nº 5.371 - de 5 dezembro de 1967.

³⁰ Portaria nº 75 de 06 de julho de 1972 do Departamento Geral de Planejamento comunitário/Divisão de Educação.

Em 1977, o Plano de Educação da FUNAI, destacava que este formato, seguia as diretrizes do Estatuto do Índio³¹, de 19 de dezembro de 1973. Essas diretrizes regulavam a situação jurídica dos indígenas e suas comunidades com o propósito de “preservar a sua cultura e integrá-los, progressiva e harmonicamente, à comunhão nacional”³².

Já o Plano de Educação formatado no Estado de MS afirma que a Funai procurava seguir currículos adotados nas escolas oficiais regionais, buscando adaptá-los à cultura indígena, respeitando sempre o patrimônio cultural das comunidades e seu valor artístico e meios de expressão. O Plano cita o artigo 49 da Lei 6001, que diz que a “alfabetização dos índios far-se-á na língua do grupo a que pertençam, e em português, salvaguardado o uso da primeira”.

Carvalho ressalta que na década de 1980 a Educação Escolar para os Terena foi realizada como extensões de escolas rurais, em regime de parceria com os municípios. Nesse período, a União das Nações indígenas do Centro Oeste, uma instituição composta por indígenas de diferentes povos, realizou um debate mais profundo sobre a questão indígena no Mato Grosso do Sul. Também nessa década, mais precisamente no ano de 1987, a Delegada do MEC de Roraima apresentou a Delegacia do MEC de MS um projeto experimental de ação integrada para a Educação pré-escolar de crianças indígenas, com o objetivo de se desenvolver uma série de propostas para a Educação, adequadas as crianças indígenas de 4º a 6º anos (Carvalho, 1995, p. 75).

Ainda de acordo com sua dissertação de mestrado, em 1987 o Centro de Trabalho indigenistas (CTI) apresentou para a Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul, um projeto Educacional para a elaboração de material pedagógico para o povo Terena.

O Projeto foi realizado na aldeia Cachoeirinha com alunos de 1º a 4º série. Anteriormente a isso, em 1983, o CTI junto aos Terena, realizou projetos de subsídio às práticas tradicionais de subsistência.

³¹ LEI Nº 6.001 - de 19 de dezembro de 1973.

³² Artigo 1 da Lei 6001 de 1973.

Em 1988 a Constituição Brasileira, se tornou o marco para os povos indígenas por garantir seus direitos em diferentes esferas. Dentre os artigos componentes da Constituição, o Artigo 210 destaca o uso da língua materna e processos próprios de aprendizagem, cabendo ao Estado a proteção das manifestações das culturas indígenas. Esse artigo tem fundamental importância sob o ponto de vista, de que o uso da língua materna, assim como seu ensino nas unidades escolares indígenas, se tornou um dos alicerces para a educação indígena diferenciada, juntamente com a disciplina de Artes.

Através do Decreto do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul de nº 458 de 16 de maio de 1988, surgiu o Conselho Estadual de Direitos Indígenas (CEDIN), com a finalidade de promover em âmbito estadual, políticas que visassem eliminar as discriminações que afetam o índio e defender seus interesses, porém nota-se ainda pelos documentos dos anos que antecedem a criação do CEDIN, as dificuldades para se implantar as escolas indígenas diferenciadas.

No plano da Educação Superior, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, realizou em agosto de 1990 o Seminário Estadual AIA-90 – Alfabetização no Estado de Mato Grosso do Sul. O Evento aconteceu em Campo Grande e a discussão girou em torno do ensino diferenciado para o povo Terena, conforme narra Roseli Fialho (1995).

Ainda no ano de 1990 ocorreu o I Encontro Estadual Indigenista, promovido pela Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul, para que se refletisse sobre a educação indígena no Estado, elaborando propostas para a política educacional dos povos indígenas de MS.

Desse encontro, surgiu o relatório final, onde o enfoque foi a efetivação e instalação de uma escola pública indígena com uma política educacional própria, com contratação de professores específicos, estabelecimento de sistemas de acompanhamento, controle e avaliação do que foi proposto e a elaboração de propostas alternativas para a prática pedagógica.

Dentre as dificuldades apresentadas seriam a evasão escolar, repetência e a ausência da pré-escola e 5º a 8º série as mais frequentes. Podemos constatar que ainda prevalece nas escolas Terena de Aquidauana o problema da evasão escolar e a repetência (Relatório Final do I Encontro indigenista de MS, 1991, p. 14). Realizando

um rápido comparativo, Em Limão Verde, como já foi citado no primeiro capítulo, a evasão e a desistência atualmente pode-se verificar no decorrer do ano, devido ao próprio ciclo de vida dos Terena, que se baseia na agricultura e na changa, fatores que impossibilitam muitos estudantes de continuarem na escola.

Em 1991 aconteceu em Aquidauana o I Encontro Interinstitucional de Educação Indígena, onde se discutiu a Portaria 559 de 16 de abril de 1991, que subsidiou a construção das Diretrizes da Educação Indígena de Mato Grosso do Sul.

A partir desse Encontro a UFMS em Parceria com a Secretaria de Estado de Educação de MS, a pedido da comunidade Terena, começou a desenvolver o Programa de Educação indígena Terena, com o apoio da FUNAI, UNI, Secretaria municipal de educação de Aquidauana e Agência Regional de Educação ARE II. "Foram então realizados dois cursos atendendo professores de 1º a 4º séries que atuavam na alfabetização" (CARVALHO, 1995, p.84).

O Governo Estadual, por sua vez, criou o Programa Nosso Índio - um cidadão, no ano de 1991. Com a criação do Programa, um Técnico Educacional foi direcionado para trabalhar especificamente na educação indígena, já que até então não existia, em Mato Grosso do Sul, um profissional específico para essa ação.

Em 1992 criou-se o setor de Educação Escolar Indígena na Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul e a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul encerrou a sua participação no projeto ficando apenas a Secretaria de Educação responsável pelos cursos de capacitação dos professores das comunidades Terena.

Neste mesmo ano aconteceu o Encontro de Educação Escolar Indígena de MS promovido pela Secretaria Estadual de Educação. Através da Secretaria Estadual de Educação, elaborou-se as Diretrizes da Educação Escolar indígena de Mato Grosso do Sul:

Visando dar condições necessárias para as comunidades indígenas na elaboração, operacionalização e avaliação de propostas curriculares que preservem e fortaleçam seus costumes, sua cultura, seus processos próprios de aprendizagem e ao mesmo tempo, proporcionem o domínio dos códigos nacionais como elemento de interação com a sociedade envolvente (Diretrizes da Educação Escolar indígena de Mato Grosso do Sul, 1993, p. 13).

Durante o levantamento de informações nos arquivos das Universidades de MS, Arquivos públicos e Centro de documentação, tive acesso a documentos como listas de presenças dos eventos (em anexo), realizados e pude observar a participação intensa das lideranças Terena nessas reuniões e encontros do setor da educação, o que nos leva a acreditar que o envolvimento desse povo nas ações da educação são marcantes e de grande atuação, pois junto aos Guarani, os Terena tiveram voz ativa nas reivindicações para a implantação das escolas indígenas.

No final dos anos de 1990 foram criadas as escolas indígenas em Mato Grosso do Sul e em 1991 a Educação Escolar Indígena deixou de ser atribuição da Funai e tornou-se responsabilidade do Ministério da Educação, através da criação da Coordenação nacional de Educação indígena através da Portaria Ministerial MJ/MEC nº. 559 de 16 de abril de 1991³³.

Neste mesmo ano, representantes de 19 aldeias do povo Terena do Mato Grosso do Sul, estiveram presentes no Seminário “A educação indígena”, realizado nos dias 12,13 e 14 de julho de 1991, onde redigiram uma proposta denominada “A escola que nós indígenas queremos em Mato Grosso do Sul”³⁴.

A elaboração dessa proposta foi realizada após a análise de outro documento, construído nos dias 22, 23 e 24 de setembro de 1990³⁵. O documento foi elemento resultante de um evento que tratava da Educação para as Comunidades indígenas de Mato Grosso do Sul e foi promovido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Secretaria Estadual de Educação de MS, Secretaria municipal de Educação de Aquidauana, Agência Regional de Educação de Aquidauana, União das Nações Unidas do Centro Oeste – MS.

³³ Cabe lembrar que a participação dos Terena e Guarani em maior quantidade nesses eventos, pode se justificado também pelo fato de maior proximidade que suas reservas tem das cidades, diferentemente de outros povos como os Kadiweu ou de outros povos viventes nessa região. Porém, verificamos que no decorrer dos tempos, essa participação de lideranças em movimentos relacionados à educação são muito frequentes e importantes, inclusive nos dias de hoje, quando as lideranças ainda influenciam nas tomadas de decisões relacionadas a escola, como descrevemos neste capítulo.

³⁴ Relatório do Seminário A Educação para as Comunidades indígenas, 1991 – Centro de Documentação Universidade da Grande Dourados.

³⁵ Não encontramos esse documento nos Arquivos que visitamos, apenas a referência que se faz a ele no texto citado.

A proposta elaborada durante o Seminário “A educação indígena” tinha o intuito de fortalecer as escolas do povo Terena e contou com dez itens. Dentre as necessidades apontadas, destacamos a questão dos materiais didáticos e calendário diferenciado, que foram expressos nos itens 5.3 e 6.0, por se relacionarem mais proximamente com nosso objeto de pesquisa.

O item 5.3 destaca “o reconhecimento da variedade de recursos didáticos além do material impresso”, e nossa leitura desse item me reporta a escola Lutuma Dias, espaço de nossa pesquisa. A necessidade de materiais didáticos vai para além dos livros didáticos, o que tem levado alguns professores a inventar brinquedos, instrumentos musicais e passam alguns poucos filmes adquiridos por eles mesmos.

Essa predisposição a utilizar materiais diferenciados em sala de aula foi reforçada com a inserção do Projeto Observatório Indígena na Escola, onde se instalou em 2012, a brinquedoteca Terena, espaço lúdico que deve contar com materiais didáticos variados para utilização em sala de aula.

A construção da sala foi definida em reunião dos professores indígenas, que sugeriram os elementos que deveriam compor o espaço. Dentre eles, os brinquedos, jogos e demais objetos que remetam e auxiliam no ensino da Arte e Língua Terena.

Retomando o documento, o item 6.0, cita como uma das dificuldades encontradas em diferentes escolas indígenas do país, a implantação de um calendário diferenciado. Solicitam as lideranças Terena nesse item:

Calendário Escolar indígena com expressões e ritmos das atividades produtivas; com fases adequadas às condições climáticas e rituais da comunidade; com respeito aos períodos do ciclo agrícola tais como plantio, colheita e festas cerimoniais, que serão definidos pela própria comunidade; flexibilidade no estabelecimento de início e término dos turnos escolares. (Relatório do Seminário “A Educação para as Comunidades indígenas”, 1991)

Durante o Encontro de Professores Indígenas de Mato Grosso do Sul, realizado em novembro de 2012 na aldeia Guarani Te'yikue, localizada no município de Caarapó, professores de uma escola indígena Terena, destacaram em sua carta reivindicatória, a inserção e qualificação dos professores indígenas para o uso de materiais didáticos e tecnologias. A justificativa dada pelo grupo é que hoje, não somente o livro didático

deve ser utilizado nas escolas, principalmente por que as crianças e jovens estão com contato mais extenso com aparelhos eletrônicos, não podendo o professor “ficar de fora dos avanços que a tecnologia tem tido dentro das aldeias Terena” (Carta redigida por Professores Terena de Miranda - MS, para o documento final do Encontro Estadual de Professores Indígenas de Mato Grosso do Sul, Caarapó, 2012).

Com relação ao item flexibilidade do início e término dos turnos escolares, as Escolas Indígenas de Aquidauana funcionam em horário especial, devido ao transporte de professores e alunos que residem distantes das escolas indígenas, porém a carga horária respeitando os ciclos do povo Terena não foi implantado e ainda segue sendo uma questão a ser resolvida principalmente para alunos do Ensino Médio e Educação de Jovens e adultos.

Analisados o conjunto de documentos coletados e aqui citados verificamos que os mesmos trazem sempre o teor reivindicatório, no que diz respeito às políticas e organização das escolas indígenas do Estado, destacando a falta de informação acerca da cultura indígena e a falta de qualificação para o atendimento das necessidades culturais existentes nas comunidades.

Outro fator analisado é a presença das instituições como o CIMI, CTI e universidades, oferecendo suporte para a constituição das escolas em área indígena. A participação dessas instituições se apresenta como fundamentais no diálogo com a esfera governamental, por apresentarem uma posição de militância e entendimento das Leis e Diretrizes Nacional da Educação Indígena.

Vemos essa atuação marcante na carta-ofício encaminhada pelo CIMI no dia 14 de março de 1992 para a Secretaria Estadual de Educação e Cultura de MS, que relata o desencontro na formatação de um curso de formação para as comunidades Guarani/Kaiová de Dourados, que foi inicialmente planejado a partir de uma reunião realizada em junho de 1991.

O Documento cita o adiamento do primeiro encontro de formação como sendo o início de uma série de desencontros administrativos:

A que se considerar também as constantes mutações e oscilações quanto aos eventos, atos estes relativos ao funcionamento do Programa, bem como, cabe também ressaltar, a ingerência de pessoas sem conhecerem a complexa questão indígena, interferindo diretamente em assuntos decisivos, sem equilíbrio pessoal, dificultando a relação entre o CIMI-ESTADO-INDÍOS, como se ter o poder fosse ter o saber (Carta-ofício encaminhada pelo CIMI à Secretaria Estadual de Educação e Cultura de MS – Centro de Documentação da Universidade Federal da Grande Dourados).

Nesse mesmo documento o relator do CIMI enfatiza o fato de o Estado ter elaborado o projeto para a educação indígena para o ano de 1992 sem a participação desta equipe o que anteriormente havia sido determinado em reunião junto a Secretaria de Estado de Educação:

Quanto ao andamento do Programa, solicitamos que esclareçam a esta equipe, os elementos concretos do desenvolvimento do mesmo a partir desta data e qual é a instituição, já que constata-se querer o Estado, que sejamos meros executores de determinações que desconhecem articulações prolongadas e porque não dizer desgastantes, havidas no decorrer do segundo semestre de 1991 (Carta-ofício encaminhada pelo CIMI à Secretaria Estadual de Educação e Cultura de MS – Centro de Documentação da Universidade Federal da Grande Dourados)

Outro documento expedido em 20 de outubro de 1993 pela Associação da Educação Católica de Mato Grosso do Sul, explica para a responsável pela Educação Escolar indígena da SEC/MS a realização de uma reunião para atender às necessidades dos professores índios leigos, considerando tais necessidades de máxima urgência. O Documento explica o teor da reunião, como sendo uma reivindicação para definirem-se:

As tomadas de decisões relacionadas às disciplinas e parte diversificada a ser incluído no curso de magistério, o corpo docente, assessorias, coordenadores por região, calendário escolar, alunos que virão para o curso, de quem vai providenciar a documentação dos alunos para matricularem-se no curso (Circular número 18/A30/MS/93 expedido pela Associação da Educação Católica de Mato Grosso do Sul à Secretaria de Educação de MS).

A resposta para a reivindicação é escrita na própria circular, que cita apenas a presença da coordenadora na reunião, não enfatizando os desdobramentos dos pedidos.

Observando os documentos coletados, verificamos a dificuldade do desenvolvimento da Educação Escolar Indígena no estado. Uma carta enviada pela Direção, professores e lideranças da Escola Guarani de Amambaí, em abril de 1993 demonstra a insatisfação dessa comunidade com a educação escolar indígena gerenciada pelo Governo do Estado de MS.

Na carta, a comunidade trata da falta de alguns materiais e também a atual situação da Escola Indígena, dando ênfase ao regimento interno. Segundo a carta, no ano de 1993 a unidade contava com 500 crianças estudando de 1º a 6º série.

Narra ainda, que o Regimento da escola foi encaminhado duas vezes para a Secretaria, tendo retornado por estar incompleto (Carta da Direção e professores da Escola Guarani – lideranças indígenas de Amambaí, abril de 1993). Os representantes da comunidade informam que não foram orientados para a produção do Regimento o que ocasionou essa situação, de não aprovação do documento:

A Secretaria de Educação quer mudar o artigo que fala da direção. Quer fazer na nossa escola o colegiado como nas escolas dos brancos. Isso nós não queremos. Queremos que o Regimento seja aprovado como está (...). Também estão sendo demitidos dois professores pelo fato deles não terem idade. Com isso, não estão respeitando a portaria interministerial nº 559 do MEC, artigo nº 1º³⁶.

Embasados na Legislação a comunidade afirma que nesta escola a comunidade indígena é “quem coloca e tira professores”. Afirmam ainda que a idade não é importante:

O importante é que o professor seja capaz e dê testemunho de vida. Agora, se ele tem 15 ou 50 anos, isso não é importante. Para nossa comunidade o professor tem que ter responsabilidade e deve ensinar bem os alunos. (Carta da Direção e professores da Escola Guarani – lideranças indígenas de Amambaí, abril de 1993)

³⁶ Garantir as comunidades indígenas uma escola básica de qualidade laica e diferenciada que respeite e fortaleça seus costumes, tradições, línguas, o processo de aprendizagem e reconheça suas organizações sociais.

Esse trecho demonstra o comportamento da comunidade em prol da organização da escola e da inserção da própria comunidade no ambiente escolar. Os motivos que levam a tal posicionamento podem ser distintos e vêm sendo observado nas diferentes comunidades indígenas do país. Tais questões passam pela valorização dos indígenas em sala de aula, sua história de vida para a formação dos alunos, os grupos e clãs existentes dentro das aldeias, entre outros fatores que poderíamos supor como motivadores dessa postura por parte dessa comunidade. Encerram a carta afirmando que:

Não vamos aceitar que eles mudem qualquer coisa no regimento. Esse regimento não foi feito por poucas pessoas brancas, e sim pelos professores e lideranças indígenas. Os brancos apenas nos ajudaram. Queremos que o Regimento seja aprovado como está. (Carta da Direção e professores da Escola Guarani – lideranças indígenas de Amambai, abril de 1993)

As correspondências encontradas nos mostram um cenário de diálogo estabelecido no decorrer dos anos entre a administração pública, as instituições parceiras nas causas indígenas e as comunidades indígenas.

O embate sobre como deve ser feita a Educação Indígena é demonstrada no decorrer das cartas enviadas e nos aponta uma questão que é frequente quando se trata de instituições de apoio ao índio, inseridos nos processos que visam à implementação de ações em educação, saúde e política: o nível de interferência dessas instituições nas decisões da comunidade e até mesmo o grau de influência que elas exercem sobre as lideranças indígenas.

Isso nos chama atenção neste último documento citado, pela ênfase dada na afirmação que o documento foi escrito por eles mesmos, sem a influência dos “não-indígenas”, o que compreendo como sendo as instituições que atuam dentro dos territórios.

O fato de ter a ajuda de um não-indígena na produção de um texto reivindicatório ou mesmo nos regimentos internos e nas demais lutas indígenas são fatores que levantam grandes polêmicas junto ao setor público e dos produtores rurais, já que na maioria das vezes, instaura um embate político, onde os governos e a classe rural quase sempre deixam de respeitar as Leis e Normas voltadas para os povos indígenas do país.

Em 1994, outra carta remetida ao Setor de Educação Indígena da Secretaria de Educação e Cultura de MS e ao Conselho Estadual de Educação. A carta escrita pelos professores Guarani Kaiwoá, solicita uma reunião marcada anteriormente e que não contou com a presença de nenhum representante das instituições do Governo de Mato Grosso do Sul: “este documento vamos mandar para o Comitê do MEC, porque é importante o Comitê saber. É importante que este documento que nós mandamos não seja colocado na pasta e engavetado” (Carta escrita em Vila São Pedro, 17 de maio de 1994).

Assim como citado anteriormente, a comunidade fez pressão para que a escola indígena tivesse diretrizes voltadas para a comunidade. A carta trata também da minuta que disserta a respeito da deliberação sobre a educação escolar indígena no estado, explicando que os professores e diretores começaram a ler o documento em grupo, salientando que nenhuma decisão será tomada sem o parecer das lideranças e da comunidade:

Essa proposta para regulamentar nossas escola, nós professores não podemos resolver sozinhos. Vamos passar primeiro para nossos capitães, lideranças, caciques e nossas comunidades que também deve saber disso e dar as suas opiniões. (Carta escrita em Vila São Pedro, 17 de maio de 1994)

Explanam que essa proposta não deve ser discutida somente entre os brancos, salientando:

Nós queremos nosso regimento próprio e que a escola das comunidades de Amambaí já tinha o seu regimento, mas não é bem respeitado. Queremos saber se os outros regimentos próprios das outras escolas indígenas guarani e kaiwoa – que estamos fazendo vão ser respeitados e acatados? (Carta escrita em Vila São Pedro, 17 de maio de 1994)

Finalizam a carta afirmando que, dessa forma, os professores reunidos com a comunidade irão ter forças para lutar pelos seus direitos. Neste documento não encontramos nenhum encaminhamento ou anotação referente ao recebimento do mesmo pela Secretaria de Educação e Cultura de MS e uma resposta emitida pelo Governo a respeito.

Observo neste apanhado de informações o conflito de interesses entre as instituições que gerenciam a educação escolar indígena e as comunidades. O retrato

dos anos de 1992, 1993 e 1994 compõe um mosaico de como as comunidades estavam e continuam até os dias de hoje, lutando para a formatação de uma escola indígena diferenciada com a participação das comunidades indígenas.

Em documento remetido no dia 03 de abril de 1995, para a Secretaria de Educação de MS, a Secretaria de Ensino Fundamental da Assessoria de Educação indígena do MEC solicitou que o Estado de Mato Grosso do Sul elabore diretrizes políticas que assegurem um ensino de qualidade, respeitando as especificidades culturais e as diferenças linguísticas próprias daquelas comunidades.

Para fortalecer o pedido, o Ofício cita a Constituição de 1988, que assegura as populações indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem no ensino fundamental regular.

Na correspondência encaminhada em 30 de junho de 1995 ao Secretário de Educação de Mato Grosso do Sul, pelo Conselho Estadual dos Direitos do Índio, da Secretaria de Estado de Justiça e trabalho, solicitou-se a implantação do núcleo de educação escolar indígena:

Sabemos da sensibilidade de V. Exa pelas nossas causas e o empenho demonstrado para com a educação de qualidade para todos, mas registramos que fora elaborada nesta Secretaria, sugestões para LDB, totalmente reformulado pelo Exm. Sr. Senador Darci Ribeiro e não houve nenhuma menção a Educação escolar indígena nesse projeto que está tramitando. Todo o capítulo dedicado a educação escolar indígena foi retirado, até mesmo o direito constitucional do artigo 210 §2º que assegura as comunidades indígenas o direito de utilização de suas línguas maternas³⁷.

O Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, através da Lei 4.324/95 normatizou o ensino nas escolas indígenas através do documento Diretrizes Gerais para a educação escolar indígena. No conjunto dessas Legislações, encontra-se o texto referente a uma política de Educação escolar indígena voltada para uma ação intercultural, bilíngue específica e diferenciada, que devem ser aplicadas no decorrer

³⁷ Ofício expedido pelo 30 de junho de 1995 pelo Conselho Estadual dos Direitos do Índio, da Secretaria de Estado de Justiça e trabalho ao Secretário de Educação de Mato Grosso do Sul.

dos anos, nas escolas indígenas geridas pelo Governo do Estado de MS. Segundo dados do site da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul:

De 2000 a 2004, o ensino médio foi oferecido em extensões de escolas urbanas em áreas indígenas, possibilitando aos alunos índios o estudo em suas próprias comunidades. Atendendo às solicitações das comunidades indígenas, em 2005 a Secretaria de Estado de Educação (SED) promoveu reuniões nas aldeias onde havia oferta de Ensino Médio por meio de salas de extensões para discutir e decidir sobre a criação de Escolas Indígenas de Ensino Médio.

O site ressalta que foram criadas, ainda no ano de 2005, cinco Escolas Estaduais Indígenas de Ensino Médio (EEIEM) Mbo' Eroy Guarani Kaiowá, na Aldeia Amambai (Amambaí); Prof. Domingos Veríssimo Marcos - MIHIN, na Aldeia Bananal, e Pascoal Leite Dias, na Aldeia Limão Verde (Aquidauana); Angelina Vicente, na Aldeia Brejão (Nioaque) e Intercultural Guateka - Marçal de Souza, na Aldeia Jaguapiru (Dourados).

Em 2006 foram criadas outras quatro Escolas Estaduais Indígenas de Ensino Médio: Cacique Timóteo, Aldeia Cachoeirinha (Miranda); Kopenoti de Ensino Médio Prof. Lúcio Dias, na Aldeia Córrego do Meio (Sidrolândia); e Pastor Reginaldo Miguel-HOYENÓ, na Aldeia Lagoinha (Aquidauana). O Censo Escolar de 2005 apontava 14.566 alunos matriculados em escolas públicas indígenas e em extensões em áreas indígenas em MS.

A Resolução P/SED/Nº 3690/96, de 8 de outubro de 1996, constituiu a Comissão de Trabalho do Grupo de Trabalho de Educação Escolar Indígena da Secretaria de Estado de Educação. Ainda neste ano, as Escolas Terena das Aldeias Cachoeirinha, Argola, Babaçú, Morrinho, Lagoinha, todas do município de Miranda – MS, criam a proposta do regimento Escolar com a participação de representantes da Secretaria de Estado de Educação e da FUNAI.

A Resolução cita que os Terena reconhecem a escola como uma instituição fundamental para sua relação com o mundo do branco. Narra que a formatação atual da escola remonta a época do SPI, não apresentando os resultados esperados pelas Comunidades Terena:

A dissimulação da diferença entre os Terena e a população não índia que se manifesta na existência de uma proposta curricular unificada deixando

de atender a necessidade específica desta comunidade Terena. Tem como resultado final a manutenção da posição subalterna ocupada pela maioria dos Terena na sociedade e na economia regional...uma vez que essa nova escola terena será um investimento de fundamental importância para construção de um futuro digno para esse povo. (Resolução P/SED/Nº 3690/96, de 8 de outubro de 1996)

Em se tratando do Ensino Médio para indígenas, verificamos a existência de algumas escolas dentro das aldeias, como é o caso de Limão Verde. Os cursos de Ensino Médio nas aldeias foram implantados em 2005 pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul.

Observa-se que dentro da Escola de Ensino Médio Pascoal Dias, existe um maior número de professores não-indígenas devido à exigência da formação para as disciplinas lecionadas no tronco comum; a direção da escola esta também aos cuidados de uma professora não-indígena, já que a Legislação Estadual exige que a direção da escola seja conduzida por um profissional concursado.

Com a exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (a exigência de ter Curso Superior para o exercício do magistério e consequente financiamento do MEC para aquela formação), os professores Terena participaram de três cursos à distância, origem de convênios entre universidades, prefeituras e MEC: o Normal Superior de Habilitação para o Magistério na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental oferecido pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, desenvolvido entre os anos de 2003 e 2006; o curso de Pedagogia para professores em exercício do magistério, do Programa Interinstitucional de Formação de Professores em Serviço (PIFPS) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Aquidauana (CPAQ); e o Curso Modular de Licenciatura da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) que atendeu em várias áreas: História, Pedagogia, Normal Superior, Ciências Biológicas, Geografia. A Funai foi parceira no apoio com transporte e/ou com alimentação nesse último curso.

O curso na UCDB foi majoritariamente frequentado por professores Terena dos municípios de Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia. No Normal Superior da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), as turmas não eram específicas pelo fato de

os convênios estarem atendendo o interesse da rede municipal, onde todos os professores da área indígena, rural ou urbana que fizessem parte do quadro.

Em 2009, o Governo municipal de Aquidauana criou a Coordenadoria Municipal de Assuntos Indígenas e na Gerência Municipal de Educação institui-se o Setor de Educação Indígena, que passou a planejar ações voltadas para a educação escolar indígena do município.

2.2 Histórico da Escolarização na aldeia Limão Verde

A escola Limão Verde foi a primeira unidade escolar oficial da aldeia, tendo sido criada através da Lei Municipal 032 de 27 de outubro de 1948.

Antes disso, funcionou a partir do ano de 1931, tendo a irmã Corina Niccócio formada uma turma de 20 alunos, nas dependências da Igreja Católica (Cardoso, 2001).

FOTO 9: FACHADA DA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA LUTUMA DIAS



FONTE: A autora (2011)

O Projeto Político Pedagógico descreve que Corina lecionou no Ensino Primário até o ano de 1941. Isac Dias (2009) detalha que o que se ensinava naquela época durante as aulas era “como é Deus” (Marques, 2009).

Após a irmã Corina, veio o primeiro professor indígena Terena Lúcio Dias, que trabalhou durante quatro anos na comunidade. Também lecionou na aldeia, Pascoal Leite Dias, que era uma grande liderança e foi o primeiro professor indígena remunerado. O pagamento era feito pela Missão Evangélica União das Igrejas Evangélicas da América do Sul (Uniedas).

Em depoimento, Adriano Dias Cardoso (2009) narra que, naquela época, se tivesse um pouco de esclarecimento e de alfabetização já podia se tornar um professor. Adriano ainda relata como eram as aulas ministradas por Pascoal Dias:

Ele tinha um chocalhozinho... na hora do recreio, aí ele chacoalhava aquilo, aí nós já sabia... ele falava: meia hora de recreio; para sair ele chacoalhava de novo aquilo... muitos companheiros de estudos já morreu, a escola aqui tinha muita gente, enchia mesmo... ele foi bom por que eu aprendi ao menos enxergar um pouquinho... assinar meu nome eu aprendi... foi graças ao esforço dele". (CARDOSO in MARQUES, 2009)

Wanderlei Dias Cardoso (2011,) explica que, segundo o Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual de Ensino Médio Pascoal Leite Dias, no início da década de 1940 o índio Lúcio Dias lecionou por cerca de quatro anos. Esse trabalho não foi remunerado. Nos anos seguintes a Prefeitura de Aquidauana contratou três professores. Dois deles eram não índio e o terena Pascoal Dias. Outro terena da Limão Verde que lecionou nesse período foi Valério Martins, que era remunerado pela Uniedas. A presença dos professores indígenas acabou sendo excluída com a justificativa de falta de formação, o que os impediu de continuarem em suas funções no ano de 1947.

Além dessa participação dos indígenas na educação escolar, pude verificar também através de relatórios escritos pela coordenação da Funai e da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Aquidauana, entre os anos de 1971 e 1985, a situação física e de pessoal da escola indígena Limão Verde. Sistematizei esses dados em tabelas (em anexo) e dessa forma iniciei a análise das informações para termos uma visão geral sobre alguns aspectos importantes acerca da estrutura física da escola, informação que os relatórios nos apresentam com mais clareza.

Nos anos de 1971, 1984 e 1985, a Funai elaborou relatórios cujo o objetivo era orientar a fundação sobre as necessidades apresentadas pelas escolas indígenas. Os procedimentos sugeriam que após conhecer a realidade de cada unidade, o serviço de educação deveria remeter uma cópia da informação para a divisão de educação em Brasília. A informação escolar deveria ainda ser prestada sempre que a escola fosse objeto de visita para orientação e supervisão por parte da Funai.

Em 1990, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Aquidauana também produz um documento semelhante para informar a situação das escolas indígenas da cidade.

Nos quadros em anexo, inserimos as informações pertinentes à escola Limão Verde e as utilizamos para compreender o processo de sua constituição na aldeia. O relatório da Funai era escrito por um técnico ou setor local que realizava visita de campo, devendo a mesma ser encaminhada à divisão de educação com cópia para o serviço de educação regional.

As informações deveriam ser prestadas anualmente ao final de cada período letivo completo pelo responsável por cada unidade escolar ao setor de educação regional ao qual a escola estivesse jurisdicionada. Já o relatório da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Aquidauana nos leva a crer que também, anualmente tais informações eram repassadas por um técnico responsável³⁸.

No relatório escrito pelo delegado da FUNAI no ano de 1971, a escola Limão Verde atendeu 135 pessoas em duas salas de aula feitas de alvenaria. As reivindicações neste momento eram a ampliação e melhoria do prédio escolar, instalações sanitárias, local de preparo e distribuição de merenda, residência para o professor e poço com bomba. Sobre a década de 1970, escreve Cardoso:

Em 1973, foi construído o prédio da escola para atender cerca de 50 alunos. O atendimento era de maneira multisseriada. Ao final da década de 1970 poucos professores eram da FUNAI, a maioria era da prefeitura municipal. Nesse período havia séries, como o caso da primeira e segunda séries, com duas turmas. Como que assumindo o papel de gestora da educação escolar para aquela Aldeia, a prefeitura construiu a

³⁸ Não encontrei relatórios semelhantes, tanto da Funai como da Secretaria de Educação em outros arquivos.

cerca de 50 metros da antiga escola a atual que inicialmente contava com duas salas e banheiro. (CARDOSO, 2011, p. 79)

Em 1982, através de um convênio firmado entre a Prefeitura municipal e a Funai foi construída a sede definitiva da Escola Municipal de Primeiro Grau Limão Verde, prédio da atual escola Lutuma Dias. Tinha inicialmente duas salas de aula e um banheiro masculino e outro feminino. Sua ampliação ocorreu no ano de 1991, ganhando mais salas de aula, cozinha e secretaria. Foi no ano de 1991 que a escola também passou a se chamar Escola Municipal Indígena Lutuma Dias³⁹.

Na última reforma, realizada em 2009, foram feitos reparos na estrutura, assim como a pintura temática das paredes da unidade escolar. Atualmente conta com seis salas de aula, uma sala de professores com dez computadores e um ar condicionado, uma cozinha, dois banheiros, uma sala de diretoria, uma sala de coordenação e uma quadra esportiva. Uma sala de aula foi adaptada e se transformou na “sala de vídeo”. Em 2012, outra sala começou a ser equipada para se tornar a brinquedoteca Terena.

A Escola tem um datashow adquirido através de recursos do Projeto Observatório da Educação Indígena juntamente com verba repassada pela Associação de pais e alunos da Escola Indígena Lutuma Dias. Livros e dvd's do TV Escola estão disponíveis também para consulta de professores e alunos. A escola não conta com uma biblioteca, mas os alunos realizam o empréstimo de obras literárias e os professores fazem leituras em grupo durante as aulas.

A escola não tem muros nem portões, dando livre acesso ao seu interior. Segundo a atual diretora, esse fato é característico da comunidade indígena, já que nas aldeias, geralmente “não existem muros nem para separar as residências” (relato oral contido no Caderno de Campo de agosto de 2011).

Com relação à atuação dos professores, verificamos nos relatórios, que as principais reivindicações eram a ampliação do número de projetos de formação de monitores de 4 para 10 no ano de 1978, e posteriormente, para 16 no ano de 1979, de modo a permitir aos já formados a oportunidade de continuar estudando em nível de Segundo Grau; reconhecer cursos profissionalizantes em nível de Primeiro Grau;

³⁹ Informações do Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Lutuma Dias , 2002.

formação de monitores bilíngues com o intuito de treinar o indígena para exercer a função de monitor bilíngue de educação junto as suas próprias comunidades; capacitar pessoal docente previamente selecionado para atuar junto às comunidades, estudar e propor metodologia e técnica de ensino e materiais adequados à educação indígena (vide tabela 1- em anexo).

Era também solicitada a oportunidade de o educador adquirir conhecimento básico em Antropologia e Indigenismo visando sua melhor atuação e fixação nas áreas indígenas. Nesse item, verifica-se a presença de professores não-indígenas, e por isso a necessidade de capacitação.

Ao observar tais anotações, podemos destacar a preocupação dos elementos envolvidos na Educação Indígena, entre eles as lideranças com a preparação dos docentes para atuarem em área indígena, considerando serem necessárias as aulas de Antropologia e Indigenismo. Nos dias atuais, entendemos essa preocupação como uma forma de inibir o preconceito e a falta de conhecimento da população local a respeito dos Terena, inclusive, preparando os professores não-indígenas a estarem na sala de aula.

Num grifo particular e inserido no caderno de campo, é comum presenciar o descaso da comunidade local com relação aos indígenas. Verifico em diferentes relatos o fato de professores não-indígenas que não querem lecionar nas aldeias, devido a distância das cidades.

Em contraponto ouvimos várias vezes a informação de que muitos hoje em dia, preferem lecionar nas aldeias a lecionar nas escolas da cidade, devido ao mau comportamento dos alunos não-indígenas.

No Relatório de 1985 podemos observar a participação da comunidade no processo educacional da Escola Indígena Lutuma Dias, quando o documento (vide tabela 2 em anexo) cita a necessidade de:

Inserir professores e monitores indígenas. Constatamos também a existência de dois professores indígenas da própria comunidade, nos anos de 1984 e 1985. Ambos eram considerados professores leigos, pois possuíam na ocasião o segundo grau incompleto⁴⁰.

A participação da comunidade na contratação dos professores ainda permanece no momento atual, e é um elemento indicador da negociação do grupo Terena no espaço escolar. A inserção dos profissionais Terena nas unidades escolares, se caracterizam hoje, uma das principais fontes de geração de renda da comunidade, seguidos do serviço militar, da changa e da feira.

Em Limão Verde e em outras aldeias Terena, o cacique tem a liberdade de analisar junto à direção da escola os profissionais indígenas e não-indígenas encaminhados pela Prefeitura e Governo do Estado. Tem também a autonomia de sugerir nomes e negociar cargos, juntamente com seu conselho tribal. A decisão final é tomada após a discussão e aceitação da comunidade e acordo com a Gerência de Educação.

A contratação dos profissionais faz parte também da política interna da comunidade e traduz a força política interna das famílias e grupos políticos. Na escolha dos professores, destaca-se sempre a formação e a noção de pertencimento ao povo Terena. Dá-se prioridade aos professores que são da própria aldeia, que tenham ou estejam cursando o Ensino Superior, assim como as famílias das lideranças que já passaram ou estão na função atualmente.

Essa participação das lideranças nas definições que envolvem a escola indígena está presente também nos documentos oficiais no qual tivemos acesso. Na década de 1990, verifíco através do relatório número dois de 1990, redigido pela Secretaria Municipal de Educação de Aquidauana, informação semelhante:

⁴⁰ Osmar Coelho, chefe do Posto Indígena Limão Verde - Delegado da Funai de Aquidauana, em 16-12-1985.

Como exemplo, as das escolas das aldeias indígenas, as diferentes realidades com que nos deparamos. Nestes casos específicos das comunidades, os caciques, que têm agido como intermediários entre a Secretaria de Educação e Cultura e as Aldeias (Relatório da Secretaria Municipal de Educação de Aquidauana, 1990).

Este trecho do relatório contextualiza a situação educacional no município de Aquidauana, tanto para escolas urbanas, como nas rurais e indígenas naquele período. A parte citada é a finalização do relatório que realiza um balanço sobre a educação no município, onde o relator explicita deixar a temática indígena por último por se tratar de uma questão mais problemática ao município.

O relator cita algumas questões que considera problemática na Educação escolar indígena do município e as aponta no conteúdo do relatório:

A grande distância que separa as escolas indígenas da sede do município; a necessidade de transporte para professores não-indígenas e em algumas situações para os alunos que também residiam distante das escolas; a dificuldade de se encontrar mão de obra habilitada residente nos locais onde se situam as escolas; estradas não asfaltadas e nem sempre bem conservadas contribuem para a dificultar o acesso as escolas. (Relatório da Secretaria Municipal de Educação de Aquidauana, 1990, p.2)

A clientela flutuante é outro fator citado no documento. Segundo as informações isso impossibilita muitas vezes que escolas possam funcionar todos os anos e com as mesmas séries. Narra o documento:

Este fator causa sérios problemas administrativos como o deslocamento de professor e funcionários para outros núcleos escolares; custos elevados para a manutenção dos veículos que atendem aos professores, necessitando mais contratação de 'choferes' num número considerável, pois as escolas são dispersas, tem um alto custo dos combustíveis, compra de materiais pedagógica, entre outros. (Relatório da Secretaria Municipal de Educação de Aquidauana, 1990, p. 2)

Mais uma informação destacada no texto é a falta de equipe técnico-administrativa suficiente para atender às demandas de diretores e professores dessas unidades escolares.

Ainda no relatório número 2 é possível ter o número de atendimentos no núcleo escolar Limão Verde no ano de 1990. Este atendia de 1º a 6º séries, sendo que nas

quatro séries iniciais estavam matriculados 162 alunos com cinco professores habilitados; nas 5º e 6º séries estavam matriculados 45 alunos, atendidos por cinco professores, sendo dois habilitados e 3 cursando o nível superior. No núcleo Córrego Seco, eram atendidos alunos de 1º e 2º series com um professor habilitado⁴¹.

Em Limão Verde, existiam as unidades Córrego Seco e Timóteo Rostey. Esses núcleos mais recentes foram criados para atender a demanda de moradores mais distantes da unidade central da comunidade, que no ano de 2002 já contava com cerca de 1500 habitantes. Atualmente o núcleo Timóteo Rostey não está ativo, e o núcleo Córrego Seco atende em modo seriado.

Em 1997 os primeiros professores indígenas do município viriam a concluir o curso superior, ocupando as salas de aulas das diferentes aldeias Terena do município, com o intuito de atender ao pedido das lideranças e comunidades indígenas. No ano de 1999, Aquidauana criou a Lei Municipal nº 1.701/99, que alteraria a denominação das escolas municipais, incluindo o termo “indígena” para as escolas localizadas em área territorial pertencente às reservas indígenas (Arcenio Dias).

A atual Escola Indígena Lutuma Dias conta com 25 professores, sendo 10 indígenas e 15 não-indígenas. Desses dez professores indígenas, cinco são concursados. Os demais são contratados anualmente através da seleção realizada pela direção da escola, lideranças e Gerência Municipal de Educação. Entre eles estão os professores das disciplinas Arte e Língua Terena, que atualmente cursam o Ensino Superior. Cabe ressaltar que, para lecionar essas disciplinas, não é necessário ter a formação superior completa, mas sim, o domínio da cultura Terena.

A escola abriga estudantes da Pré-escola até o Ensino Fundamental, além do Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Os demais servidores como cozinheiros, serviços gerais, secretárias, direção e coordenação, também são membros da comunidade Limão Verde. Em 2011 houve a eleição para direção da escola, onde a diretora se manteve no cargo.

⁴¹ Professor habilitado era a denominação dada ao professor com formação em nível superior ou magistério.

2.3 Educação escolar indígena na escola Lutuma Dias

Antes de introduzir as informações sobre o currículo, as práticas escolares na escola Lutuma Dias e as entrevistas dos professores, produzi alguns gráficos com informações básicas a respeito de cada um desses professores. Esses gráficos tem o objetivo de demonstrar melhor quem são e principalmente as diferenças existentes entre cada profissional.

De acordo com os gráficos apresentados abaixo, os professores, na sua maioria, têm idades entre 35 a 50 anos, praticamente todos residem na aldeia e grande parte tem formação superior; 15 cursaram o Ensino Fundamental em escolas indígenas e dois em escolas urbanas. Dos 15 educadores indígenas, 5 são concursados, sendo que em 2013 uma das professoras saiu de sala de aula para atuar na Gerência de Educação do município, no núcleo de Educação Indígena e outra foi substituída por motivos internos da aldeia. Outras informações obtidas nas entrevistas e que não foram utilizadas nos gráficos apontam também que grande parte dos educadores (cerca de 60%) está em sala de aula há pelo menos dez anos⁴².

Uma das educadoras é da etnia Guarani, casada com um Terena e reside na comunidade há pouco mais de cinco anos. Outros dois são mestiços. O primeiro é filho de mãe Terena com pai não-indígena e residiu na infância com outros indígena. A adolescência e a fase adulta viveu na cidade, retornando para a aldeia Limão Verde quando assumiu a vaga de professor.

A segunda é neta de uma índia Terena com um não-indígena e nunca morou na aldeia Limão Verde. Os demais viveram a infância na aldeia e conviveram entre os Terena até a vida adulta.

Com relação à história de vida de cada um dos educadores e o que foi expresso através das falas, pude perceber que no caso da professora de origem Guarani, é possível identificar um tom de militância no que diz respeito ao preconceito vivido pelos indígenas no estado de Mato Grosso do Sul. Os professores que lecionaram na cidade, tenderam a apresentar uma visão mais ampla do que é lecionar em uma escola da cidade e em uma escola de aldeia.

⁴² Dez anos de experiência, seja na própria escola Lutuma Dias, ou em outras unidades escolares.

A partir das análises realizadas, destaco o fato de que alguns professores tiveram maior possibilidade de estar fora da aldeia devido a sua graduação, que ocorreu em universidades localizadas em Aquidauana e Campo Grande. Percebo a partir dessa informação que esses professores que tiveram mais vivência externa à aldeia conseguem articular melhor suas impressões sobre como deveria ser a escola diferenciada e principalmente, como a escola indígena deveria ser formatada.

Outro dado interessante é a variação no nível de formação acadêmica: os professores das disciplinas específicas, em sua maioria, ainda estão cursando a universidade, e podemos inferir que tal fato se dá, provavelmente, porque essas disciplinas não exigirem a formação acadêmica, mas sim, conhecimento da língua e da cultura tradicional. Embora alguns professores dessas disciplinas sejam graduados, observo que para lecioná-las, abre-se a possibilidade de que educadores sem formação universitária participem do contexto escolar, e busquem assegurar sua permanência através dos cursos de graduação e principalmente, a geração de renda familiar. Esses professores também mantêm outras formas de renda como o cultivo das roças. Muitos deles realizam a plantação ou a criação de animais para comercialização na cidade.

FOTO 10: PLANTAÇÃO DE MILHO



FONTE: A autora (2012).

Através das entrevistas pude verificar também que esses professores são protagonistas da educação escolar entre os Terena, pois vivenciaram a educação Terena, a educação escolar e alcançaram, em sua maioria, a formação acadêmica.

FOTO 11: PROFESSORES TOCANDO INSTRUMENTOS TRADICIONAIS DURANTE FESTA DO DIA DO ÍNDIO

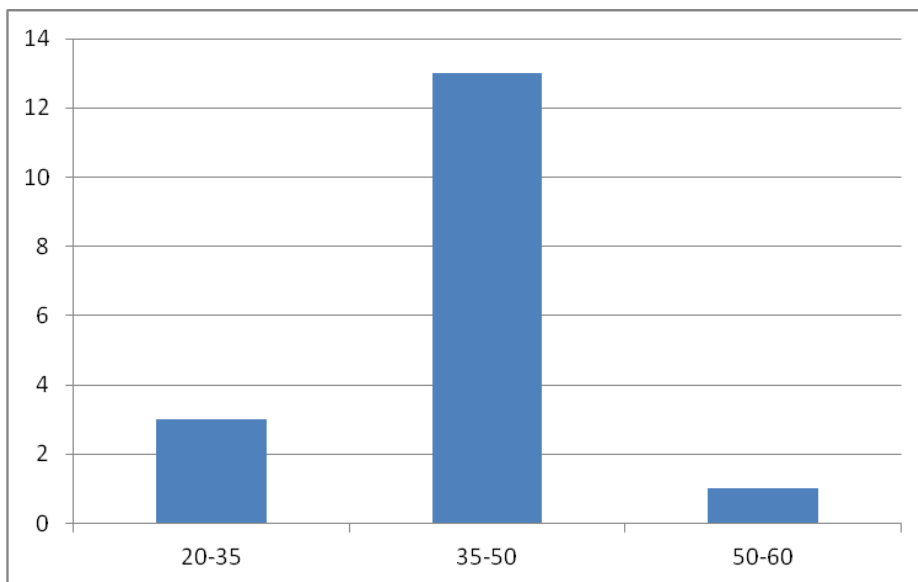


Foto: Naine Terena/2013.

Por terem essas diferentes vivências, carregam as expectativas de concretizar a educação escolar indígena diferenciada a partir de suas próprias experiências. Identifico-os como pessoas que ascenderam dentro da comunidade, sendo respeitados como os transmissores de conhecimento, inclusive sendo alguns deles consultados e convocados para as reuniões internas e decisões importantes⁴³.

⁴³ Verifiquei a presença dos professores na retomada de terra em 2011, quando a diretora da Escola Indígena Lutuma Dias, foi convocada para compor o grupo de retomada, formado pelo cacique, conselheiros tribal,

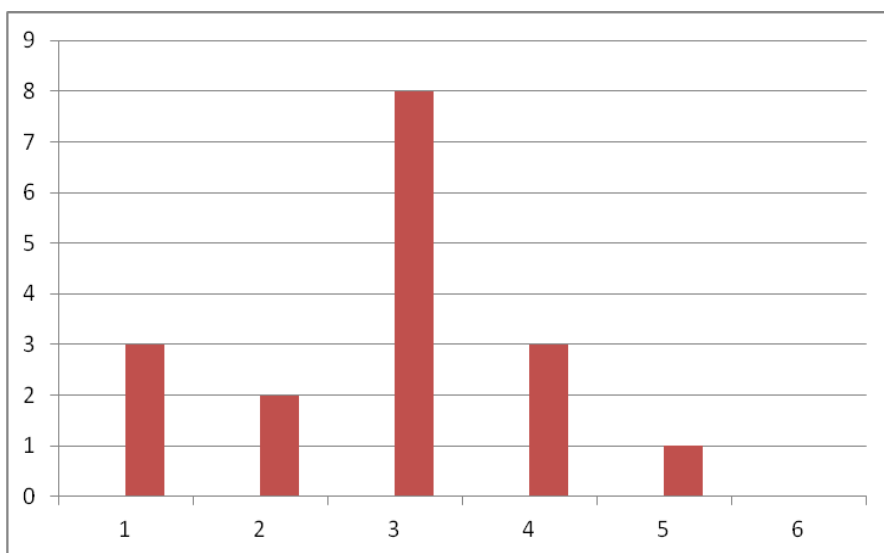
GRÁFICO 1: IDADE DOS PROFESSORES TERENA ENTREVISTADOS



FONTE: A AUTORA (2014)*

NOTA*: Dados elaborados a partir das entrevistas realizadas com professores Terena feita pela autora

GRÁFICO 2: FORMAÇÃO DOS PROFESSORES TERENA ENTREVISTADOS

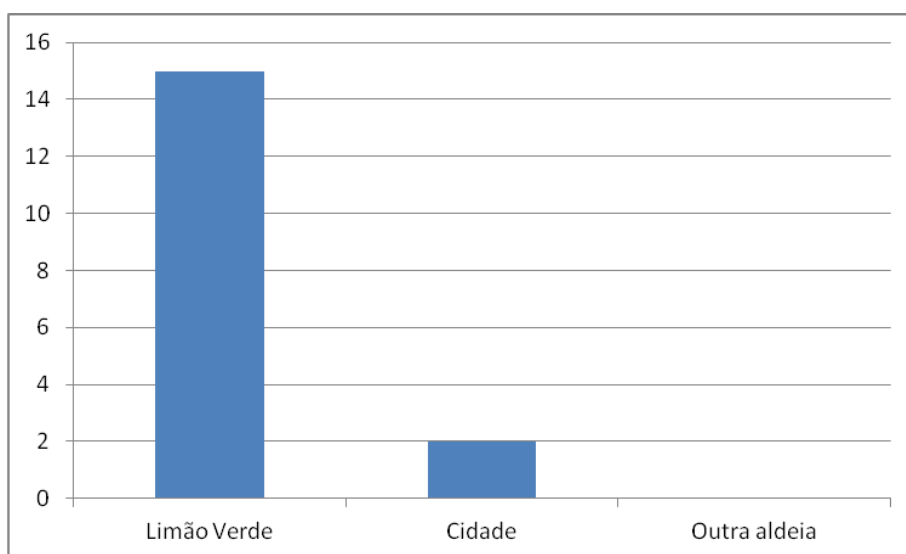


FONTE: A AUTORA (2014)*

NOTA*: Dados elaborados a partir das entrevistas realizadas com professores Terena feita pela autora

- 1- Ensino médio completo
- 2 - Ensino superior cursando-incompleto
- 3 - Ensino superior completo
- 4 - Especialização
- 5 - Mestrado
- 6 - Doutorado

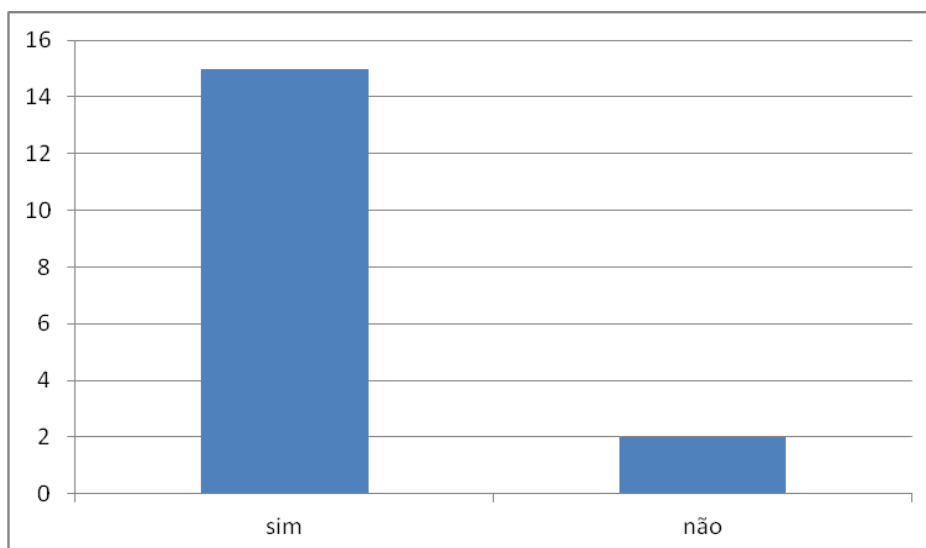
GRÁFICO 3: ONDE RESIDE ATUALMENTE OS PROFESSORES TERENA ENTREVISTADOS:



FONTE: A AUTORA (2014)*

NOTA*: Dados elaborados a partir das entrevistas realizadas com professores Terena feita pela autora

GRÁFICO 4: SE O PROFESSOR TERENA ESTUDOU O ENSINO FUNDAMENTAL EM ALGUMA ALDEIA?



FONTE: A AUTORA (2014)*

NOTA*: Dados elaborados a partir das entrevistas realizadas com professores Terena feita pela autora

2.3.1 Educação indígena e educação escolar indígena nas palavras dos professores Terena

A constituição de uma escola diferenciada é um grande desafio para os povos indígenas do país. Os motivos são os mais variados e passam pela questão das políticas de educação adotadas pelos estados e municípios, alocação de recursos, diferenças socioculturais apresentadas pelos povos indígenas do Brasil e o modelo de educação escolar aplicado nas aldeias.

De acordo com o Decreto 6.861 de 27 de maio de 2009, a Educação Escolar Indígena deve ser organizada com a participação dos povos indígenas, observando sua territorialidade e respeitando suas necessidades específicas. O Decreto 6.861 de 27 de maio de 2009, no artigo Art. 3 cita que é necessário o desenvolvimento de currículos e programas específicos, incluindo conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades e o reconhecimento de escolas indígenas com normas próprias e diretrizes curriculares específicas, voltadas ao ensino intercultural e bilíngue ou multilíngue.

Não só o Decreto oficializa a condição da escola diferenciada, como também o pensamento dos próprios professores indígenas acerca do que deve ser a educação escolar indígena: “a identidade Terena dentro do contexto escolar deve ser reafirmada todo o tempo, por que só assim, torna-se (a escola) indígena de verdade” (depoimento da professora 4). Essa é a afirmação feita por uma das professoras entrevistadas nesta pesquisa que, assim como os demais, acreditam que o primeiro passo para a aplicação prática de uma escola indígena diferenciada é a conquista da autonomia para se pensar uma escola apropriada para o povo Terena:

Nós enquanto Terena o que nós almejamos mesmo é que ela tenha autonomia, sabe autonomia, para que nós possamos realizar essa tal educação escolar indígena que desde 80, acho que desde que eu comecei a dar aula já se falava isso. Quantos anos já foram? Já foram 25 anos praticamente e não conseguiram fazer, porque nós não temos autonomia, mesmo por que eu acho, eu creio que educação escolar indígena, ninguém fará por nós, por que, mesmo por que, os não índios não conseguiram fazer por que não está na alma deles essa educação escolar indígena, por que a educação escolar indígena esta dentro da gente, está arraigado, ela é nossa mesmo, enquanto que os não índios não conseguem fazer, não por que talvez eles não queiram fazer, talvez

tenham até vontade, mas eles não vão conseguir fazer, por que eles não tem essa alma. (Depoimento da Professora 4)

Segundo Araci Lopes (2001, p. 102), as reivindicações para a implantação das escolas indígenas diferenciadas ficaram evidentes a partir da década de 70 e foram consolidadas em textos como a Constituição Federal, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação e em Portarias e regulamentações que expressam as políticas públicas, como as Diretrizes para a Política Nacional de Educação Indígena.

A Constituição de 1988, no artigo 210 “assegura aos povos indígenas o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, cabendo ao Estado à proteção das manifestações das culturas indígenas” (Artigo 210 da Constituição Federal de 1988).

Embora tal designação esteja clara no Decreto e assegurada na Constituição, a construção de um currículo diferenciado esbarra em diferentes problemas, que perpassam pela formação dos professores, a falta de material didático adequado, de metodologia específica para as escolas indígenas, entre outras questões de ordem política e que envolvem a Esfera governamental. GRUPIONI cita como alguns dos percalços, os prazos, metas, orçamentos, regulamentos e formulários:

...não são facilitadores de processos que garantam aos povos indígenas, por meio de suas lideranças, professores e organizações, a condução de processos autônomos de decisão quanto ao rumo da educação escolar, mas como instrumentos normatizadores que promovem o enquadramento de experiências que devem ser únicas em modelos já estruturados, sedimentados e burocratizados. (GRUPIONI, 2010, p. 90)

Para GRUPIONI o que é um direito tem se tornado, em alguns casos, uma obrigação, uma imposição do Estado, executada segundo políticas públicas homogeneizadas que não levam em conta a situação atual e os desejos das comunidades indígenas beneficiárias dessas políticas.

Ainda na Portaria Ministerial MJ/MEC n. 559, de 16 de abril de 1991, que cria a Coordenação Nacional de Educação indígena e dá providências correlatas, observa-se no texto inicial o contexto histórico da educação indígena:

Historicamente, no Brasil, a educação para as populações indígenas tem servido como instrumento de aculturação e destruição das respectivas etnias, reivindicando todos os grupos indígenas, hoje uma escolarização formal com características próprias e diferenciadas, respeitadas e reforçadas suas especificidades culturais. (Coletânea da Legislação Indigenista Brasileira, 2008, p. 483)

Segundo GRUPIONI, o Convênio 169, proclamado em 1989, tem como ponto fundamental reconhecer que cabe aos povos indígenas decidir quais são suas prioridades em matéria de desenvolvimento e que eles têm o direito de participar dos planos e programas governamentais que os afetam. O autor explica também que diferente do Convênio anterior, esse reconhece a diversidade étnico-cultural dos povos indígenas deve ser respeitada em todas as suas dimensões. (GRUPIONI, 2001, p. 93).

O autor também afirma que o Convênio prevê a participação dos povos indígenas na formulação e na execução de programas de educação, o direito de criar suas próprias instituições e meios de educação de alfabetizar suas crianças em sua própria língua e na língua oficial do país em que vive.

Darlene Taukane em palestra proferida no ano de 2008 afirma que começou a refletir e repensar sobre a educação escolar para e do povo Bakairi em 1994, quando iniciou um levantamento de dados para o mestrado:

Até então, eu não tinha a consciência de que eu mesma era fruto de um projeto de educação escolar de negação, de não-valorização cultural, enquanto pessoa e como mulher indígena... como fui educada nos moldes de uma educação para que eu me tornasse uma pessoa 'civilizada. Até então não se tinha a preocupação de uma educação diferenciada para o povo Kurâ- Bakairi, assim como para os demais povos indígenas. (TAUKANE, 2008, p. 15)

A fala de Darlene Taukane reflete a realidade da educação escolar indígena, onde a questão cultural de cada etnia, em muitos casos, não é levada em consideração como fator preponderante para a construção do espaço escolar e da escola diferenciada.

Araci Lopes (2001, p. 101), por sua vez, reflete sobre as possibilidades efetivas de criação de uma escola indígena diferenciada, com um papel importante na construção de diálogos interculturais e projetos políticos e de autogestão econômica,

tecnológicas, cultural e linguísticas por grupos indígenas específicos como sendo preceitos igualmente estabelecidos na Legislação e nas políticas públicas educacionais brasileiras.

No artigo *Antropologia, história e educação* (2001), Araci Lopes e Mariana Kwall falam da escola indígena, no âmbito de um encontro entre antropologia e educação, como sendo uma fonte de intercâmbio entre prática e teoria:

É também um espaço de encontro entre dois mundos, duas formas de saber ou ainda, múltiplas formas de conhecer e pensar o mundo; as tradições de pensamento ocidentais, que geraram o próprio processo educativo nos moldes escolares, e as tradições indígenas, que atualmente demandam a escola. Por tais características, que colocam a escola indígena em situações intersticiais, sugiro ser fértil considerá-la, teoricamente, como fronteira, o que poderá ser extremamente útil para compreender melhor seu funcionamento, suas dificuldades e os impasses provocados pelas propostas de educação diferenciada. (LOPES e KAWALL, 2001, p. 47)

Gilda Kuita narra sua experiência a respeito desse tema no artigo *A educação indígena estava muito fechada*. Kuita comenta que “os não índios pensam que a educação indígena é a mesma coisa que a de vocês, mas é muito diferente” (KUITA, 2008, p. 24).

Narrativas como as de Kuita e Taukane se equiparam ao que dizem os educadores Terena durante nossas entrevistas. Os professores durante a gravação lembram que o fato de terem recebido a educação indígena sentiram o impacto ao saírem da aldeia para estudar nas escolas da cidade, por se depararem com o mundo não-indígena:

Na quinta série, quando a gente esta na fase da adolescência, naquela época era difícil. Tinha momento em que eu não queria me sentir indígena sabe, teve várias colegas minhas que foram comigo daqui e desistiram né, só que tem aquela questão da persistência, eu pensava assim, tenho que mostrar para eles que eu sou melhor e eu posso ser e sabe, esse era meu lado de estar correndo nesse meio. (Professora 5)

Os relatos recolhidos nas entrevistas com os professores Terena demonstram as dificuldades encontradas por cada um ao estudar e entrar em contato mais direto com a sociedade não-indígena, que mesmo estando tão próxima da aldeia Limão Verde, apresentava e apresenta ainda, muitos estigmas com relação aos indígenas:

Me lembro que quando cheguei a cidade para estudar, ao dizer que eu vinha da aldeia e que sou descendentes de indígenas, logo os colegas faziam piadas, falavam que eu demorava pra entender as coisas por que era índio. Porém, isso nunca me abalou, nunca mesmo, ao contrário, eu sorria e ficava na minha. O pior de tudo isso foi chegar a faculdade e os outros acharem que eu tinha privilégios, por acharem que eu participava da cota. Aqui na cidade de Aquidauana, uma mulher da área de educação veio me dizer, 'você só se formou graças à cota indígena', mal sabe ela que aprendemos com nosso pai que nunca permitiu isso. Entramos no peito e na raça. (Professor 2)

Fui criada na aldeia. Quando era criança era só brincando. Aqui na aldeia é totalmente diferente do que lá né, (...) estudei o Fundamental é aqui, mas primeiro eu comecei na cidade, o quinto ano, depois comecei aqui. A dificuldade era condução. Aí por isso que eu parei, depois comecei de novo aqui, quando teve do quinto ao nono. Tinha preconceito sim. (Professora 3)

Eu estava contando para meus alunos essa semana de que quando eu entrei na escola, de cara eu já entrei numa escola recomeçando o primeiro ano, numa escola praticamente americana, direção americana, professores americanos, costumes americanos, então foi uma luta muito grande, né primeiro por que eu não entendia o português, segundo porque eles tinham sotaque americano não era sotaque português, então eu vivia uma coisa que me marcou muito, mas eu era obrigada a estar ali todos os dias eu quase chorei umas duas semanas. Era em taunay, era da missão evangélica. (Professora 4)

Eu percebia que até os próprios índios, não gostavam de falar que eram índios. Mas hoje está mais aberto nessa questão indígena. Porque hoje, ninguém mais tem a vergonha de falar que é índio, acho até que é questão de orgulho para pessoa dizer que é índio. Eu já passei por uma situação, quando a gente falava que é índio mesmo... (Professora 1)

Numa observação particular, dou destaque ao que considero como “invisibilidade” dos Terena diante dos não-indígenas, já que podemos constatar que muitos dos moradores não-indígenas da cidade pouco sabem e pouco procuram saber acerca das aldeias e dos seus moradores.

Na cidade de Aquidauana podemos observar esse fato. Mesmo os Terena estando constantemente na cidade, a população tem pouco contato, ficando o diálogo entre eles limitado à compra de produtos nas Feiras, ou nos serviços prestados tanto pelos Terena, como pelos comerciantes de Aquidauana. As aldeias estão em proximidades específicas, como Limão Verde a 18km e o Distrito de Taunay, que concentra a maior número de comunidades Terena, com distância de 60km.

Outro fator que pode influenciar nesse distanciamento pode ser relacionado ao estado de Mato Grosso do Sul, tido como sendo o mais anti-indígena do país, por não apresentar uma flexibilidade e facilidade de negociação quando se trata de questões indígenas.

Para que o aluno esteja pronto para superar tais diferenças e a “invisibilidade” imposta pela sociedade não-indígena, os professores reforçam a necessidade de a escola indígena ter a cara da comunidade. Para eles, primeiro o aluno precisa se afirmar enquanto indígena, depois conhecer o sistema em que estará inserido, aí estará pronto para sair, e para isso, o professor deve dar sua contribuição conforme narra o depoimento:

Eu tenho conseguido viver (...) porque primeiro a gente vivencia pra depois passar (para os alunos). Você precisa sentir isso, por exemplo, a gente fala muito em discriminação. Você vivenciou muito isso, então o que você faz na sala de aula? Você prepara os seus alunos para que eles não passem o que você passou. (Professora 4)

No caso dos entrevistados, esse impacto sofrido com o contexto urbano, aconteceu no período em que frequentaram a universidade. As principais dificuldades de relacionamento com os não-indígenas eram motivadas por questionamentos relacionados à capacidade do indivíduo indígena de estudar e exercer funções até então ocupadas pelo não-indígena, como lecionar, coordenar e dirigir escolas. De acordo com as entrevistas:

Primeiro na faculdade, o primeiro ano da faculdade, no primeiro dia, ninguém conhece ninguém. Então pela aparência a pessoa vê, já julga né. Então todo mundo foi tratado de uma maneira igual, só que no momento que eu disse que sou indígena, eu senti sim, que algumas pessoas se retiraram não quis falar comigo, pelo fato de eu dizer que sou indígena. (Professora 14)

Muitas vezes os professores, principalmente os não-indígenas quando a gente chega no Ensino Médio por exemplo. No ensino médio que a gente encontra o tal de seminário né (sic), muitas vezes eles colocam isso para o indígena como se o indígena não consegue fazer o seminário, né? Apresentar esse trabalho, por causa que o professor não-indígena querem ver o indígena quando chegar nessa parte, lá embaixo, por que pensa que nós não estudamos, mas, conseguimos sim, não só por que somos indígenas, nós vamos conseguir, como que nos vamos conseguir? Nós somos pessoas né, temos consciência. (Professora 2)

Na cidade tem né, tem pessoas brancos que não gostam de índios, não quer que índio vai pra frente, mas nós temos que enfrentar tudo isso. (Professora 11)

Quando a gente esta fora do convívio com os índios a gente sofre muito isso, por que muitas das vezes chamam a gente de incapaz, chamando a gente de burro, praticamente nos chamam de ignorantes, por que não sabem da maneira que a gente vive e de onde que a gente vive pra gente chegar e conquistar nosso espaço. (Professora 9)

Eu já passei por isso. Na sala de aula uma menina virou e falou assim – só podia ser índio, eu olhei e falei por quê? Ela respondeu, porque vocês são muito quietos, não conversam. E aí na hora de fazer trabalhos, se separaram de nós, por que tinham medo que nós não daríamos nossas opiniões do trabalho. (Professora 8)

Diante dos dados apresentados nas entrevistas, verifico que a maioria dos 15 educadores entrevistados passou por situação discriminatória durante a fase escolar/universitária. As falas e ações estavam sempre ligadas à identidade indígena e à capacidade de articulação de pensamento e atuação.

Embora tais fatos tenham sido marcantes na vida de cada um deles, observo na leitura das entrevistas e também no contato com os moradores de Limão Verde, que a formação superior é visto como um “troféu” para as famílias e a própria comunidade. As entrevistas apresentam alguns ressentimentos, porém, esses sentimentos parecem ser suplantados pelo objetivo alcançado⁴⁴.

Na época minha foi difícil, pois nós não tínhamos recursos tudo era difícil e hoje, só os vencedores que venceram. Agora as pessoas que não tinham nenhum compromisso com a educação... (fala sem finalização), principalmente nós que na época não tinha nada aqui na aldeia Limão Verde nós fomos vencedores. (Professor 6)

Na visão de Brand (2010), o professor indígena, na perspectiva de uma escola diferenciada é o principal personagem de quem depende efetivamente a implementação de uma escola indígena de qualidade:

⁴⁴ Essa vontade de romper os limites foi apresentada em diversos momentos dentro da comunidade, como sendo uma característica do povo Terena, de não se amedrontar diante dos desafios, conforme narra o professor 7: "O Terena é lutador né, ele enfrenta a questão de frente... o Terena não abaixa cabeça, a gente tem que sempre buscar o que é nosso, independente que se tiver os brancos na frente ai, temos de mostrar a cara né".

Os professores indígenas enfrentam dois grandes desafios, sendo o primeiro desafio que é o de se re-situarem e recontextualizarem no interior de suas comunidades, para que possam exercer seu papel como protagonista de uma escola voltada para dentro, levando-os a perceber o seu passado enquanto continuidade a ser reconstruída, buscando refazer e repensar, com imagens e ideias de hoje e com os novos conhecimentos incorporados as experiências deste passado. O segundo desafio a ser superado pelos professores indígenas está relacionado a necessidade de novos conhecimentos a partir da interação entre o conhecimento tradicional e os conhecimentos do entorno, ou seja, ao domínio dos conhecimentos básicos e necessários de caráter universal. (BRAND *apud* PAREDES, 2010, p. 9).

As afirmações de Brand são condizentes com o pensamento expressado pela professora indígena, ao questioná-la sobre o fato da escola Lutuma Dias, ser realmente indígena:

Infelizmente, continua a mesma coisa, continua aceitando o que vem lá de fora. Eu não sei se a cobrança teria que ser de nos professores, ou da própria gestão estar iniciando, dando essa iniciativa da gente estar dando momentos, oportunidade de estar discutindo, se unindo mais. (Professora 5)

Através das entrevistas, é possível identificar que existe a expectativa da comunidade, deles mesmos, e de seus familiares, de que tenham uma boa atuação na escola e que sejam os protagonistas de uma educação que capacite os mais jovens com qualidade, mas que, ao mesmo tempo, contemple os aspectos culturais Terena. Como exemplo, destaco o caso da professora 14, que exemplifica ações muito comuns na aldeia, como o auxílio dado pelas mulheres feirantes em momentos de necessidade⁴⁵.

Quando eu fui fazer o magistério a gente tinha que ir pra cidade, acordava 4 horas da manhã para ir no ônibus da feira estudar em Aquidauana e eu não consegui, desisti. Tentei dois anos e desisti (...). Então, perdi dois anos tentando estudar em Aquidauana e não consegui. E a gente às vezes ia, não tinha dinheiro para o almoço né? Às vezes fazia lanche, as feirantes ajudavam a gente, mas eu não consegui ir ate o final. (Professora 14).

⁴⁵ Sobre a ajuda das feirantes, é bastante comum esse tipo de auxílio dentro da comunidade. Quando existe a necessidade de se levantar recursos financeiros, as famílias e amigos unem-se e juntam dinheiro para suprir determinadas necessidades. Realizam também pequenos eventos como rifas, bingos, vendas de pães, salgados e outros produtos alimentícios, onde a comunidade se engaja em participar desse tipo de ação como forma de contribuir para a formação do indígena. A última ação que tive contato foi um bingo promovido pela família de uma formanda em Nutrição. A intenção era angariar fundos para que a mãe e o avô participassem do baile de formatura.

É muito importante né, essa pergunta, eu coloquei a mim quando entrei já no sexto, sétimo ano, comecei a pensar por que a gente estuda? Por que tem que estudar? Porque no início os pais da gente que leva a gente na escola, né? Porque a gente vai e vai aprendendo a estar na escola, todo ano tá na escola, só que quando a gente vai crescendo mais a gente pergunta, por que tem que estudar, aí? A gente começa a pensar, puxa, se eu não estudar o que vou fazer? E com o estudo a gente busca novos conhecimentos, começa a trabalhar, e não trabalhar somente para ganhar dinheiro, isso que todos querem ver, estudo só pra ganhar dinheiro. Mas o meu pensamento que eu quero é trabalhar para minha própria comunidade, aprender, o que eu sei, o que eu aprendi até aqui, o que vou aprender, eu quero repassar para a minha comunidade, e isso a gente tem que começar com os pequeninhos. (Professora 15)

Foi difícil porque muitas das vezes a gente sofria preconceito e não tinha pra quem recorrer, bem dizer a gente tinha que passar tudo aquilo sozinha né, mas superar aquilo que a gente estava vivendo no momento (...) estudar não foi apenas para superar tudo aquilo que minha mãe e meu pai havia sofrido e não tiveram a oportunidade de estudar, então eles fizeram de tudo para que eu pudesse estudar, terminar o ensino médio e fazer a faculdade depois. (Professora 9)

Diante da consciência de que devem oferecer como retorno para a comunidade uma educação de qualidade, os professores relatam como sendo uma necessidade, organizar uma escola Terena que tenha autonomia indígena para a construção da escola diferenciada.

Segundo Darci Sechhi, autonomia está associada à ideia de soberania e de desenvolvimento econômico e tecnológico. O autor diz que, nessa perspectiva, a autonomia expressaria possibilidade de uma população definir o seu próprio destino predominantemente sob a forma e nos limites de um Estado Nacional (Sechhi, 2007, p. 13).

Para os professores Terena a autonomia se dá através do direito de compor uma educação escolar moldada na cultura e no modo de vida da aldeia, não sendo formatada pelas esferas políticas e burocráticas que envolvem as Gerências de Educação do Estado e município.

Em 2010, durante uma reunião do Grupo Observatório da Educação indígena, perguntei quais eram os principais problemas e dificuldades que eles observam na Educação Escolar indígena. Dentre as respostas obtidas e registradas em caderno de campo, pude destacar os principais pontos levantados:

1. Uma das principais dificuldades da educação indígena é que ela se torne uma realidade deixando o modelo dos não índios;

1. Falta de material relacionado à língua materna;
 2. Falta de capacitação para os professores de Arte e Língua Terena;
 3. Falta de emancipação política, para responder aos anseios do povo Terena;
 4. A educação escolar tem que ser diferenciada. Calendário Escolar indígena diferenciado. Falta de material didático para os alunos e para professores.
- (Caderno de campo, 2010)

Para acabar com essas dificuldades e problemas, e alcançar uma escola indígena diferenciada, nas entrevistas gravadas, os educadores dizem ser necessário um extenso diálogo e união entre os próprios indígenas. Essa união seria primordial, para a legitimação Educação escolar indígena, já que existem atualmente as Leis, porém a prática apresentada ainda é muito diferente do que cada uma delas prevê:

A gente precisa se unir, reformular esse Projeto Político Pedagógico, para a escola indígena, porque ainda não tem. (Professora 4)

A questão da ementa tinha que ser planejada aqui dentro, sair de dentro para a Secretaria, era eles que deviam estar avaliando e não nós aceitando o que eles estão impondo para a gente. Primeiro eles tem que ver a nossa realidade, eles falam assim, vocês vão adequar a sua realidade, mas se já vem uma coisa pronta, como você vai né? Então não tem como. Isso é para todas as aldeias. Todas, todas, eles falam que vocês têm que adequar essa atividade para sua realidade, só que sempre estivemos discutindo a ideia; era para partir daqui para a Secretaria e não da Secretaria para a gente. (Professora 5)

Noto nessas informações que esses professores acreditam na aplicação de características da educação indígena, para a elaboração projeto político pedagógico da escola. Eles propõem um trabalho comunitário, pois o questionamento maior está embasado na ausência da educação indígena como elemento preponderante da escola e essa inserção deve começar a partir da participação coletiva dos próprios educadores indígenas na elaboração de um Projeto Político Pedagógico que realmente contemple a comunidade escolar Terena.

Para GRUPIONI (1990) um dos fatores que impedem a aplicação das leis e da autonomia indígena, está relacionada a burocratização da educação escolar indígena.

Essa afirmação também foi atestada pelos professores Terena como sendo os impasses entre a sociedade indígena no contexto da educação escolar.

GRUPIONI cita como alguns dos percalços para a efetivação da educação escolar indígena, prazos, metas, orçamentos, regulamentos e formulários. O autor explica que esses elementos:

Não são facilitadores de processos que garantam aos povos indígenas, por meio de suas lideranças, professores e organizações, a condução de processos autônomos de decisão quanto ao rumo da educação escolar, mas como instrumentos normatizadores que promovem o enquadramento de experiências que devem ser únicas em modelos já estruturados, sedimentados e burocratizados (GRUPIONI, 2010, p. 90).

O autor cita ainda, que, o que é um direito tem se tornado em alguns casos, uma obrigação, uma imposição do Estado, executada segundo políticas públicas homogeneizadas que não levam em conta a situação atual e os desejos das comunidades indígenas beneficiárias dessas políticas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação e outras Leis garantem a educação escolar indígena, e segundo Araci Lopes, as escolas das aldeias deveriam ser transformadas em lugares do e para o exercício da autonomia indígena, porém existe a ação homogeneizadora do Estado.

Essa homogeneização, ao se analisar os relatos dos professores, tem deixado de considerar a identidade e o pertencimento dos indivíduos indígenas com relação a sua própria realidade, o que interfere também no desempenho do professor indígena dentro da sala de aula. Nas narrativas dos professores Terena entrevistados podemos verificar as seguintes afirmações:

Para a escola indígena falta bastante né. A formação dos professores tem que ser de acordo né, com a realidade... acho que todos os educadores sentem dificuldade... não foi ensinado como a gente deve alfabetizar, tem essa dificuldade de alfabetização. (Professora 5)

A educação escolar ela não foi pensada para nos índios, ela foi pensada assim de forma geral para todo mundo e isso traz assim, trouxe dificuldade, depois de conversa com os colegas foi discutindo estamos num processo de aprendizagem do dia-a-dia, e isso fica, a gente começa a perceber que nos temos que produzir nossos materiais, para dar assim,

facilitar nosso trabalho pedagógico dentro da escola. E os colegas que vem, a gente percebe que tem certa dificuldade, a gente vai ajudando e crescer junto. (Professora 3)

Por fim, questiono então como esses professores acreditam que deveria ser formatada a escola indígena, obtendo as seguintes respostas:

Têm muitas coisas do branco, tinha de ser muito mais voltado para a nossa realidade” (Professora 10).

Já fala né? Tem lei que já fala assim, educação escolar indígena. Não está esse movimento de principal foco, escolar indígena, pois está sem sair. (Professor 12)

Hoje em dia tem muitas coisas que aqui tem de melhorar né? tipo assim, a merenda escolar que tem muita coisa errada, as merendas, a questão também dos próprios professores, que aqui hoje em dia, tem muitos professores formados na aldeia e que não estão na sala de aula e deveríamos dar prioridade só pra aqueles professores que são aqui da aldeia. (Professor 7)

Eu acho que para melhorar a gente tinha que fazer um planejamento voltado para nossa comunidade. (Professor 13)

Mas, tem muito que mudar, os costumes, como trabalhar em sala de aula, por que a gente está trabalhando em sala de aula no jeito dos brancos ne, então eu acho que o primeiro momento é mudar isso, a nossa metodologia, como trabalhar. Por que a gente está na aldeia e tem muita coisa rica para trabalhar, por exemplo, a gente vai trabalhar sobre a natureza, apresentar livro. Vídeo é uma coisa diferente; para sair; a escola dar apoio para isso, a gerência principalmente. (Professora 14)

A educação escolar indígena na nossa escola, ela está bem dizer, não esta bem assim adequado a nossa educação, educação que nos queremos por que a educação escolar indígena nos devemos estudar, por exemplo, o que na nossa aldeia, nós temos, podemos fazer a educação interdisciplinar, porque nos já aprendemos a nossa cultura, a geografia, a matemática, enfim, outros. (Professora 1)

Muitas coisas, por que muitos dos professores não sabem o que é realmente ter uma escola diferenciada, ter um currículo diferenciado, saber administrar isso para os alunos, abrir os horizontes, por que os alunos hoje, a gente não prepara eles apenas para uma cultura, a gente prepara eles pra transitar tanto na cultura indígena com os depermanecer lá fora, e muito dos professores não criam isso no aluno, por que o primeiro obstáculos que eles tem, eles tem a intenção de desistir já, por que eles não são preparados para os preconceitos que virão, as lutas que eles terão ainda, creio eu que isso falta ainda, por que isso depende de cada professor criar isso nos alunos, esse opinião, ser

crítico, não aceitar tudo que é imposto, isso desde pequenininho tem de formar na cabeça das crianças, dos alunos principalmente para que futuramente eles possam se defender. (Professora 9)

Agora meu é diferente, por que língua terena né? Manter a cultura né, só que os conteúdos vem de lá, aí não tem como fazer, por que eles não sabem a realidade aqui de como gente faz pra dar aulas de língua Terena né. (Professora 3)

Ainda a respeito da escola diferenciada o professor 2, frisa uma questão bastante pertinente no que diz respeito a posição do professor indígena e sua liberdade de atuação para que a escola se torne realmente uma escola indígena.

O respeito do povo local. O respeito aos indígenas professores. O respeito à cultura local. Digo, não tem liberdade de trabalho, em se tratando de sermos indígenas. Digo, vejo que a direção vive trabalhando sob pressão, o que acaba prejudicando o professor em sala de aula. (Professor 2)

Esse ponto de vista representa o que os professores citaram anteriormente como sendo parte das dificuldades que vivenciaram para terminar seus cursos de graduação e no decorrer da vida escolar fora da aldeia: o questionamento da capacidade. Quando o professor 2 relata a dificuldade em trabalhar, ele aponta que o “ser professor indígena” é superar as imposições de um pensamento colonizador a seu trabalho em sala de aula.

O conjunto de respostas aponta para a perspectiva de que a educação escolar indígena Terena deve promover o trânsito dos estudantes entre os mundos indígenas e não-indígena. Os professores apresentam através das respostas a necessidade de fazer com que os alunos tenham capacidade de assumir postos de trabalhos fora das aldeias, mantendo a identidade indígena. Isso aconteceria através do conteúdo interdisciplinar e do próprio reconhecimento do espaço em que vivem, tanto em termos geográficos, como cultural.

Esse reconhecimento geográfico se daria através da visualização da aldeia e seus elementos naturais, assim como a cultura, vista a partir da vivência oferecida pela escola e pela comunidade de forma integrada.

Também verifica-se que anseiam pela construção de currículos, projetos políticos pedagógicos e materiais didáticos que contemplem tanto as disciplinas componentes da

educação escolar formal, quanto o aprendizado da educação Terena, e que na prática, possam ser utilizados integralmente, pois como veremos no próximo item, existem ainda grandes diferenças entre o que se pensa para a escola indígena e sua aplicação prática.

2.3.2 Currículo e a aplicação prática na Escola Indígena Lutuma Dias

Explorar o currículo e a aplicação prática no dia a dia da Escola Indígena Lutuma Dias para compreender como se concretiza a educação escolar nesse espaço, é expor também, a dificuldade de se implantar um modelo de educação escolar indígena diferenciado nas mais diferentes escolas indígenas do país.

Isso por que as dificuldades apresentadas na escola Indígena Lutuma Dias são também constatadas em diversas outras unidades escolares existentes nas aldeias e reservas indígenas brasileiras.

Um dos fatores que dificultam a implantação desse formato de escola se dá pela utilização de modelos de educação tradicional imposto pelas Gerencias e Secretarias de Educação que evitam outras possibilidades de metodologias de ensino para a escola indígena.

Percebe-se através de informações levantadas no decorrer desta pesquisa que os órgãos responsáveis pela educação escolar indígena não buscam a concretização de uma escola diferenciada, preferindo aplicar os modelos padrões e inserindo apenas as poucas disciplinas específicas. Isso porque aplicar um modelo diferenciado implicaria na manutenção técnica e de pensamento dos gestores públicos e da comunidade envolvente.

Um modelo de escola diferenciada demandaria maior número de capacitações sobre as culturas específicas, uma alteração nos materiais didáticos e uma nova estrutura de pensamento, onde o indígena passaria a ter mais autonomia na escola e

através dela, do espaço territorial em que estão inseridos, levando, sobretudo, à legitimação das identidades e das diferentes lutas em que estão inseridos⁴⁶.

Embora as diretrizes para a Educação Indígena editadas pelo MEC estabeleçam linhas mestras gerais, entre elas, a de que a educação escolar indígena deve ser intercultural e bilíngue, específica e diferenciada, muito há de se fazer para se ter efetivamente uma escola voltada para as populações indígenas.

Uma série de outros decretos e leis⁴⁷ frisam a especificidade das escolas indígenas - de acordo com o Decreto 6.861 de 27 de maio de 2009, ela deve ser organizada com a participação dos povos indígenas, observando sua territorialidade e respeitando suas necessidades específicas.

Já o Decreto número 26, de fevereiro de 1991, estabelece as competências da Educação Escolar Indígena para as instâncias Federal, Estaduais e Municipais, e a Portaria Interministerial número 559 de abril de 1991 propõe normas gerais para as escolas indígenas serem gerenciadas pelo estado e município, além da própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nos artigos 32, 78 e 79.

A Legislação brasileira nos artigos 210, parágrafo 2º assegura a utilização das línguas indígenas e processos próprios de aprendizagem no ensino fundamental; o artigo 215, parágrafo 1º, define como dever do Estado a proteção das manifestações das culturas indígenas; já o artigo 231 reconhece aos índios a sua organização social, línguas, crenças, tradições e direitos originários sobre terras tradicionalmente ocupadas.

Avaliando esse universo normativo oferecido para as gestões estaduais e municipais, verifico que, a princípio, algumas dessas orientações foram seguidas pela Gerência de Educação de Aquidauana, para a execução das ações voltadas para a Educação indígena.

⁴⁶ Proporcionar uma escola indígena diferenciada, ao meu ver, é acreditar e legitimar que os povos indígenas vivem de forma diferenciada e a partir daí garantir direitos como a terra, a saúde e a autonomia.

⁴⁷ É importante salientar que os professores e coordenadores da Escola Indígena Lutuma Dias, têm conhecimento das leis e suas determinações. Sabem dialogar a respeito da Educação diferenciada e os direitos das comunidades indígenas à escolarização e principalmente, sobre a predominância de profissionais indígenas em sala de aula. Eles têm propriedade em dialogar a respeito da LDB e utilizam-na como bandeira para a inserção do profissional indígena em sala de aula e manutenção das disciplinas específicas.

Dentre as orientações aplicadas, destaco a implementação do núcleo de educação indígena nessa gerência e a construção de conteúdos para as disciplinas específicas.

O núcleo de educação indígena é responsável pela intermediação de ações e orientações para as escolas indígenas do município. O gerente desse núcleo nos anos de 2009 a 2012 era um indígena Terena de Limão Verde e o cargo geralmente é uma indicação política da prefeitura. Em 2013 o cargo foi ocupado por uma professora também Terena, residente na cidade e que lecionava na Escola Indígena Lutuma Dias.

Parte do histórico dessa coordenação é narrada por Arcênio Dias, indígena Terena do Limão Verde, que foi gerente da Educação Escolar Indígena na GEMED, de 2009 até o ano de 2012, no artigo “A Garantia do Ensino da Língua Terena e Artes e Cultura Terena no Município de Aquidauana” (2011).

Segundo Dias (2011), as escolas indígenas do município contam com duas disciplinas diferenciadas: ensino de Língua Terena e Artes e Cultura Terena, desde a Educação Infantil ao 9º Ano e EJA. As duas disciplinas específicas foram regularizadas como obrigatórias em Aquidauana a partir de 1999 conforme a Lei Municipal Nº 1.701.

Dias (2011) escreve que antes da Lei, as disciplinas já vinham sendo ministradas até o quinto ano, porém não existia a garantia de um currículo específico e acompanhamento escolar mais direcionado a elas.

Embora tal designação esteja na Legislação que trata da educação escolar indígena, foi necessário que a Prefeitura Municipal estabelecesse uma lei local para o cumprimento efetivo das determinações da educação indígena, e ainda assim, a construção desse currículo esbarra em diferentes problemas, que perpassam pela formação dos professores e a falta de material didático adequado para uso em sala de aula.

A respeito da inserção dessas disciplinas como elementos diferenciadores do currículo comum, verifico que elas têm sido o carro chefe para se falar em Educação Indígena diferenciada (não só em Limão Verde, mas nas demais escolas indígenas do país).

Parece-me que o fato de incluí-las no currículo das escolas indígenas, supre a necessidade de manter a chancela indígena na unidade escolar, e de cumprir o que dita Decreto 6.861 de 27 de maio de 2009 sobre a educação escolar indígena.

Em suma, o decreto menciona que a educação escolar indígena deverá ser organizada com a participação dos povos indígenas, observando sua territorialidade e respeitando suas necessidades específicas. Explica ainda, que é necessário o desenvolvimento de currículos e programas específicos incluindo conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades e o reconhecimento de escolas indígenas com normas próprias e diretrizes curriculares específicas, voltadas ao ensino intercultural e bilíngue ou multilíngue (Art. 3).

Em 2011, a Resolução Conjunta CME/GEMED nº 006, de 27 de janeiro de 2011 garantiu que o Ensino Fundamental viesse a ter a Língua Terena e Artes e Cultura Terena do 6º ao 9º ano, que até então eram ministrados até o 5º ano. Arcênio Dias ressalta que as ementas das disciplinas de Língua Terena e Artes e Cultura Terena foram construídas com a participação das cinco escolas municipais indígenas: General Rondon, Lutuma Dias, Feliciano Pio, Francisco Farias e Marcolino Lili, através de professores, coordenadores pedagógicos e diretores escolares:

Sob a orientação do professor Arcênio Francisco Dias reuniram-se por várias vezes nas aldeias e também na Gerência Municipal de Educação até a conclusão do trabalho. As ementas da EJA foram construídas diretamente pelo Setor de Educação Indígena da Gerência Municipal de Educação. (Arcênio, 2011)

Mesmo sendo construído em conjunto com os professores das escolas indígenas do município, os projetos das disciplinas Língua e Arte Terena e do currículo em geral, na prática apresentam lacunas que relacionadas ao contexto sociocultural de cada comunidade Terena.

A grade curricular conta com as disciplinas ofertadas na escola urbana e segue o calendário escolar estabelecido pela Gerência de Educação do Município, que também se assemelha ao calendário geral da rede municipal de ensino.

O Calendário é um fator que desagrade à comunidade escolar, pelo fato de não seguir as movimentações internas da aldeia e daí surgem mais indagações a respeito da ausência da educação indígena no contexto escolar, já que a participação nas atividades da aldeia, como as roças e atividades políticas, são fundamentais para o crescimento do indivíduo Terena.

Para compreender a dificuldade na composição do currículo escolar, é necessário compreender o que é o currículo. Segundo Goodson, ele deve ser entendido como o conteúdo apresentado para ser estudado e designa o que vai ser ensinado na sala de aula (Barrow *apud* Goodson, 2001, p. 62). Goodson explica que o currículo seria produzido em diversas áreas e níveis e, posteriormente, levado à sala de aula, sendo o conteúdo o resultado de uma construção social, onde o currículo construído socialmente é definido como um percurso a seguir ou a ser apresentado (Goodson, 2001, p. 52).

Já Chervel entende que o currículo pode ser visto como uma invenção da modernidade a qual envolve formas de conhecimento cuja função consiste em regular e disciplinar o indivíduo em uma sociedade.

Para este autor o sistema econômico é um dos fatores para a constituição do currículo escolar e por isso existe uma regulação do currículo onde a seleção de conhecimento implica não apenas na informação, mas nas regras e padrões que guiam os indivíduos a produzirem seu conhecimento sobre o mundo e as práticas escolares.

Isso se dá para que o indivíduo organize a visão do “eu”. O currículo seria então uma coleção de sistemas de pensamentos que incorpora regras e padrões através dos quais a razão e a individualidade são construídos.

Silva (2010) citando Apple explica que o conhecimento corporificado no currículo é um conhecimento particular: a seleção que o constitui é o resultado de um processo que reflete os interesses particulares das classes e grupos dominantes já que a educação faz parte integralmente do processo capitalista. (Silva, 2010, p. 46).

A partir das definições apresentadas pelos autores, verificamos que o currículo da Escola Indígena Lutuma Dias exclui a integração com as questões culturais Terena e as temáticas que a envolvem. Daí a deficiência apontada pelos educadores, quando falam da escola Lutuma Dias não ser diferenciada na prática.

O currículo atual da escola contempla as disciplinas oferecidas no sistema de educação brasileiro, sem promover a relação com o conhecimento tradicional Terena. Essa relação acontece devido à iniciativa dos educadores, o que, de acordo Goodson, salienta a dicotomia entre o currículo na forma escrita e na forma vivida e experienciada.

Para Goodson, o currículo, tal como qualquer outra reprodução social, é motivo para todo tipo de mudança, de interesse e de relação de dominância, sem deixar de

levar em consideração que existe uma dicotomia completa e inevitável entre o currículo adotado na sua forma escrita e o currículo na sua forma vivida e experienciada (2001, 5p. 2).

Essa consideração é importante para ressaltar a utilização das ementas, materiais didáticos e planejamentos de aula na escola Lutuma Dias.

Chervel escreve que o debate sobre o currículo pode ser interpretado em termos de conflitos entre as disciplinas a propósito de status de recursos e de territórios. Esses debates e conflitos podem se desenvolver em torno do currículo, nos diversos campos e níveis em que ele é produzido, "negociado e reproduzido e são aspectos centrais do projeto de reconceitualização" (CHERVEL, 1999, p. 52).

No que diz respeito às disciplinas, Chervel acredita que elas são objetos de investigação, para que se busque justificar ou compreender o papel e o significado de cada uma delas na definição dos novos currículos, preocupando-se, entre outras dimensões, em identificar e apreender o conhecimento escolar por elas produzido (CHERVEL, 1999, p. 147).

Se pensarmos nas disciplinas específicas de Arte e Língua Terena, além de sua função de ensinar elementos da cultura tradicional e posicionar a escola como diferenciada, elas se tornam elementos agregadores de reflexões dentro da comunidade, sobre a situação atual do povo Terena.

Existe a preocupação com o número de falantes do idioma Terena na aldeia e o efeito das aulas de Língua ministrada na escola para as crianças. A comunidade questiona a funcionabilidade das aulas e se realmente os alunos irão aprender o idioma em sala de aula. Existem algumas pessoas que não acreditam que as crianças irão ser fluentes no idioma e "mesmo que aprendam a falar, não será como no passado, pois o sotaque é diferente" (caderno de campo, setembro de 2011).

Ressalto que para os professores, trabalhar as disciplinas específicas tem suscitado muitos debates internos. Isso por que existe muita dificuldade em levá-las para sala de aula, devido à falta de formação específica para os educadores que as ministram e materiais didáticos, como conclui uma professora em nossa entrevista:

Precisa de livrinho né? Por que aqui não tem, por que de sexto ao nono não tem. Livrinho de Terena mesmo, porque Português, Matemática, tem tudo no livro, e de Terena e artes não tem. (Professora 3).

A mesma professora comenta que o livro deve ser produzido dentro da própria aldeia, já que existem as peculiaridades de cada comunidade, o que não tem sido levado em consideração.

Arcênio Dias (2011) escreve que a Ementa Curricular de Artes e Cultura Terena é baseada nos conhecimentos com relação à história do povo Terena, história da aldeia, os significados das cores na história Terena, a organização social dos Terena, as reflexões sobre a semana e o dia do índio, mitos, lendas e superstições, comidas típicas, rituais Terena, instrumentos musicais, ferramentas, armas e armadilhas, o conhecimento sobre as ervas medicinais, vestimentas, cerâmicas e a casa típica Terena.

Em Língua Terena a ementa orienta para que na Educação Infantil, seja realizada a alfabetização em Língua Terena: os sons de cada letra, bem como, suas funções e sons que não existem na Língua Portuguesa; as palavras usadas no convívio das crianças, acentuações, significado das palavras, História de surgimento de algumas palavras e as pontuações. Nos anos finais do Ensino Fundamental devem ser ensinados textos, gramática, fonética e a fonologia.

Com relação às orientações curriculares e as ementas, observou-se através da conversa com os educadores que, um fato que dificulta a aplicação do currículo escrito tem origem na própria cultura indígena, pois se antes, a língua, a cultura e a arte, eram repassados nas rodas de conversa, no núcleo familiar, agora a escola assume essa função, e deve entrar no contexto da educação indígena Terena.

Daí a necessidade de se conduzir o ensino numa metodologia de educação escolar, conciliando a educação tradicional indígena.

Nesse sentido, Brand (2005) salienta que a escola não substitui nenhum mecanismo interno tradicional da comunidade, mas se constitui politicamente na fronteira com o outro, como espaço intercultural, na integração com o entorno regional.

Ladeira (1999), por sua vez, alerta sobre a ideia de que a escola pode contribuir na construção do futuro de um povo, devendo ser este o objetivo geral do projeto

escolar, não interferindo no conjunto de atividades e no cotidiano da aldeia, ou seja, no processo de socialização das crianças e na manutenção de suas atividades rituais.

Para realizar a avaliação nas disciplinas específicas, para os alunos da 1º série, foi criada uma Ficha de Avaliação Descritiva do aluno, que é preenchida pelo professor no decorrer do bimestre. Para os demais alunos, os mesmos fazem a avaliação escrita. Quanto à estrutura curricular da Educação de Jovens e Adultos também são ensinadas a gramática, a fonética e a fonologia.

Assim como na Língua Terena, foi elaborada uma Ficha de Avaliação Descritiva do aluno da 1º série, para a disciplina de Artes Cultura Terena. Ambas as fichas passaram por uma avaliação e foram aprovadas pelo Conselho Municipal de Educação e já estão sendo utilizadas nas escolas, segundo Arcênio Dias.

Do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, os conteúdos de Arte são aplicados incluindo os conhecimentos universais como a história do surgimento da arte gótica, arte bizantina, arte alemã entre outros, tendo sempre como orientação a comparação entre a arte universal e a arte Terena. A metodologia aplicada na Educação de Jovens e Adultos para esta disciplina é semelhante à metodologia do 6º ao 9º ano, com a introdução do conhecimento universal.

Mesmo com a definição da ementa e conteúdos utilizados nessas disciplinas, os professores das disciplinas específicas da Escola Municipal Indígena Lutuma Dias, apresentam algumas dificuldades em levar para a prática de sala de aula o que é proposto pela GEMED, devido à inexistência de materiais didáticos e metodologia que se adeque as necessidades do educador e do aluno, o que contraria a Resolução n.5 de 22 de junho de 2012 no Título III:

A organização da educação escolar indígena, cita no art. 7, 4º, diz que a educação escolar indígena será acompanhada pelos sistemas de ensino, por meio da prática constante de produção e publicação de materiais didáticos diferenciados, na língua indígena, em português e bilíngues, elaborados pelos professores indígenas em articulação com os estudantes indígenas para todas as áreas de conhecimento.

O que se apresenta como dificuldade para o ensino da disciplina de Artes, envolvendo a temática universal, é a falta de preparação dos professores para realizar a conexão com a cultura Terena, pois, nenhum tipo de capacitação é oferecido tanto na

formação superior, quanto pela Gerência de Educação. Essa observação pode ser feita também, com relação aos livros didáticos, que, focam a história da arte não-indígena, dificultando a inserção da temática indígena nos conteúdos propostos.

Dessa forma, os professores registram durante a entrevista que criam seus próprios materiais didáticos para o ensino da língua e cultura/arte Terena: criam cadernos com anotações particulares, atividades próprias e reproduzem para os alunos. Seguem a ementa, mas adaptam de acordo com o desenvolvimento dos alunos, utilizam imagens como fotografias e desenhos para que as crianças assimilem as informações.

Observando a sala onde se armazenam os livros recebidos pela escola, busquei os livros para ensino de Língua e Arte/ Cultura Terena. A escola recebe cartilhas e livros, geralmente editados pelo governo de Mato Grosso do Sul. Os livros trazem pequenas histórias escritas no idioma Terena e as cartilhas, trazem as regras gramaticais e ortográficas para a escrita no idioma. Arcênio Dias publicou em 2012 uma cartilha com o intuito de facilitar o ensino da língua Terena, porém esse material não foi adotado oficialmente, já que foi uma publicação independente do autor.

O número de produções voltadas para o ensino da Língua Terena é bastante expressivo⁴⁸, porém, não contempla a reivindicação dos professores, quanto à necessidade de se ter um material específico para a comunidade Limão Verde, escrito pelos próprios professores, que conhecem a realidade das crianças do local.

Os apontamentos apresentados pelos professores sobre os materiais oferecidos encontram voz no texto de Darlene Taukane, que faz uma análise sobre os materiais distribuídos para as escolas Bakairi de Mato Grosso, a partir da fala de alguns professores desse povo. Afirma Taukane:

É verdade que vários textos e cartilhas foram elaborados na nossa língua, com participação de alguns dos nossos, pelos linguistas dessa instituição (SIL). Mas entre dispor de textos e saber como aplicá-los há, todavia, uma distância muito grande. (TAUKANE, 1999, pp. 171-172).

⁴⁸ Contabilizando desde o material produzido pelo SIL (Summer Institut Linguist), acessei cerca de 10 cartilhas para ensino do idioma Terena.

A dificuldade entre se estabelecer um elo entre os materiais didáticos e a metodologia parece não encontrar um caminho para sua resolução, embora o Decreto 6.861, aponte em seus artigos diferentes caminhos para a concretização da educação escolar indígena. Cita o artigo 3:

É necessário o desenvolvimento de currículos e programas específicos incluindo conteúdos culturais correspondentes as respectivas comunidades e o reconhecimento de escolas indígenas com normas próprias e diretrizes curriculares específicas, voltadas ao ensino intercultural e bilíngue ou multilíngue.

Ainda na Resolução o artigo 8, parte IV propõe “elaborar materiais didáticos específicos e de apoio pedagógico para a Educação Infantil, garantindo a incorporação de aspectos socioculturais indígenas, significativos e contextualizados para a comunidade indígena de pertencimento da criança”.

De acordo com o mapeamento realizado, a cartilha do Professor Arcênio foi o primeiro material específico de Língua Terena produzido dentro da aldeia Limão Verde e segundo com Arcênio, "é resultado das experiências e metodologias realizadas por ele como educador em sala de aula" (Caderno de campo, agosto de 2012).

Dentre os materiais levantados na escola, destaco a utilização do livro “História do Povo Terena”, escrito por Circe Bittencourt e Maria Elisa Ladeira, juntamente com alguns membros do povo Terena. Esse livro tornou-se a principal fonte de referência dos professores da Escola Indígena Lutuma Dias.

FOTO 12: MESA FEITA COM LIVROS NÃO UTILIZADOS NA ESCOLA.



Fonte: A autora (2012).

Quando questionados sobre a utilização integral do conteúdo do livro, obtive como resposta, que existe uma seleção do conteúdo, sendo preferência dos professores, utilizar aqueles que abrangem mais a questão da arte e da cultura Terena. A justificativa para que o livro seja a principal referência em sala de aula é a sua forma textual simples e divisão dos capítulos de forma que possa ser usado em partes distintas.

Através desses relatos vemos como os professores têm se preparado para ministrar as disciplinas específicas, se apropriando do material, mas criando uma nova pedagogia, como escreve Darlene Taukane. Darlene explica que, entre os Kura Bakairi, o interesse maior dos professores hoje em dia é ensinar na própria língua, por isso se apropriam da tradução da Bíblia para alfabetizar as crianças: “Para isso eles tem que aprender a usá-la de forma escrita e desenvolver uma nova pedagogia” (TAUKANE, 1999).

No ponto de vista dos professores Terena, é de extrema importância que cada comunidade tenha seu material próprio, já que cada qual tem um processo próprio de assimilação da cultura não-indígena e manutenção da cultura tradicional. Justificam isso dizendo que uma comunidade é mais tradicional que a outra; contém mais falantes do idioma que outras, mantêm a tradição agrícola em maior escala, entre outros fatores (caderno de campo, abril de 2011).

Através do texto de Circe Bittencourt podemos mapear o anseio dos professores com relação aos materiais didáticos. Bittencourt (2008) escreve que os materiais didáticos são instrumentos de trabalho do professor e do aluno, suportes fundamentais na mediação entre o ensino e a aprendizagem. Seria, dessa forma, em especial o livro didático, um orientador para o professor entrar em sala de aula.

De uma forma geral, os professores Terena sentem a necessidade de uma metodologia que estimule os alunos no aprendizado da Língua e também da Arte e Cultura Terena. Essa informação está contida no questionário aplicado no ano de 2010. Na questão número 10, perguntamos como a escola e o professor trabalham a cultura Terena com os alunos. Respondem:

1. “Com muita dificuldade, pois não temos materiais didáticos específicos, existem poucos”.
2. “Eu particularmente com pesquisa de campo, relatório, memórias e redação”.
3. “Valorizando a nossa identidade e a nossa cultura é o nosso principal objetivo!”
4. “Procurando interagir de modo que também não saia do mundo globalizado.”
5. “Utilizando didática indígena e não-indígena”.

Para os professores, muitas dessas dificuldades enfrentadas na Escola Indígena Lutuma Dias vem do Projeto Político Pedagógico. Acreditam que é necessário realizar a alteração no documento para que o mesmo passe a atender as demandas internas. Podemos compreender o Projeto Político Pedagógico através das definições da

Resolução n.5 de 22 de junho de 2012, no Título IV - Do projeto político - pedagógico das escolas indígenas. O artigo 14 garante:

Expressão da autonomia e da identidade escolar é uma referência importante na garantia do direito a uma educação escolar diferenciada, devendo apresentar os princípios e objetivos da educação Escolar indígena de acordo com as diretrizes curriculares instruídas nacional e localmente, bem como as aspirações das comunidades indígenas em relação à educação escolar.

O Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Lutuma Dias, como já citado anteriormente, foi produzido no ano de 2002. Em seu conteúdo, a justificativa de sua elaboração explica que essa se deu devido às reivindicações realizadas pela comunidade escolar indígena com o intuito de preparar para as transformações que estão ocorrendo, podendo concretizar a utilização dos processos próprios de aprendizagem através da valorização da cultura e língua terena:

Faz-se necessário então a elaboração de uma Proposta político pedagógico das escolas indígenas, levando-se em consideração a complexidade da escolarização indígena, que contemple uma Política de Educação indígena local, que considere as alternativas previstas na legislação, mormente na LDB, capaz de garantir a comunidade do desenvolvimento cognitivo necessário para o acesso aos conteúdos curriculares. (Projeto Político pedagógico da Escola municipal indígena Lutuma Dias - 2002)

O Projeto ressalta que foi realizado um trabalho coletivo entre diretores, lideranças, professores indígenas e não-indígenas e coordenador pedagógico que levantou os aspectos que caracterizam as escolas indígenas do município de Aquidauana.

Em entrevista os professores Terena explicaram que o Projeto foi criado no seio da antiga Secretaria de Educação, por volta do ano de 2002, pelos não-indígenas, com poucas opiniões dos indígenas, lembrando que no decorrer do tempo, foi apenas sofrendo poucas adaptações, até mesmo por falta de um conhecimento mais aprofundado dos próprios indígenas, em anos posteriores (caderno de campo - 2011).

O Projeto Político Pedagógico cita ainda a utilização de alguns meios de comunicação como jornais internos, TV e DVD, como materiais e suportes didáticos, o

que nos possibilitou o início de um diálogo com os professores para compreender qual o benefício desses elementos na educação indígena. Ao gravar as entrevistas com os professores, percebemos que mesmo o Projeto Político Pedagógico citando tais aparatos, os professores não foram preparados para a utilização do mesmo, nem havia esses recursos tecnológicos disponíveis até o ano de 2009.

No contexto religioso, o texto afirma que existe a interferência de algumas igrejas evangélicas nas atividades desenvolvidas no processo ensino-aprendizagem, através de proibição de festas típicas e atividades desportivas. Durante as visitas realizadas entre 2010 e 2013 não constatei esse tipo de interferência das igrejas locais, inclusive vivenciei a realização de festas juninas (São Pedro e São João) dentro da escola nesse período.

Ainda no Projeto, são descritas as necessidades da comunidade escolar, porém, não é possível identificar se as necessidades foram apresentadas por Limão Verde ou englobam as solicitações das outras aldeias do município. O texto faz referência a essas necessidades elencadas citando:

Faz-se necessário a elaboração de uma Proposta Político Pedagógico das escolas indígenas, levando-se em consideração a complexidade da escolarização indígena, que contemple uma política de educação indígena local, que considere as alternativas previstas na legislação, mormente na LDB, capaz de garantir a comunidade do desenvolvimento cognitivo necessário para o acesso aos conteúdos curriculares subsequentes, uma reestruturação pedagógica que vise corrigir algumas dificuldades na escolarização indígena (evasão, repetência, aprendizagem mecanizada, dentre outras) e também prevenir que estas e outras dificuldades venham a ocorrer futuramente (Projeto Político pedagógico da Escola municipal indígena Lutuma Dias - 2002).

O Projeto passou por uma reelaboração realizada no ano de 2012, porém não foi encaminhado para análise na Gerência de Educação do Município.

No ano de 2011 a escola funcionou nos períodos matutino, vespertino e noturno, atendendo respectivamente do pré ao sexto ano; do pré a quarta série, o PET e o EJA nas fases 1, 2, 3 e 4. Em 2012, não contou com a JA o PET, que ocuparam outro espaço fora dessa escola. As demais séries foram mantidas, assim como as salas multisseriadas de Córrego Seco.

Os alunos e professores que residem afastados da escola contam com transporte escolar, que atende também aos universitários. O horário de funcionamento é dividido da seguinte forma: período matutino das 7h às 11h, período vespertino das 12h30 às 16h30h e noturno das 17h30 às 21h00h, com intervalo de 15 minutos cada.

A locação dos professores segue o critério estabelecido pela comunidade, sendo analisados pela direção da escola e lideranças e posteriormente pela Gerência de Educação. São considerados alguns aspectos, como a formação, o fato de ser indígena e principalmente ser indígena Terena da comunidade.

Esses critérios também são utilizados para empregar os demais servidores, inclusive a coordenação da escola. Vale ressaltar que o primeiro diretor indígena desta escola foi o professor Gelson Gabriel, que na época cursava a universidade e era residente da comunidade. Após sua gestão vieram mais três diretores, sendo todos Terena da aldeia Limão Verde. Gelson foi citado em documentos que encontramos e citamos anteriormente, como sendo professor leigo, na época em que os professores Terena ainda não tinham formação suficiente para sala de aula.

Com relação à frequência das aulas, seguem o calendário do município, porém a comunidade tem interferido ou interrompido quando acontece um evento interno de grande importância, sendo necessário, posteriormente, a reposição do dia letivo paralisado. Vivenciamos tal fato em 2011, quando houve a reintegração de terras de uma fazenda à aldeia indígena. Devido à movimentação para a retomada da terra, a escola teve dias paralisados para que a comunidade escolar pudesse estar envolvida na ação.

FOTO 13: DIRETORA DA ESCOLA DURANTE RETOMADA DE TERRAS



FONTE: A AUTORA (2011).

Esse tipo de manutenção no calendário escolar também é assegurado no Título III - Da organização da educação escolar indígena, art. 7, que respalda a:

Organização das escolas indígenas e das atividades consideradas letivas, que podem assumir variadas formas, como series anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular do período de estudo com tempos e espaços específicos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. (Resolução n.5 de 22 de junho de 2012, Título III - Da organização da educação escolar indígena, art. 7)

A participação da comunidade escolar no episódio citado foi no sentido da convocação dos professores e demais servidores para assumirem posições neste movimento, auxiliando assim a comunidade na organização das atividades relativas ao processo de reintegração.

Em geral, os homens ocuparam espaços na fazenda, fizeram vigília e acompanharam o desenrolar da situação junto às lideranças; as mulheres se organizaram para a distribuição de alimentos, seja na parte central da aldeia, seja na parte reintegrada.

O ano de 2012 não trouxe nenhuma alteração significativa no número de alunos e quadro de professores. Em 2013 essa situação se manteve, contando apenas com a troca de alguns professores contratados. O número de alunos se manteve o mesmo. O que pudemos notar nesses últimos dois anos foi a maior produção de materiais e jogos didáticos por parte dos professores.

Com a inserção do Pacto para a Alfabetização, projeto nacional implantado pelo MEC em 2013, houve a necessidade de que os alfabetizadores melhorassem seus métodos de ensino. O pacto estimulou a produção de jogos e recursos didáticos por parte dos professores, para chamar a atenção dos alunos. Alfabeto móvel, decoração nas salas de aulas e outros elementos, compuseram uma série de exigências realizadas pelo MEC e GEMED para a permanência desses educadores no Pacto pela educação.

A inserção do Projeto Observatório da Educação Indígena também estimulou a utilização de jogos e brinquedos, que eram utilizados, como também a aquisição de equipamentos eletrônicos próprios. Em 2012, a lista de aquisição de materiais didáticos criada pela associação de pais e mestres incluía títulos escritos por autores indígenas e obras cinematográficas que abordassem a temática indígena.

Nesses dois últimos anos, observou-se também a maior saída dos alunos para aulas de campo, ações não previstas no currículo oficial da escola. As saídas aconteceram por diversas vezes em disciplinas como educação física e artes.

Esse tipo de ação foi fundamentado em conjunto diante da necessidade avistada pelos educadores de envolver idosos e começar a modelar uma educação que contemplasse a vivência dos estudantes indígenas.

Sobre as saídas de campo, pode-se notar que com maior frequência acontecem nas aulas de Educação Física, cujo professor, um indígena Terena que morou em outra cidade, vislumbrou a possibilidade de conciliar as atividades físicas com o contexto vivido pelos alunos. Nas imagens abaixo, podemos ver que as atividades acontecem num percurso exploratório da própria aldeia. Segundo o professor as crianças conhecem os caminhos por onde passam cotidianamente e dessa forma, vão aprendendo a medida em que vão vivenciando sua própria realidade (Caderno de campo, 2012).

FOTO 14: ALUNOS CAMINHANDO PRÓXIMO A CÓRREGO



Fonte: João Matias Costa Dias (2013).

FOTO 15: CAMINHADA PELA PLANTAÇÃO DE MILHO



FONTE: João Matias Costa Dias (2012).

FOTO 16: CRIANÇAS NO CÓRREGO DURANTE ATIVIDADE



FONTE: João Matias Costa Dias (2012).

Uma dessas saídas promoveu a interdisciplinaridade entre as aulas de Educação Física e Língua Terena. Os professores dessas disciplinas, ao realizarem as caminhadas e atividades físicas, reforçavam o das palavras na língua Terena, apresentando cada elemento que encontravam pelo caminho com seu nome em Terena.

Capítulo 3 Tecnologias na escola: experiências educacionais na Escola Indígena Lutuma Dias

Este último capítulo dissertará sobre a apropriação do audiovisual por parte dos professores Terena da Escola indígena Lutuma Dias, apresentando essa utilização a partir das entrevistas realizadas e a observação das práticas desenvolvidas na escola nos últimos quatro anos⁴⁹.

Enfatizo, num primeiro momento, o audiovisual produzido por cineastas indígenas, observando o processo de apropriação dessa ferramenta pelos povos indígenas brasileiros. Num segundo momento, abordo a inserção do audiovisual e outros equipamentos de comunicação pelos professores da Escola Indígena Lutuma Dias para analisar tais práticas como elementos significadores da busca da autonomia de escolha dos materiais e conteúdos utilizados na escola.

Essa análise não chegará ao campo da recepção, não trazendo a contribuição do Audiovisual nas disciplinas lecionadas na escola indígena, sob o ponto de vista dos estudantes, tendo em vista que esse não é o objetivo específico da presente pesquisa.

3.1 Povos indígenas e as Tecnologias de comunicação

A primeira vista para muitas pessoas, a utilização de mídias pelos indígenas é uma forma de descaracterização cultural. Muitos imaginam que a inserção desses elementos, se alinha a previsão do desaparecimento da cultura indígena, pela força que a comunicação de massa exerce na população de forma geral. Esse tipo de pensamento tem sua fundamentação na inserção de novos valores ao universo indígena e a visão do “índio puro”, “natural”, aquele que deve manter a cultura intocada e sem interferências externas.

Essa visão é bastante comum entre a população nacional, que em grande parte não admite a existência de populações indígenas capazes de dominar tecnologias como a internet, aparelhos audiovisuais, ou que mantém um extenso contato com a cultura não-indígena. Essa é uma visão folclorizada e estereotipada, que segundo

⁴⁹ Para verificação dos anos anteriores utilizei da observação do espaço escolar e das próprias falas dos educadores.

Munduruku (2012), surgiu de um descaso inicial, das guerras e perseguições que geraram os heróis dos setores e das florestas, de uma política indigenista equivocada ao longo do tempo e o desinteresse em entender a cultura nativa. Escreve o autor:

Usando penas, despido, corpo pintado, empunhando arco e flecha, entre outras imagens. Essas imagens costumam dar um quê de fantasia de espanto, terror e medo ‘ o que faz com que as pessoas continuem repetindo estereótipos e alimentando um distanciamento sempre perigoso, pois joga as populações indígenas a um patamar de humanidade desprezível. (MUNDURUKU, 2012, p. 14)

Para este autor, o etnocídio levou a uma drástica diminuição populacional, a ponto de na metade do século XX, “especialistas declararem que os índios não chegariam ao século XXI, pois na década de 1970, não passavam de 90 mil pessoas”. (2012: 15).

Segundo Cunha (1982), a história indígena no Brasil é marcada por momentos importantes do contato da sociedade indígena com a não-indígena. O primeiro contato é o que levou doenças diversas e dizimou o grupo às vezes em tais proporções que se tornaria impossível uma recuperação demográfica.

O segundo passo foi a dependência, onde essas sociedades antes igualitárias e autossuficientes tornam-se dependentes de tecnologias não-indígenas, como as enxadas, espingardas, anzóis, cachaça, panelas e o dinheiro. Nesse momento, tudo que foi oferecido para atraí-los a um primeiro contato, passou a ser extensivamente trocado ou vendido. Depois foi inculcada aos índios uma autoimagem depreciativa. Seu gosto pelos rituais, seu sentido do lazer, seu descaso pelo senso de acumulação de bens, são tidos como preguiça. A autora escreve que as suas roupas (ou a ausência delas) são também ressignificadas como vergonhosa nudez. Cunha apresenta a “criação de um índio com alma branca”.

Ainda segundo a autora, por muito tempo esse sentimento se fez presente entre os diferentes povos indígenas e na atualidade ainda é difícil afirmar que eles ainda não estão impregnados em uma parcela de indígenas brasileiros.

Cunha prossegue dizendo que a negação da cultura tradicional diante dos atrativos da cultura não índia são elementos determinantes para o esquecimento das origens e da memória dos antepassados, que se propagou entre muitos indígenas

brasileiros. Porém, a própria autora destaca que após essas tentativas de extermínio das culturas indígenas, ocorreu um processo de retorno, destacando que esses índios “acablocados envergonhados”, declaram-se novamente índios, retomaram rituais, reaprendem uma língua indígena esquecida, e senão a deles, a dos vizinhos e eventualmente empunham arcos e flechas e expulsam os invasores.

Essa nova “indianidade”: “constitui ao mesmo tempo uma ruptura e uma continuidade”, como escreve Cunha (1982), tratando-se na realidade de um momento cultural novo.

Relacionando o texto de Manuela Carneiro ao audiovisual, eu observo dois momentos: o primeiro que pode ter se estendido entre as décadas de 1970 e 1980, onde os indígenas eram sujeitos receptores de informações vindas “do mundo lá fora”, onde a comunicação de massa foi oferecida e com ela os diferentes objetos de consumo; num segundo momento, apropriaram-se também dessas tecnologias e propuseram ao mundo lá fora, que conhecessem o “mundo de dentro das suas comunidades”, num tom maior de militância, dominam essas tecnologias com maior facilidade, para ver a si próprio e garantir de alguma forma o registro de sua memória, juntamente com o processo de militância, e no século XXI, por intermédio maior da internet e suas redes sociais.

A respeito desse novo momento cultural, Canclinni (2008) amplia nossa ideia sobre essa retomada da cultura tradicional por parte dos indígenas que agora absorve, se mescla, se utilizando de elementos das culturas não-indígenas em prol dessa retomada:

Estamos falando de circulação de bens e mensagens, mudanças de significados, estamos falando da passagem de uma instância para outra, de um grupo para vários. Nestes movimentos, comunicam-se significados, que são recebidos, reprocessados e recodificados. (CANCLINNI, 2009, 43)

Em outro trecho Canclinni escreve:

Não é algo que apareça sempre da mesma maneira. Daí a importância que adquiriram os estudos sobre recepção e apropriação de bens e mensagens nas sociedades contemporâneas. Mostram como um mesmo objeto pode transformar-se através de usos e reapropriações sociais. E também, ao nos relacionarmos uns com os outros, aprendemos a ser interculturais. (CANCLINNI, 2009, p. 41-42)

Outro autor, Bartolomé (2000), apresenta como táticas de sobrevivência, a adaptação e interculturalidade, onde as sociedades subordinadas desenham e redesenham seu próprio perfil cultural:

Para poder seguir siendo hay que dejar de ser mucho de lo que se era. Estas estrategias adaptativas suponen la manifesta presencia de um nosotros étnico Diferenciado, que busca conservar su identidad distintiva, a pesar de los cambios em los elementos culturales que tradicionalmente daban sustento a dicha identidad [...] se trata de cambiar no para renunciar a sí mismo sino para poder permanecer como tal. (BARTOLOMÉ, 2000, p. 283)

A partir das observações dos autores, torna-se possível compreender as produções em rádio e TV e relações interculturais estabelecidas entre indígenas e não-indígenas, desmistificando muitos dos estereótipos existentes na sociedade brasileira acerca do índio contemporâneo. Para Canclinni estamos em constante processo social de produção, circulação e consumo da significação na vida social, daí o fato de não caracterizar a cultura como algo imutável e desmistificar a visão do “índio puro” (2010, p. 41).

Segundo Machado (2010), os indígenas deixam de ser apresentados como objetos passivos, e passam a garantir a preservação não mais da “pureza étnica ou cultural”, mas de sua autonomia política e de sua opção por um modelo de vida diferenciado, identificando-se como indígenas perante os brancos, como povos com tradições próprias, e sendo sujeitos de registros - antes o que era realizado pelo olhar do outro, agora se torna elemento para a visualização de si mesmo.

Neste aspecto, a utilização do audiovisual está diretamente relacionada à preservação da memória. Identifiquei muito esse discurso entre os indígenas mais idosos e lideranças durante os registros reunidos através desta pesquisa. Existe a aprovação por parte dos realizadores e membros das comunidades, para a inserção dessas tecnologias nas aldeias, "pois acreditam que são utilizadas com o intuito de valorização e preservação da memória dos grupos" (caderno de campo, 2010).

Quando questionados, revelam que a maior importância do audiovisual é guardar a memória, como citou Isac Dias, liderança Terena, em entrevista gravada em 2006: “A

gente está ficando velho, eu até comecei a escrever, mas não enxergo mais, então já tem para repassar para as crianças na escola”. (DIAS, entrevista de 2000.)

FOTO 17: ISAC DIAS PREPARANDO MELADO



FONTE: A autora (2009).

Nesse sentido, o que tem ficado evidente é que em nome dessa memória e da necessidade de mantê-la viva, a utilização desses elementos audiovisuais tem crescido entre as comunidades indígenas e tem sido utilizado para a afirmação político e cultural.

Para Daniel Munduruku (2012), a memória é que comanda a resistência, pois nos lembra que não temos o direito de desistir, caso contrário não estaremos fazendo jus ao sacrifício de nossos primeiros pais: “lembra que somos um conjunto, uma sociedade, um grupo, uma unidade” (Munduruku, 2012, p. 17). Munduruku explica que assim tem funcionado a memória ancestral dos povos indígenas. Para manter-se viva, atualizada, procura fazer uso dos instrumentos que dispõe. Munduruku complementa

que na sua dinâmica, a cultura precisa se atualizar para manter-se "permanentemente nova, útil e renovada" (2012, p. 19).

Ao levantar as fontes bibliográficas, observei que, textos e pesquisas sobre manipulação de equipamentos audiovisuais por parte dos indígenas surgiram em maior quantidade nos últimos vinte anos. Porém, foram marcos desse processo de produção por parte dos indígenas, o Projeto Vídeo nas Aldeias, conduzido por Vicent Carelli, criado entre as décadas de 1970 e 1980 e a atuação do cacique Mário Juruna, do povo Xavante, eleito deputado federal em 1983.

Mário Juruna causou um grande movimento em Brasília, ganhando notoriedade, por trazer junto a si um gravador "para registrar tudo o que o branco diz" e constatar que as autoridades, na maioria das vezes, não cumpriam a palavra:

Mário Juruna, como é mais conhecido nacionalmente e internacionalmente, abalou Brasília literalmente quando nos princípios de 1977, chegou a capital Federal com um gravador na mão, disposto a registrar as promessas que as lideranças brancas lhe faziam, em especial os representantes da Fundação Nacional do índio – FUNAI – e depois logo esqueciam. Juruna virou notícia, foi alvo de brincadeiras, piadas, charges, mas também se valeu da fama repentina para defender sua comunidade e o povo indígena brasileiro, e sem dúvida alguma, interesses próprios. (HOFFMAN, 1982, p15)

Outro momento é marcado pelo Projeto Vídeo nas Aldeias. Vicente Carelli (2011) narra que na década de 1970 o cineasta Andrea Tonacci procurou o Centro de Trabalho indigenista (CTI) com a proposta de realizar o Inter Povos, um projeto de comunicação intertribal através do vídeo. Segundo explica Carelli, o projeto não foi realizado devido ao fato do vídeo estar nos seus primórdios no país, lembrando que a ideia foi retomada um tempo depois:

Quando surgiu o VHS camcorder, já com uma bagagem de dezessete anos de convivência com os povos indígenas e de militância indigenista, resolvi retomar a ideia, e assim começou o vídeo nas aldeias. (CARELLI, 2011, p. 46)

O Projeto Vídeo nas aldeias teve início no ano de 1986 e segundo Rivas:

Foi no fim dessa década que os diferentes povos indígenas passaram ‘a ter acesso à tecnologia, devido à temática indígena estar inserida com mais frequência na agenda política, embalada pela redemocratização, pela luta por direitos humanos, a elaboração da Constituinte de 1988 e também pela mediação e pela intervenção de organizações não governamentais, igrejas, pesquisadores, universidades e também por iniciativa das próprias comunidades. (RIVAS, 2012, p.22):

Em contexto internacional, segundo Aufderheide (2011), na década de 1970 surge o Navajo Film Project, que buscava ensinar ao povo Navajo técnicas de produção cinematográfica sem imposição de filtros estéticos ou ideológicos.

Nas experiências de vídeo nas aldeias, e no Navajo Film Project, pode-se observar que o vídeo, se torna um porta-voz, capaz de alcançar uma parcela da população não-indígena e apresentar a voz indígena a ela.

Sobre a participação dos indígenas nesse processo de domínio das tecnologias, escreve Vicente Carelli:

Os índios querem participar da modernidade, ser incluídos neste país e gozar de cidadania plena, desde que sua identidade e diferença sejam respeitadas. É preciso apoiar a produção indígena contemporânea. Por ser ínfima minoria, o acesso aos meios de comunicação é estratégico entre eles. A temática indígena precisa estar nas nossas escolas, precisa estar na mídia, mas representada por eles mesmo, com este olhar próprio que faz toda a diferença. (CARELLI, 2011, p. 51).

Aufderheide (2011) apresenta a questão das produções etnográficas e o engajamento dos sujeitos-personagens como seus coprodutores, onde o filme etnográfico seria um olhar de fora sobre uma determinada cultura, e como tal, permitiria ao público olhar para dentro dela. Para este autor, essa reivindicação de um olhar privilegiado intensifica as questões éticas que perpassam o cinema documentário.

Vicente Carelli atesta essa informação, quando cita que colocou suas habilidades a disposição da causa indígena e já no primeiro filme, ficou evidente que os índios exigiriam algum controle no processo:

Mesmo os índios sem familiaridade alguma com a produção cinematográfica reconheciam que a representação tinha poder, e queriam fazer valer seu direito a parte desse poder. A festa da moça, que mostrava como os índios Nambiquara reintroduziam elementos mais tradicionais num ritual após terem assistido sua própria performance deste ritual em vídeo, acabou tornando-se uma coprodução com um líder Nambiquara.(CARELLI, 2011, p 182)

Em pesquisa realizada no catálogo do Ministério da Educação, até outubro de 2010, existiam disponíveis 74 vídeos, produzidos por 34 indígenas de 11 etnias do país. Esse número é bastante expressivo, visto que, o trabalho com audiovisual nem sempre é acessível a grande parte dos produtores culturais brasileiros.

De 2010 a 2013 temos pistas que esse número se ampliou, mas não detenho informações oficiais. Porém ao realizar buscas na internet verifico um número bastante grande de produções independentes. A facilidade de produção através de suportes como celulares e máquinas fotográficas, mais acessíveis às comunidades indígenas, são os principais motivadores para esse crescente número no cenário do audiovisual indígena.

Somente pelo site do Projeto Índios On line⁵⁰ podemos visualizar uma série desse tipo de produção. O site mantém o canal celulares indígenas, onde pode-se ter acesso a diversos produtos em audiovisual. Muitos vídeos não tem edição final ou nem mesmo estão editados, mas mantém a intenção de repassar algum tipo de informação importante para a militância indígena.

Para muitas lideranças indígenas, a questão da produção audiovisual por índios está ligada a sua apresentação ao não-indígena e a outros indígenas, como afirma Aufderheide:

O trabalho do Vídeo nas aldeias revelou, de modo inegável, que os índios utilizavam o vídeo para refletir de modo produtivo sobre sua própria produção e reprodução cultural. (AUFDERHEIDE, 2011, p. 182).

Vicente Carelli escreve que a filmagem em uma aldeia cria um momento especial, rompe o cotidiano, permite estabelecer novos canais de comunicação dentro da comunidade, valoriza temas esquecidos:

⁵⁰ www.indiosonline.org.br

Não há momento mais emocionante para nós, participantes desse trabalho, do que ver um grupo de jovens entrevistando um velho – feliz por estar sendo indagado – se espantarem com histórias desconhecidas para eles, e chegar a cobrar do velho: por que nunca nos contou essa história antes? E o velho responder: porque vocês nunca perguntaram. (CARELLI 2011, p. 49).

Já Lotman (1996) escreve que as produções audiovisuais indígenas podem introduzir novas formas de produção e transmissão de conhecimentos, vindos de saberes ancorados na memória e articulados com interesses do presente. É possível verificar que a entrada desses equipamentos começa a produzir efeitos diferentes ao da mídia de massa, pois o produtor audiovisual e as comunidades envolvidas, começam a observar as narrativas criadas por eles mesmos acerca das culturas indígenas e as apresentadas pelas mídias de massa, criando condições para realizar uma leitura das produções midiáticas e ampliando a compreensão dos grupos de poderes atendidos pela mídia convencional.

3.2 Comunicação e educação: Experiências educacionais envolvendo tecnologias de comunicação na Escola Indígena Lutuma Dias

Compreender os processos de utilização e produção de conteúdos audiovisuais por parte dos professores Terena, exigiu o mapeamento do envolvimento dos Terena de Mato Grosso do Sul com o audiovisual, através da pesquisa textual e levantamento de informações sobre esse tipo de produção na região de Aquidauana - MS. A partir das informações coletadas, promovi o recorte temático dessas informações até chegar ao contexto dos moradores da aldeia Limão Verde⁵¹.

⁵¹ Tentei realizar um levantamento dos produtos audiovisuais e materiais didáticos realizados pelos Terena em MS. Detectei cerca de 20 publicações impressas concluídas e pelo menos 3 em andamento. Não tive acesso ao material físico, apenas tendo a referência pela internet. Em andamento estão um dicionário da Língua Terena e dois livros para ensino desse idioma, ambos mediados por pesquisadores vinculados a Universidades Federais brasileiras. Em audiovisual, tive acesso a pelo menos 3 cd's com cantos tradicionais e 7 vídeos documentário, produzidos de forma independente e quando muito com apoio de Leis de Incentivo ou/e Instituições indigenistas. Esse acesso também se deu através do diálogo com seus produtores e busca na internet. Neste levantamento não estou considerando os vídeos produzidos através da capacitação que ofereci durante o doutorado. Desse momento surgiram 5 vídeos coletivos. Individualmente, detectei a produção de 3 vídeos

Em se tratando do envolvimento dos Terena com o audiovisual, pude observar na pesquisa que é bastante comum durante os eventos comemorativos, um grande número de indígenas portando câmeras fotográficas, aparelhos celular com câmeras digitais. Como já citei na introdução dessa tese, me chama a atenção saber o que cada um deles faz posteriormente com este material, já que, são muitas as pessoas que portam esses equipamentos nas aldeias.

A partir dessa observação de campo vejo que cada vez mais cresce o número de crianças, jovens e adultos manipulando tais equipamentos. Em Limão Verde não é diferente. Embora não funcione o sinal de celular na aldeia, grande parte dos moradores mantém um aparelho. Eles são utilizados geralmente quando vão à cidade, onde necessitam se comunicar, ou ainda, dentro da aldeia, observamos com bastante frequência, o aparelho sendo usado como um rádio portátil.

Dentre os dados obtidos na pesquisa, pude conhecer a história do senhor Florêncio, que nas décadas de 1960 e 1970, fazia cinema na aldeia. Em viagem de campo realizada em abril de 2013, anotei a informação repassada pela neta de Florêncio, a professora Arlene Cardoso e pela ex-moradora da aldeia Limão Verde, senhora Anita de Jesus, a respeito desse fato. Anita diz, que "nas tardes de sábado e domingo, ele reunia todo mundo na casa dele para assistir filmes. Eu não entendia muito bem o que contava a história, mas assistia". (Caderno de campo, abril de 2013). Arlene Cardoso, familiar de Florêncio, narra como eram realizadas as projeções:

Ele montava os personagens e o cinema só acontecia durante o dia porque utilizava a luz do sol. Nesta semana ele montou para mim, como fazia e comentou que antes mesmo da televisão entrar na aldeia, ele já fazia cinema. (Caderno de campo, 2013)

Segundo Anita de Jesus, Florêncio era um homem com muitas habilidades. Na ocasião montou também um miniparque de diversões na aldeia, onde as crianças brincavam.

Um segundo caso, é relacionado à dança do Kohixoti Kipaé. Valério Lemes, mentor de um grupo de dançarinos do Kohixoti Kipaé, durante uma conversa, relembra como reiniciou a dança na aldeia:

Eu já não me lembrava mais como era. A gente não dançava mais. Daí eu peguei uma fita cassete, que tinha o finado Pascoal e ouvi a dança. E ela voltou para a minha cabeça. Resolvi então que iríamos dançar o bate-pau. (Caderno de campo, abril de 2013)

O relato de Valério trata de uma gravação realizada por Pascoal Dias, uma grande liderança da aldeia, já falecida. Outras fitas cassete como a citada por Valério foram gravadas, em outros momentos, a pedido de Pascoal, e tornaram-se referência para a manutenção da memória.

Um desses casos, foi quando Pascoal Dias na década de 1970, na chegada de um parente que vinha da cidade, se ornamentou com as penas de ema e pediu que fosse gravado e fotografado. Talvez esse seja um dos últimos registros da imagem de Pascoal e de sua fala. A gravação trazia então uma reflexão feita por Pascoal acerca do seu povo, reunindo o canto e as músicas do kohixoti kipae e siputrela.

Esse registro esteve guardado em uma fita K-7 e no ano de 2007 tornou-se um áudio documentário que reuniu narrativas de Isac Dias, Martins Gabriel e Lurdes Gabriel, anciãos da aldeia. O áudio documentário foi gravado em cd e leva o nome de *Quem chorara por nos?*, sendo distribuído para as aldeias Terena e segundo nossas entrevistas, tem sido utilizado por alguns dos professores da Escola Indígena Lutuma Dias e escolas de outras aldeias.

Posteriormente, foi produzido por mim um vídeo documentário, agora reunindo as narrativas de Isac Dias e Pascoal, sendo também este material entregue a escola, a pedido de Isac Dias. Ao verificar se os professores estavam utilizando esses materiais, encontrei a informação de que alguns deles levavam para a sala de aula, o que suscitou a curiosidade em verificar como essa prática estava sendo realizada.

Esses dois registros deram início para a observação de que os professores estavam sentindo necessidade de mais materiais para o ensino das chamadas disciplinas específicas, e verificar também, que alguns deles começariam em anos posteriores a criar seus próprios recursos didáticos baseados no audiovisual.

Desses fatos, surgiu a minha curiosidade em compreender esse processo que vem sendo vivenciado pelos educadores e como ele tem se desenvolvido no contexto da educação escolar indígena diferenciada.

Ao buscar mais informações sobre os professores indígenas, também foi possível perceber que eles ocupam uma função bastante importante dentro da comunidade. A pesquisa revela que os educadores têm a função de se apropriar das informações externas e transmiti-las dentro da aldeia através do ensino formal oferecido pela escola, de forma que todos possam compreender e agregar tais conhecimentos ao seu contexto indígena.

Assim se dá também com a inserção do audiovisual. Os professores Terena dessa comunidade, como escreve Rivas (2012), assimilam procedimentos culturais, de acordo com um projeto próprio e:

Dessa forma, apropriar-se das tecnologias, da língua e da escrita pode ser encarado como uma forma de 'devorar' o outro, deter os conhecimentos e 'poderes' da cultura estrangeira com a qual nos relacionamos (RIVAS, 2012, p. 23).

Esse 'devorar' citado por Rivas, pode ser relacionado à capacidade de lidar com a nova geração Terena, que já domina com facilidade os elementos tecnológicos e também, estar em diálogo com a sociedade não-indígena, através desses aparatos, incluindo aí, a internet e suas redes sociais.

Verifico esta necessidade inserida nas falas realizadas pelos professores indígenas de Mato Grosso do Sul, durante encontro realizado no ano de 2012 no município de Caarapó. Professores Terena da Aldeia Buriti, localizada em Miranda, destacaram a importância de dominarem as tecnologias, para que possam dialogar de forma mais concreta com os alunos mais jovens e também de estarem em contato com a comunidade não-indígena.

Soares (2011) faz uma observação sobre essa relação dos estudantes com as tecnologias de comunicação:

Indistintamente, os estudantes tornam-se pesquisadores tanto de temas escolares quanto de temas de seu próprio interesse (...). Aqui e em outras partes do mundo, utilizando cada vez mais, em seu proveito, as informações disponíveis na internet. (SOARES, 2011, p. 27)

A afirmação acerca da necessidade de se dominar as tecnologias também é citada nas entrevistas realizadas com professores da Escola Lutuma Dias. Percebe-se

que a relação dos mais jovens com as tecnologias é um dos fatores que tem levado os educadores a repensar o uso desses mecanismos nas escolas e também como esses elementos tem interferido na cultura Terena:

A comunidade nacional esta muito perto da gente hoje né, não tem como fugir dela mais... nós temos que estar preparado pra inserir, ou trabalhar com eles em harmonia, penso que também por exemplo aqui na aldeia limão verde estamos a 20 km, 18km da cidade e na verdade eles estão dentro da nossa casa, assistindo televisão, dvd, acho que só falta entrar aqui o ar condicionado. Temos várias tecnologias que estão dentro da nossa aldeia, é impossível a gente não inserir alguma coisa que a gente possa, possamos entender que ele vai nos auxiliar nos nossos trabalhos, auxiliar para nossos alunos, para que esses alunos tenham uma visão de que existe uma ponte de ida e vinda, para que possamos viver lá fora e viver aqui dentro. (Professora 4)

Observo através das entrevistas obtidas durante a pesquisa que, a manipulação das tecnologias, se faz necessária devido ao fato dos alunos mais jovens, estarem em contato mais frequente e conseqüentemente recebendo informações externas de forma mais rápida.

Outro ponto a ser destacado está relacionado ao fato de que, ao dominar as tecnologias, indígenas e não-indígenas se colocam em pé de igualdade nos diferentes contextos sociais, seja na educação, na política, ou nas reivindicações sociais.

Acompanhei um exemplo dessa última afirmação através das mídias sociais, onde foi visível autoafirmação por parte desta comunidade e dos professores.

Através da postagem na rede facebook, esses professores reafirmavam a competência de um educador indígena, diante dos profissionais não-indígenas. Nas postagens verifico a constante afirmação da identidade étnica e principalmente da competência do educador indígena.

Ressalto essa informação, pois elas têm relação bastante direta com os trechos das entrevistas transcritas na segunda parte da tese, onde deparamo-nos com os relatos de preconceito vivenciado por esses profissionais, principalmente relacionado a competência. Abaixo destaco alguns dos comentários copiados do facebook:

IMAGEM 1: COMENTÁRIOS POSTADOS EM PERFIL DO FACEBOOK- 12/11/2013.



Fonte: Página Facebook (2013)

A utilização das redes sociais para a divulgação dos fatos é um fator interessante, pois através das postagens na rede social buscam extravasar a superação desses preconceitos ao exaltar a conquista do professor e dos alunos indígenas, refletindo o potencial e as condições de “competir de igual para igual com os não-indígenas”.

Para Rivas (2012), de forma heterogênea, os avanços tecnológicos penetram em todas as esferas da atividade humana, sendo responsáveis por uma reorganização social e revisão dos estilos de produção, comunicação e gerenciamento. Dessa forma, não poderiam os povos indígenas estar excluídos desse movimento contínuo de informações e tecnologias já que essa reorganização se faz necessária para a manutenção da luta e da memória.

Diante da observação realizada de que a apropriação do audiovisual pelos professores Terena tem se relacionado a necessidade de acompanhar os mais jovens e também a necessidade de uma escola indígena que se comunique eficazmente com o aluno, fez-se necessário então, observar com mais profundidade esses elementos inseridos dentro do contexto da escola, para que pudessem ser avaliadas com maior intensidade.

Através das entrevistas realizadas com os professores da escola indígena, foi possível identificar a dificuldade com os livros didáticos e até mesmo a falta desse material para as disciplinas específicas. As entrevistas apresentam também informações de que as dificuldades são sempre relacionadas a textos com temas muito distantes do cotidiano da aldeia, escritos de forma que não facilita a compreensão dos estudantes, e no caso das disciplinas específicas, a ausência de materiais. Quando questionados sobre a qualidade dos livros didáticos e os métodos de trabalho utilizados, apontam:

O livrinho de Terena, o resto tem: português, matemática tem tudo ali no livro. E nós não. De arte Terena não tem. Só o livro mesmo que eu queria que tivesse o livrinho só para nós. É, só para nós. (Professora 3)

Olha, seria interessante a gente tá (pausa), eu falei com Enilda, buscando algum outro jeito de a gente relacionar algumas atividades que dá para gente estar voltado para a questão Terena, por que não existe nenhum tipo de material exclusivo elaborado para nós, e acho que vamos ter que fazer um. (Professora 5)

Não, não, na minha opinião não (não são bons), porque não é a realidade de nossas aldeias (...) Tudo, recursos principalmente, melhorias no material didático principalmente. (Professor 6)

O livro de Língua Portuguesa, eu utilizo mais pra exercícios e leituras, eu acho os textos muito longo pra eles. Se tivesse um livro didático direcionados para alunos indígenas, por que nós temos são textos que não são do conhecimento dos alunos não é de nossa realidade, e para quem tem dificuldades, isso se torna um ponto mais obscuro para eles ainda, nossos livros são muito complexo pra eles. (Professora 1)

Sim, são, mas na maneira que falei aquela hora, mais pra pesquisas, mas deveria elaborar livros mais da comunidade. Tipo uma metodologia aqui própria da aldeia. (Professor 7)

Melhorar o material didático, de acordo com a realidade da aldeia. (Professora 8)

Os livros didáticos que vieram esse ano está sendo bom, só que no caso assim, a gente tem que se adaptar né, no nosso cotidiano, não aceitar tudo que é imposto para nós, o que esta no livro. (Professora 9)

Com relação aos trechos citados competem então algumas análises: são trechos de entrevistas realizadas com os professores Terena, não sendo somente os que ministram as disciplinas específicas. Dessa forma, cada um detalhou as suas observações sobre os livros que utilizam em suas disciplinas, ou quando é o caso, dos professores regentes, em todas as disciplinas. Noto que para todas as disciplinas o questionamento se dá no fato do material não contemplar a realidade local - textos que não condizem com o modo de vida dos alunos, assim como a metodologia de ensino que não se adéqua a realidade da aldeia.

Para as disciplinas específicas (Língua e Cultura e Arte Terena) algumas obras foram produzidas em Mato Grosso do Sul e entregues nas escolas indígenas Terena, porém parecem não ser suficientes para atender a demanda dessa escola indígena. Percebe-se então o discurso de um material didático produzido por cada comunidade escolar, ou um grupo de professores das diferentes localidades para que se possa contemplar a realidade e a linguagem local.

Parece ser bastante estranho se falar em uma educação diferenciada que contemple a regionalidade, ao mesmo tempo em que tratamos de estudantes que se mantêm inseridos ao contexto das tecnologias de comunicação. Como então dominam tais tecnologias e não mantêm a compreensão dos conteúdos dos materiais didáticos?

Neste caso, podemos utilizar um fragmento de Soares (2011, p. 8), onde este autor destaca que, “uma educação eficiente precisa inserir-se no cotidiano de seus estudantes e não ser um simulacro de suas vidas”. Escreve ainda o autor:

“Fazer sentido para eles significa partir de um projeto de educação que caminhe no mesmo ritmo que o mundo que os cerca e que acompanhe essas transformações”. (SOARES 2011, p. 8)

Dessa forma, dizer é possível afirmar que a linguagem dos livros didáticos talvez não contemple a comunidade, por não trazer afinidade com a linguagem interna - uma

linguagem menos rebuscada, mais espontânea e que se utiliza muito da oralidade e pouco da escrita.

Tenho verificado a grande utilização da escrita através das mídias sociais. Porém se atentarmos na forma como utilizam a língua portuguesa vemos que, muitos desses jovens que residem na aldeia e se expressam via redes sociais, utilizam termos do dia a dia e mantém expressão popular de determinados grupos, ou ainda as gírias internas, reproduzindo de forma escrita a sua oralidade. Freitas (2004, p. 188) descreve como sendo um "português regionalizado, caboclo, sertanejo", o que em minha observação, envolve a utilização das línguas maternas e a língua portuguesa, muitas vezes tendo sentido apenas para aquelas pessoas que interagem cotidianamente com eles.

Daí a necessidade da escola indígena buscar uma linguagem mais próxima do cotidiano indígena levando-se em consideração as formas como se comunicam em casa e com os demais membros da comunidade e o potencial do audiovisual penetrar na comunidade escolar. Além do audiovisual outros elementos ganham espaço no processo ensino aprendizagem, como explicam os professores, quando questiono sobre quais suportes levam para a sala de aula:

Às vezes a gente precisa usar livros, né? Mas a maioria eu trago anotado no caderno e na aula de Educação Física só jogos. (Professor 6)

Todos. Livros, cadernos, jogos, tudo que for necessário para o aprendizado dos alunos. (Professora 10)

Livros, cadernos, textos, textos da internet, textos fora do livro didáticos, quadro de giz, aquilo que você tem de material pra usar na área indígena. (Professora 1)

Procuro trabalhar mais com os livros, por exemplo, os daqui mesmo feita na aldeia. Por exemplo, nós temos livros que fizemos no curso de magistério pelo povos do pantanal; que a gente fez e se chama etno matemática que através das pesquisas dos anciãos, a gente elaborou esse livro e que esta sendo muito importante pra trabalhar aqui na sala de aula. Veio uma caixa de papelão de livros para escola e para todas as escolas indígenas de Mato Grosso do Sul. (Professor 7)

A gente inventa né, EVA, os desenhos as pinturas, todas essas coisas né. Cadernos, joguinhos de letreirinha, tudo isso, o que nós temos né. (Professora 11)

Jornais, caixas de Papelões e outros. (Professora 8)

Livros, cadernos, jogos, filmes, hoje mesmo eu trouxe filmes das questões indígenas, pois desde cedo eles tem de aprender a compreender as questões indígenas para já começar a lutar pelos seus direitos. (Professora 9)

Eu uso livros, mas agora eu estou trabalhando com jogos mesmo, para as crianças pegarem e, assim bastante, letrinhas. Dominó, quebra -cabeça, alfabeto móvel, agora números móveis, trabalhar com bingo, o nome deles, produção de texto, tudo dentro dos jogos. O alfabeto móvel são as letras do alfabeto separadinhas. Ou a gente confecciona ou tem que comprar. (Professora 14)

Na pré-escola, muitos livros com contos e mitos locais, revistas com imagem sobre esporte, higiene, jogos pedagógicos com números e letras, meio ambiente e o uso de data show. No 4º ano o mesmo material, incluindo o uso de cadernos, passando para os alunos trabalhos como Tarefas, tabuada, para ajudar o professor regente nessa matéria, em sala de aula, jogos cognitivos com números e letras, na quadra de esporte, atividades motoras e jogos lúdicos, sem o futebol. Uso de cartolinas para fazerem trabalhos sobre a Educação Física e datas comemorativas, fazendo a correção de português auxiliando os alunos e o professor nessa disciplina. (Professor 2)

Nesta questão, o que me chama a atenção nas respostas obtidas é a produção de material próprio e a manipulação de jogos educativos. Os professores reproduzem o conteúdo da forma que entendem ser mais fácil para eles ensinarem e pensando também que é mais simples para os alunos compreenderem através do uso desses materiais. A imagem abaixo registra uma professora da pré-escola (no ano de 2011) produzindo uma “televisão” que foi utilizada para contar os mitos para as crianças indígenas. As imagens da TV são movidas por uma “manivela” artesanal, produzida a partir de um cabo de vassoura, onde as imagens irão se movimentando conforme a manivela é girada.

FOTO 18: PROFESSORA PRODUZINDO MATERIAL PARA USO EM SALA DE AULA (TV COM O LOBISOMEM DENTRO)



FONTE: A autora (2012).

Outros objetos podem ser vistos na brinquedoteca criada a partir do Projeto Observatório da Educação Indígena. O espaço reúne a produção de alguns professores, a partir de materiais reciclados e considerando as necessidades apontadas por eles para o ensino da cultura/arte e língua Terena.

De acordo com uma educadora, no ano de 2013, levou seus alunos menores para visualizar o painel dos animais com escrita em Terena. O exercício feito por ela tinha a intenção de verificar se os alunos conseguiam identificar cada animal através da imagem (Caderno de campo 2013).

Essa sala mantém em seu interior alguns brinquedos, um mural escrito em Terena e os equipamentos de audiovisual que são utilizados dentro da unidade escolar. A intenção era que os professores utilizassem essa sala para proporcionarem aulas mais interativas, onde os alunos pudessem utilizar todos os objetos e jogos disponíveis para o aprendizado, porém a implantação desse processo ainda está sendo encaminhado.

FOTO 19: EQUIPAMENTOS ADQUIRIDOS PELOS EDUCADORES PARA A ESCOLA



FONTE: A autora (2011).

FOTO 20: VISÃO GERAL DA BRINQUEDOTECA



FONTE: A autora (2012).

FOTO 21: PAINEL DA BRINQUEDOTECA: ANIMAIS COM O NOME EM TERENA



FONTE:A autora (2012).

Prensky (2012) escreve que as brincadeiras podem ser uma parte "valiosa do processo de treinamento e de aprendizagem". Para este autor muitos professores conseguiram fazer da aprendizagem algo divertido através das brincadeiras. Prensky destaca ainda que:

As crianças aprendem a criar o próprio conhecimento por meio da brincadeira, do experimento e da construção de determinados tipos de objetos físicos. (PRENSKY 2012, p. 166).

Essa possibilidade de brincar e aprender através das brincadeiras está muito presente no dia a dia desses estudantes, pois o fato de serem criados em um ambiente onde têm liberdade em transitar pela aldeia e o tempo interno não corresponde ao tempo das cidades, torna-se um elemento fundamental para a constituição da escola indígena, que segue o formato tradicional de ensino.

Por reconhecerem essa realidade, os professores apresentam a consciência de que muito deve mudar para que a escola se adeque a realidade da aldeia, porém, como já citado na segunda parte dessa tese, os empecilhos burocráticos e impostos a muitas

escolas indígenas as moldam no formato tradicional, impedindo assim que se tornem realmente uma escola diferenciada.

Seguindo a entrevista, chego então à questão do audiovisual como material didático, já que percebo que, os livros são insuficientes para as necessidades desses professores, que sentem falta de um material mais territorializado e buscam outras formas de inserir o conteúdo didático nas aulas. Perguntar sobre o audiovisual também foi uma forma de reafirmar algumas informações que eu havia obtido em pesquisas de campo, onde acompanhei algumas aulas dos professores utilizando DVDs⁵². Com relação a utilização do audiovisual, respondem:

Sim, já usei. Eu passei aquele que você trouxe aqui, acho que é DVD, que era meu pai que tava falando. (Professora 3)

Sim, o que falta para nós aqui são dvd's, alguns recursos. O último filme foi agora na semana do índio quando eu coloquei para eles, eles já tinham assistido na televisão, o filme Tayna, como é quinto ano, eu programei exercícios para que eles pudessem assistir o filme e pudessem dar retorno tanto em sala de aula como em testes e provas, eles guardarem o que realmente aquele filme queria dizer para eles. (Professora 4)

Já levei sim. Bom resultado sim, porque depois dos vídeos, a gente faz uma alta discussão sobre o tema, agente apenas não assiste, mas faz uma alta reflexão do tema e faz debates. (Professor 6)

Sim, na aprendizagem do aluno. (Professor 12)

Sim já levei, pra Aldeia Córrego Seco onde leciono trabalhei com esses vídeos. Porque os alunos gostaram desse material. Eles cobram sempre o uso de filmes, eu nunca trabalhei, mas pretendo trabalhar com data show. (Professor 7)

Sim, eles gostam mais de filmes de terror, mas nós não passamos isso pra eles. (Professora 8)

Sim, bastante, eles até incentivam a gente a procurar assuntos voltados a questão (indígena). (Professora 9)

Sim por exemplo, se eu for passar... eu uso assim vídeo bastante nas aulas de ciência por que a gente trabalha bastante com a natureza e higiene. Aí eu trabalho com filmes e na área de Educação Física também eu trabalho com o respeito, a amizade, com as crianças. Sim, com

⁵² Nesta questão, trato como sendo audiovisual as fotografias, vídeos e áudios.

certeza antes de passar o filme primeiro comenta por que vai assistir e após o filme vai perguntar o que assistiram, o que aprenderam. E outra, trabalhar com título do filme, personagem, quem participou do filme é importante, é interessante trabalhar com isso. (Professora 14)

Observando as entrevistas, detecto que dois educadores falam da preferência das crianças por filmes de terror. Embora não projetem para os alunos esse tipo de filme, afirmam que os mesmos acham graça das cenas desse estilo de filme. Essa informação me chamou a atenção, no sentido de compreender como esses alunos ressignificam as informações repassadas pelos vídeos de terror a partir de suas realidades.

As pistas indicam que as narrativas de terror, podem se equiparar aos tantos seres mitológicos que foram apresentados a elas desde a sua infância, não sendo novidade, ver as “assombrações” e fantasmas dos filmes. Numa das visitas a aldeia, um desses seres mitológicos me foi apresentados por uma criança de 7 anos com muita naturalidade e registrada em meu caderno de campo⁵³, pois esse fato me levou a deduzir a proximidade que as crianças tem com esse universo fantástico e espiritual apresentado pelos filmes de terror.

Após essa breve reflexão sobre a recepção e ressignificação do conteúdo dos vídeos por parte dos estudantes, retomo o debate sobre a inserção do audiovisual na Escola Indígena Lutuma Dias. Levando-se em consideração a mediação do audiovisual nas aulas, extraí das entrevistas a forma como utilizam esse tipo de material:

A gente mostrando as fotos, não fica aquele vazio, eu acho muito importante (...) é uma novidade pra eles, principalmente para os nossos alunos indígenas (...) depois fazemos uma alta reflexão e fazem um relatório sobre o filme. Na minha sala normalmente, eles gostam mais de filmes de ação e aventuras. (Professor 6)

Ultimamente não tenho levado. Na medida que você trabalha e tem um planejamento daquilo que você tem o objetivo no que vai trabalhar, por que não adianta nada você passar um filme por mostrar, você tem de pedir o retorno daquilo que eles estão assistindo pra ver se realmente

⁵³ Na volta da cachoeira, no fim do dia, a criança me disse que deveríamos caminhar mais rápido, pois era noite de lua cheia (apontando para a lua). Perguntei por que e ela disse que os seres do morro iam sair naquela noite e perambular pela aldeia (a aldeia é cercada por alguns morros). Perguntei quais seriam esses seres e ela respondeu, como sendo o pé de garrafa.

ouve o entendimento e da parte escrita também é um retorno pra você cobrar e ver o que eles estão reproduzindo, se esta dentro da coerência, da coesão no desenvolvimento dele na escrita. Normalmente trabalho com filmes de literaturas porque é assim, tem que trabalhar com filmes direcionados pra eles, filmes, Vida Seca no caso é um tema que escolhe dentro da matéria". (Professora 1)

Filmes de desenhos, que falam todo conteúdo proposto pra aquela aula sim, porque hoje em dia a gente tem de diversificar na aula, não é só ficar na sala de aula com livros e com os alunos, devemos trazer coisas que é daqui da comunidade (...) por exemplo assim, tipo, na hora de pegar um conteúdo que é lá da emenda, mas tipo assim, trazer em outro cotidiano, que tem tudo a ver na sala de aula a realidade da nossa comunidade. (Professor 7)

Na reprodução de texto, você pede pra criança reproduzir o texto e até fazem de uma forma diferente. (Professora 8)

Muitas vezes eu levo pra sala, as causas voltadas para a questão indígena, na semana passada trabalhei com o 4º ano a questão da água voltada para o meio ambiente, os nossos rios, tanto que eu trouxe aqui pra eles o vídeo sobre o rio São Francisco, pra eles verem que não é só aqui que esta acontecendo essa degradação do leito do rio, então esta no modo geral e se a gente cuidar aqui conscientizar isso, acho que vai melhorar muito, trabalhando a questão indígena, o meio ambiente e a comunidade em si. (Professora 9)

Através das fotografias, principalmente com os pequeninhos, nós não podemos estar assim, saindo numa distância tão longe, devido muitas coisas né, por exemplo, aqui na nossa aldeia temos muito cerrado, muitas pedras altas, onde temos que passar quando a gente sai para fazer uma fotografia, em relação a fotografia é bom que o próprio professor, registra e leva para os alunos a fotografia, e através da fotografia os alunos poderá perceber esse local, esse tema que nós estamos pesquisando. (Professora 2)

A princípio, eu caracterizei esse momento como sendo um processo de educomunicação. Posteriormente, verifiquei que não se enquadraria completamente aos conceitos aplicados a esse método de trabalho, como Ismar Soares (2011) apresenta. Este autor distingue duas linhas de pensamento sobre o que seria a educomunicação. A primeira, segundo o autor foi referendada a partir dos anos de 1980:

Foi referendada por muitos gestores culturais, sob os auspícios da UNESCO, a partir dos anos de 1980, para designar uma prática genericamente definida na Europa como Media Education (*educação para a recepção crítica dos meios de comunicação*). (Soares 2011, pg. 3)

Em um segundo conceito, Soares (2011) trata a educomunicação não sendo somente a discussão do impacto da mensagem sobre as audiências, mas “a relação que os receptores estabeleciam com os meios de comunicação”. (Soares, 2011, p. 34)

Esse segundo conceito, surgiu no Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE – USP) a partir de 1990. Dessa forma, o NCE descreveu essa intervenção como:

O conjunto de ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo dessa forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas. (Soares 2003, *apud* Soares, 2011 p. 36)

O processo educucomunicativo, de acordo com o NCE-USP, seria então, realizado a partir de um planejamento coordenado, orientado por uma metodologia delineada para a criação e utilização de produtos midiáticos dentro do contexto educacional, envolvendo assim a comunidade interna e externa a escola.

Passei a não considerar o caso da Escola Indígena Lutuma Dias como um processo totalmente educucomunicativo sob o ponto de vista dos dois conceitos apresentados, já que, as ações dos professores da Escola Indígena Lutuma Dias acontecem de forma mais intuitiva do que metodológica – eles adentraram primeiramente a este universo sem a orientação metodológica da educomunicação, o que segundo Soares, se diferencia dos processos que envolvem esse método de trabalho:

A educomunicação enquanto teia de relações (ecossistema) inclusiva, democráticas e criativas – não emerge espontaneamente num dado ambiente. Precisa ser construída intencionalmente. Existem obstáculos que tem de ser enfrentados e vencidos. O Obstáculo maior e, na verdade, a resistência as mudanças nos processos de relacionamento no interior de boa parte dos ambientes educativos, reforçada, por outro lado, pelo modelo disponível de comunicação vigente, que prioriza, de igual forma, a mesma perspectiva hegemonicamente verticalista na relação entre o emissor e o receptor. (Soares, 2011 pag. 37)

Embora eu não esteja enquadrando a experiência 'Lutuma Dias' no conceito de educomunicação, propriamente dito, utilizarei ainda, alguns argumentos desta metodologia no que diz respeito ao trabalho realizado pelos professores Terena. Um deles está relacionado aos ecossistemas comunicativos, que segundo Soares (2011) é utilizado para denominar as teias de relações das pessoas que convivem nos espaços onde esses conjuntos de ações são implantados.

Interessa-me emprestar aqui, as qualificações das ações do educador para o desenvolvimento dos ecossistemas comunicativos, a fim de apresentar algumas atividades desenvolvidas pelos professores Terena.

Segundo Soares as ações estão divididas da seguinte forma:

- a) Inclusivas (nenhum membro da comunidade pode sentir-se fora do processo);
- b) Democráticas (reconhecendo fundamentalmente a igualdade radical entre as pessoas envolvidas);
- c) Midiáticas (valorizando as mediações possibilitadas pelos recursos da informação);
- d) Criativas (sintonizadas com toda a manifestação da cultura local).

Dos itens listados acima, eu destaco o b, c e d, como próximos as ações que os professores vêm realizando escola Lutuma Dias. As ações democráticas, midiáticas e criativas têm tido espaço cada vez maior no dia a dia do professor Terena. Isso por que, ao observar as oportunidades, muitos deles têm realizado seus próprios registros.

Esses registros estão sempre ligados a pessoas de grande importância para a comunidade, em maior parte os anciãos, as manifestações da cultura local, a cultura Terena, criando assim um ecossistema comunicativo que valoriza as práticas inclusivas, midiáticas e criativas dentro da comunidade escolar.

Abrindo um parêntese, existe a necessidade de explicar o motivo pelo qual não agreguei o item "a) inclusivas" na minha observação.

Não a incluí na minha análise, pois, o elemento "nenhum membro da comunidade pode sentir-se fora do processo", ainda é um fator inexistente dentro do trabalho realizado na escola, no âmbito da produção de conteúdos. Alguns professores apresentam a dificuldade de manusear os equipamentos eletrônicos, não

tendo a possibilidade de produzirem seus materiais próprios. Porém essa limitação interfere pouco na utilização de vídeos prontos.

Essa afirmação foi constatada na questão número 14 da entrevista gravada, quando pergunto aos professores se dominam a utilização de equipamentos como datashow, aparelhos de som e computador. Obtive como resposta:

Não tenho nenhum domínio.(Professora 10)

Não tenho nenhum domínio, mas pretendo trabalhar com isso. (Professor 7)

Mais ou menos assim eu sei, ter domínio mesmo, não tenho e nem sei mexer na internet. Professora 11

Não, eu nunca mexi, eu tenho de mandar outra pessoa mexer pra mim, deveria ter uma melhor instrução desses aparelhos. (Professora 3)

Sim, porque na faculdade praticamente eu fui obrigada a aprender, tanto é que no primeiro dia de aula o professor falava pra mim, e eu estava com medo de mexer, o professor falou pra mim, esse aparelho não vai te comer, é você que tem de engolir ele. (Professora 9)

DVD assim, infelizmente, a questão assim de computador eu tenho dificuldade de digitação, por que você tem que ter prática. Eu tava tentando mexer aqui (...) a gente que é adulto já tem um certo medo, as crianças nesse momento parece que é o tempo deles, eles não tem medo, mexe, eu fico admirada de meu filho ficar mexendo, se eu for tocar parece que já vai estragar. (Professora 5)

Das falas transcritas é possível observar que muitos dos professores não sabem manipular equipamentos como datashow e equipamentos de sons. Com relação às observações realizadas pelas professoras 3 e 9, destaco que a dificuldade se dá na formação do profissional de educação, que não oferecem disciplinas específicas para o trabalho com as tecnologias, ou ainda a educomunicação, o que Soares descreve como sendo um fato em que "a sociedade ainda não se deu conta da necessidade de formar educadores para dominar as linguagens produzidas socialmente na construção da cultura contemporânea" (SOARES, 2011, p. 19).

Este autor complementa ainda que é preciso propor que os educandos se apoderem das linguagens mediáticas, pois o uso das tecnologias de forma coletivo e

solidária é útil tanto para aprofundar seus conhecimentos, quanto pra desenhar estratégias de transformação das condições da vida a sua volta.

Outro fato interessante, é a ênfase que a professora 5 dá à relação do filho com as tecnologias. Ela narra que a facilidade que as crianças têm em manipular as tecnologias de comunicação faz parte de um outro tempo, o tempo em que vivem as crianças e jovens no século XXI. Prensky (2012) sugere que essa é a geração dos jogos. "Falantes nativos da linguagem digital dos computadores, videogames e internet" (PRENSKY, 2012, p. 75). Já com relação aos adultos que não nasceram neste universo, mas adquiriram tais habilidades, este autor descreve como migrantes digitais:

Aqueles de nós que não nasceram neste universo, mas que adquiriram pelo menos em algum momento da vida certo fascínio pelas tecnologias, tendo adotado em algum momento muitos ou maior parte de seus aspectos, são e sempre serão os migrantes digitais. (PRENSKY, 2012, p. 75)

A partir das análises de Prensky pode-se identificar que embora muitas dessas crianças e jovens tenham ainda acesso limitado na aldeia ao computador e a internet desenvolvem habilidades que envolvem as tecnologias com bastante facilidade e de forma semelhante as crianças da cidade.

Observamos no desenvolvimento da pesquisa, que isso acontece não só por estarem vivenciando esse novo tempo, como cita Prensky, mas pela similaridade que os equipamentos de comunicação trazem com a cultura tradicional, no que diz respeito a oralidade, conforme vemos apontando durante este capítulo.

A respeito dessa similaridade com a cultura tradicional, na introdução, cito Carvalho (s/d), que traça um paralelo entre as rodas de conversas e o assistir vídeos. Para este autor, o fato de assistir a um filme em conjunto é uma marca do senso coletivo que o filme carrega, e por ser falado, o produto audiovisual mantém os aspectos coletivos que ressoam com estruturas cognitivas ancestrais (CARVALHO, s/d, p. 7).

A afirmação realizada pelo autor, se reafirma nas falas do professor 2, quando o mesmo cita que:

Elas (as crianças) adoram (os filmes), principalmente quando o professor deixa o aluno livre para assistir, no sentido de, no meu caso, podem sentar ao chão ou deitar quem quiser.

Através desse depoimento, o professor me informa que os alunos se sentem bem ao poderem quebrar as regras das cadeiras alinhadas das salas de aula, para poderem se sentar ou deitar aleatoriamente perto da TV, assim como acontece nos pátios da aldeia.

Meus registros fotográficos não captaram esse momento, e as fotografias que tenho dos alunos assistindo TV apresentam-nos sentados nos bancos em volta da televisão.

FOTO 22: CRIANÇAS ASSISTINDO FILME NA SALA DE VÍDEO DA ESCOLA LUTUMA DIAS



FONTE: A autora (2010).

Outro fator ressaltado pelo professor, que também nos serve de referência para o debate, é relacionada ao fato da produção realizada pelos professores e a recepção por

parte dos alunos: “gravações da aula e fotos das caminhadas e eventos que são feitas durante a atividade física, elas amam ver elas mesmo em vídeos” (Professor 2).

Além de apresentarem filmes nacionais e internacionais, alguns professores também buscam realizar seus registros. Com relação ao fato de gostarem de se ver no vídeo ou nas fotografias, ou verem a aldeia e seus moradores, Kossoy (2012) afirma que toda fotografia é um resíduo do passado e todo registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado.

De acordo com esse autor, ao se verem nas imagens, as pessoas reativam a memória sobre seu passado e buscam as lembranças daqueles momentos.

Estamos envolvidos afetivamente com os conteúdos dessas imagens; elas nos dizem respeito e nos mostram como éramos, como eram nossos familiares e amigos. Essas imagens nos levam ao passado numa fração de segundo; nossa imaginação reconstrói a trama dos acontecimentos dos quais fomos personagens em sucessivas épocas e lugares. (2012 p. 100)

Essa informação é bastante eficiente para apontar hipóteses sobre os motivos pelos quais os educadores levam o audiovisual para sala de aula. Partimos então do pressuposto de que o fato de os estudantes se verem ou reconhecerem o contexto indígena em determinados vídeos ou áudios, reafirmam a sua existência e identidade indígena, o que os livros didáticos de uma forma geral ainda não oferecem⁵⁴. Exemplo disso é apresentado novamente nas falas do professor 2, quando o mesmo cita um exemplo de como um vídeo auxiliou os alunos a compreenderem as retomadas indígenas:

Na pré-escola, exemplo disso, foi o filme *Avatar*. Na época que passei o filme, estávamos em processo de paralisação das aulas, devidos a retomadas de terras. Ao assistirem o filme, citei o exemplo do que estava acontecendo, e os alunos comentaram em casa que já sabiam por que estávamos acampados brigando por terras. Isso me deixou muito feliz, porque os pais me vieram falar que ficaram felizes por que os filhos entenderam a briga da causa das terras. (Professor 2)

Ao narrar tal fato o professor evidenciou que ao se identificarem com os personagens do filme, os alunos da pré-escola começaram a compreender quem são e a legitimidade das ações das retomadas, que até então, eram tratadas pelos veículos

⁵⁴ Os livros das disciplinas do tronco comum dificilmente apresentam dados que apresentem a existência dos povos indígenas e a escassez de material para as disciplinas específicas.

de comunicação de massa do estado de MS como ações sem legitimação. Certamente esses estudantes tiveram acesso a essas informações e o contraponto a elas, foi assistirem a obra *Avatar* e terem um olhar diferenciado para os fatos que estavam vivendo.

Esse olhar apurado sobre as informações apresentadas pelas mídias se insere *educação para a recepção crítica dos meios de comunicação*, primeiro conceito que apresentamos para a educomunicação, a partir do texto de Soares (2011). Mesmo não enquadrando, como já citado anteriormente, o caso da Escola Lutuma Dias em nenhum dos dois conceitos apresentados, é fato, que, a ação que vem sendo realizada, tem causado alterações como esses alunos e professores se relacionam com as mídias. O olhar crítico para as mídias, só é possível quando esses estudantes começam a ter outras referências, que neste caso, estão sendo introduzidas pelos educadores.

Com relação aos materiais produzidos pelos próprios professores, verifiquei durante a pesquisa que alguns deles surgiram após as oficinas de capacitação realizada no decorrer do doutorado. As oficinas eram uma forma de verificar a reação dos professores diante do empoderamento com os equipamentos de fotografia e vídeo e se eles aplicariam o conhecimento adquirido na produção de materiais de forma autônoma.

Os professores também foram inseridos na pesquisa realizada pelo Projeto Observatório da Educação indígena - Momentos e lugares da Educação escolar indígena. O Projeto propiciou duas bolsas para professores participantes, porém, em consenso, todos os professores indígenas resolveram participar voluntariamente das ações. Dentre os objetivos desse grupo, estava a construção de conteúdos referentes ao povo Terena e a aldeia Limão verde.

Dessas duas ações consegui reunir informações sobre um acervo bastante interessante que foi constituído a partir da pesquisa dos professores em grupo e de forma individual.

FOTO 23 : PROFESSORES E ALUNOS GRAVAM DANÇA DO KOHIXOTI KIPAÉ NA ESCOLA



FONTE: A autora(2013).

O material produzido através do Observatório da Educação Indígena resultou em dois vídeos e uma série de conteúdos escritos. A atuação dos educadores nesses vídeos foi diretamente na coleta de informações e no contato com pessoas que pudessem ser registradas falando sobre comidas tradicionais e pajés. A opção por trazer para o audiovisual parte desses produtos se deu pela necessidade de ver a “prática” de uma pajelança e a produção de alimento tradicional.

No caso dos pajés, foi necessário o deslocamento para outra aldeia, o que enriqueceu bastante a pesquisa. Em depoimento uma das professoras, registra o fato de que até então acreditava que a pajelança era algo relacionado à “macumba” desconhecendo o verdadeiro valor dessa prática tradicional para a comunidade Terena.

Esse grupo, posteriormente apresentou a intenção de ir a outras comunidades continuar o registro sobre os pajés, já que em Limão Verde esta prática está extinta.

A edição das imagens foi realizada por mim, e houve também atuação dos educadores na orientação da tradução do Terena para a língua portuguesa e na forma escrita das palavras.

Nos relatos da professora Telma Dias, a possibilidade de conhecer a pajelança de perto, quebrou estigmas e preconceitos sobre a atuação dessas lideranças espirituais:

Eu achei muito interessante essa história de pajé por que quando a Janete entrevistou a Lipé, parecia um filme que passou na minha cabeça, e a Janete contava história do pai dela, do vô dela... aquele dia puxa vida, agora sim eu falei, eu quero ir fundo nessa história de pajelança.

O outro vídeo produzido, sobre as comidas típicas, foi gravados por mim e produzidos pelos professores. Eles organizaram toda a pré-produção da filmagem. Escolheram quem seriam os personagens, quais alimentos seriam feitos. Foram até a roça buscar a mandioca e demais ingredientes para a produção dos alimentos. Esse vídeo foi narrado totalmente no idioma Terena por exigência da entrevistada. Sua utilização seria então voltada para estimular os estudantes a reconhecer as palavras na língua Terena, pois na edição não incluímos as legendas em língua portuguesa.

Com relação à capacitação oferecida, os professores não aprenderam a editar vídeos, e nesse caso, o que se destaca são os temas escolhidos para a abordagem, a construção da narrativa e o empenho na produção.

O resultado da oficina foi um vídeo sobre as ervas medicinais⁵⁵, que já era um conteúdo produzido de forma escrita para o projeto Observatório da Educação Indígena. Nesse caso é interessante verificar que os professores transportaram seu material escrito para o material audiovisual, enriquecendo a narrativa com depoimento de moradores da aldeia e mostrando as ervas para o espectador.

Observa-se a partir dessas duas experiências que existe a sensibilidade por parte dos educadores em se envolverem e desenvolverem atividades utilizando equipamentos como os aparelhos de dvd. Existe também uma facilidade em desenvolver a narrativa audiovisual, onde conseguem compor o roteiro para as filmagens de forma muito simples e rápida.

⁵⁵ Professores de outras quatro escolas indígenas participaram da capacitação, produzindo também em grupo, outros 4 vídeos temáticos sobre a cultura Terena.

Independente dessas duas ações foram averiguados outros momentos de contato com o audiovisual⁵⁶. Esses momentos geralmente estão relacionados às ocasiões festivas e eventos realizados pela escola indígena para recolher informações. Identifiquei que pelo menos três desses professores construíram um acervo particular, tendo filmado, filmado ou anotado informações relacionadas a:

- anciãos narrando histórias da aldeia;
- cantos das mulheres no idioma
- Momento político - registro de momentos de militância dentro da aldeia.

Esses vídeos encontram-se em forma bruta, não tendo nenhum tipo de edição. As fotografias referentes à militância política foram postadas no facebook. Os vídeos referentes a esse momento estão armazenados no computador do professor que produziu as imagens e diz que irá utilizá-las quando for necessário. As narrativas dos anciãos foram produzidas por duas professoras durante uma festividade. Esse vídeo não foi apresentado publicamente, porém as informações já estão sendo utilizadas pelas educadoras. O canto das mulheres foi gravado também por um professor, a pedido do grupo, para que posteriormente fosse me repassado.

Com relação a esse último material, é importante lembrar que enquanto protagonistas desses vídeos, os Terena de Limão Verde apresentam muita disponibilidade em serem gravados e entrevistados. Mostram-se abertos para repassar seus conhecimentos e nesse caso das mulheres, elas cantaram hinos evangélicos na língua Terena, com a intenção de aumentar meu repertório acerca do idioma e das músicas Terena. Isso por que elas tinham a informação de que através do Projeto do Observatório indígena, estávamos buscando canções no idioma para serem utilizadas nas aulas.

Com a participação dos alunos outras atividades também foram desenvolvidas. A mais recente aconteceu por ocasião do dia do índio em 2013, quando os estudantes do

⁵⁶ Anterior ao período da pesquisa tive acesso a uma série de fotografias tiradas durante festas nas escolas e dessas mesmas fotografias sendo utilizadas em outros eventos festivos em forma de slide para representar o fato narrado por elas. Essa prática parece ter sido bastante usada em anos posteriores a 2010: fotos antigas organizadas em power point e projetadas nas festas escolares. Anterior a aquisição do datashow que aconteceu entre 2010 e 2011, a escola Lutuma Dias emprestava o Datashow da escola Estadual Pascoal Dias. Detectamos também nas imagens fotográficas a presença da televisão e do aparelho de DVD, que ficavam numa sala denominada 'sala de vídeo'.

nono ano saíram das salas de aula e foram visitar os anciões para recolher a biografia de cada um deles.

Nessa visita de campo os estudantes escreveram as informações e toda a atividade foi gravada por uma jovem funcionária da escola. Os idosos também foram fotografados, e a ideia é que fossem presenteados com esses retratos no dia do evento. Posteriormente, a pesquisa realizada pelos estudantes foi apresentada a comunidade escolar na festa do dia do índio de 2013.

Sobre o trabalho conjunto, entre professores e estudantes, cabe ressaltar o que Soares escreve sobre a ampliação de condições de expressão da juventude:

As novas gerações quando orientadas por adultos significativos para elas (pais professores, gestores de projetos na área de mídia e educação), tem optado por assumir suas responsabilidades na construção de um mundo mais intensamente comunicado, contribuindo para que os meios de informação estejam a serviço da edificação de uma sociedade mais humana, pacífica e solidária. (SOARES, 2011, p.15)

No caso dos alunos do nono ano, além de ter sido uma oportunidade de vivenciar a experiência dos anciões, fato que tem deixado de acontecer cada vez mais na aldeia, ao guardar seus trabalhos, demonstram o gosto pelo exercício realizado e também o reconhecimento por aquelas memórias que até então não tinham conhecimento.

De acordo com Soares (2011), neste caso, a ferramenta utilizada não foi o principal elemento da atividade, mas o tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar os diálogos sociais e educativos, já que, aquela atividade escolar, foi socializada a todos os presentes, ficando registrado em texto, áudio e fotografia de cada um dos anciões entrevistados.

Pedi aos estudantes os resumos que produziram, e a resposta foi negativa - todos queriam guardar a lembrança de uma saída a campo. Já as imagens em vídeo teriam sido armazenadas no computador da escola, porém, como não houve uma catalogação, ou melhor, acondicionamento, não encontrei o material. Daí o fato de eu não destacar a ferramenta utilizada como principal personagem deste tipo de trabalho, pois, o que posso detectar é que muito do que se é gravado, acaba não sendo

armazenado de forma correta e se perdendo junto a outros arquivos guardados no computador da escola.

Diante disso, o maior valor da gravação das imagens está no fato de mediar os processos educacionais, já que para muitos estudantes e professores, o ensino do conteúdo mediado pela tecnologia de comunicação torna a aula mais interessante e permite que os alunos resguardem na memória, as experiências relacionadas tanto pela captação de imagens e sons realizada pelas máquinas fotográficas ou filmadoras nas atividades de campo, como dos vídeos apresentados na sala e aula.

Através desse apanhado de informações, detecto que a inserção desses produtos em audiovisual vem acontecendo de forma gradual nos últimos anos, ganhando força com a iniciativa de um grupo maior de professores. Observo que o processo é mais lento devido a ausência de equipamentos⁵⁷, capacitação para os educadores, tanto para a produção, como em metodologias de utilização e por fim, o reduzido número de materiais disponíveis para utilização⁵⁸.

⁵⁷ A escola mantinha uma câmera fotográfica que filmava, mas o equipamento apresentou defeito, não sendo substituído por outro equipamento. Quando existe a necessidade de se realizar registros, os professores utilizam câmeras particulares.

⁵⁸ Os professores utilizam de acervo particular para as aulas com audiovisual.

Considerações Finais

Esta pesquisa foi desenvolvida na Escola Indígena Lutuma Dias, localizada no município de Aquidauana em Mato Grosso do Sul.

A intenção principal era verificar os motivos pelo qual alguns dos professores Terena dessa unidade escolar estão se orientando ou levando produtos audiovisual para as aulas.

O interesse nessa temática se dá também pelo fato de que nas escolas não-indígenas brasileiras, a utilização dos aparatos tecnológicos são bastante recente e fazem parte de um projeto educ comunicativo em andamento, ou seja, a primeira vista tem se a ideia de que primeiro essa utilização seria mais extensiva nas cidades para depois alcançar as aldeias.

Ainda no plano da utilização do audiovisual e outras tecnologias de comunicação por indígenas, vemos proliferar no país a produção de conteúdos independentes. Esses conteúdos são geralmente direcionados para a militância e não propriamente para as escolas indígenas, o que também nos chama atenção no caso da Escola municipal indígena Lutuma Dias: os professores primam pela criação e direcionamento dos diferentes produtos de comunicação para fortalecer a educação escolar.

Embora nossa pesquisa analisasse a utilização nas disciplinas específicas foram observadas também a presença desse material nas outras aulas que fazem parte do currículo comum entre todas as escolas brasileiras. Nessa análise detectamos que os professores utilizam essas produções audiovisuais como suporte didático em sala de aula, o que ofereceu mais dados para a pesquisa, já que acompanhei durante os quatro anos de doutorado, os 15 professores Terena lotados nessa unidade escolar.

Durante esse período, como já citei, ofereci uma oficina de capacitação em audiovisual, onde alguns professores puderam ter a experiência de produção de vídeos. A partir dessa capacitação realizada em 2012, comecei então a observar a existência de produção autônoma por parte de alguns educadores capacitados.

Destaco que as considerações finais não alcançam uma totalidade ou se aproximam de uma conclusão definitiva sobre os fenômenos com os quais nos deparamos no decorrer de pesquisa. Ao término do trabalho apresento pistas e uma

perspectiva que pode ajudar a compreender como esses educadores estão construindo processos metodológicos e referências próprias de ensino, utilizando as tecnologias contemporâneas para alicerçar o ensino dos conteúdos obrigatórios, e ao mesmo tempo promover o reconhecimento do contexto tradicional e assim, promovendo a manutenção da identidade indígena entre seus alunos.

Dessa forma, as minhas pistas começaram a ser visualizadas no momento em que comecei a reconhecer a identidade desses profissionais e sua importância dentro do contexto da aldeia em que estão inseridos.

Pude verificar que a inserção desses produtos tecnológicos era parte de uma estratégia de protagonismo desenvolvida pelos educadores, ainda que de forma desarticulada⁵⁹.

A partir daí, observei que esses professores estão escrevendo a história da educação escolar indígena diferenciada, idealizando um modelo de ensino próprio.

Verifico também, que, eles estão à procura de elementos que assegurem o direito de todos os Terena estarem em sala de aula, sendo esse, um espaço de aprendizagem tanto do conteúdo indígena como do conteúdo não-indígena. Nesse sentido, Apple (1995) representa de forma adequada a consideração que realizo, quando diz que:

A nossa tarefa como educadores é assegurar que ao entrar na sala de aula, ela estará lá por razões política, econômica e educacionalmente criteriosas, não por que grupos poderosos possam estar redefinindo nossos principais objetivos educacionais a sua própria imagem. (APPLE, 1995, p. 170)

O processo de reflexão sobre a utilização do audiovisual em sala de aula por professores indígenas, me denunciou os vários problemas e dificuldades existentes nesse modelo de educação, que embora esteja garantido pela legislação brasileira em diferentes instâncias, ainda não é implementado em diferentes estados e municípios do país, incluindo aí, Mato Grosso do Sul e Aquidauana.

Dessa forma, os encaminhamentos da tese se orientam para a perspectiva de que o fato de levarem esse tipo de produto para a sala de aula, não significa

⁵⁹ Cito como desarticulada, pelo fato de que não houve um planejamento individual ou coletivo para a inserção desses equipamentos na sala de aula. Acredito que foi uma maneira intuitiva de ampliar as possibilidades de ensino aprendizagem.

simplesmente o complemento das aulas, ou ainda, uma metodologia mais atrativa para os estudantes. Denota questões mais complexas que citarei abaixo, como elementos que compõe a minhas perspectivas/considerações finais acerca do tema:

- A utilização do audiovisual em sala de aula está relacionado à própria identidade e a memória ancestral: Para explicar essa consideração, retomo as informações de Kossoy, no que diz respeito a o envolvimento afetivo com os conteúdos dessas imagens e que elas nos levam ao passado numa fração de segundo. A pesquisa me possibilitou verificar tal afirmação, ao detectar que o audiovisual proporciona primeiro ao educador, depois ao estudante, diferentes formas de refletirem sobre a sua própria identidade e ao mesmo tempo, compreender o mundo que os cerca. A possibilidade de relembrar o passado, reforça o que Munduruku (2012) afirma como sendo um elemento primordial da resistência indígena: a memória, pois é ela quem comanda a resistência, e toda vez que assiste-se um vídeo fazem lembrar das questões mais próximas a realidade indígena, o Terena relembra que não temos o direito de desistir, caso contrário não estará fazendo jus ao sacrifício de nossos primeiros pais e para manter-se viva.

- Problemas estruturais na educação escolar indígena, onde os livros didáticos, mapas e outros materiais de uso do professor em sala de aula, não contemplam as necessidades internas da comunidade escolar de Limão Verde, que quer se ver dentro dos conteúdos oferecidos por esses materiais, seja nas aulas de história, de língua portuguesa ou matemática. A mesma dificuldade se apresenta nas disciplinas específicas de arte/cultura e língua Terena. Daí a articulação de alguns desses professores em produzir seu próprio conteúdo para todas as disciplinas.

- A ascensão do audiovisual dentro da escola também retrata a falta de diálogo com os órgãos superiores, que deveriam garantir a produção de mais livros, jogos e outros produtos regionalizados.

- Quando apresentam vídeos com temática ambiental, ou sobre questões indígenas, esses educadores buscam mostrar aos estudantes, que eles também fazem parte da Biologia, da Geografia e da História do país.

Esse ato denuncia que a metodologia tradicional aplicada tanto nas escolas das cidades e transferidas para as escolas das aldeias, não tem sido adequada aos estudantes indígenas, pois esses aprendem desde crianças a utilizarem todos os sentidos para a percepção do mundo em que vivem. Dessa forma, somente o livro didático, as carteiras e o quadro negro, não seriam o suficiente para estimular tais sentidos.

A partir das questões apresentadas acima, posso considerar que a utilização desses produtos audiovisuais por parte dos professores indígenas, são a busca por uma solução para a escola indígena denominada diferenciada, mas que na prática ainda utiliza as mesmas práticas das escolas não-indígenas.

O audiovisual é uma tentativa de suprir a necessidade das saídas de campo, que não são previstas nos planejamentos e são pouco permitidas pelas gerências de educação.

É passível de se acreditar que os professores ao levarem esse tipo de mediação para sala de aula, também pretendem demonstrar autonomia sobre seus recursos didáticos e comprovar sua capacidade de articulação com todas as tecnologias disponíveis para a educação, desmistificando muito dos preconceitos existentes com relação à capacidade dos indígenas.

Além dessas observações, não se deve esquecer que existe por parte desses professores o reconhecimento de que seus alunos são pessoas que estão inseridas num processo global de comunicação e que, por isso, necessitam também se adequar a esse novo contexto.

Em termos gerais, a perspectiva que gostaria de apresentar aqui, aponta a vontade de suprir as necessidades emergenciais existentes na educação escolar indígena: o primeiro diz respeito aos próprios estudantes, que estão cada vez mais envolvidos com um contexto não-indígena, aprendendo a lidar cada vez mais com tecnologias e outros elementos emprestados da cultura nacional; a segunda baseia-se na própria deficiência da educação escolar diferenciada, o que leva tais educadores a

buscar recursos, criando estratégias e recriando conteúdos; para isso se dedicam a extrair das tecnologias de comunicação, conteúdos pertinentes e que sirvam de aliados para o plano de se formar indígenas capazes de transitar no mundo externo, sem que se esqueçam de olhar para dentro, para sua identidade étnica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena, *Manual de história oral*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2005.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanazi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

APPLE, Michel W. *Trabalho docente e textos: Economia política das relações de classe e de gênero em educação*, Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

AUFDERHEIDE in CARELLI, Vincent (org.), Ana Carvalho, Ernesto L. de Carvalho, *Vídeo nas aldeias*, São Paulo: Editora: Vídeo nas Aldeias, 1ª edição, 2011

AZANHA, Gilberto. *As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul*, CTI – Centro de Trabalho indigenista, 2001.

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. *El encuentro de la gente y los insensatos: La sedentarización de los cazadores Ayoreo en el Paraguay*. México/DF: Instituto Indigenista Interamericano/CEADUC, 2000.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CARELLI, Vincent (org.), Ana Carvalho, Ernesto I. de Carvalho, Editora: *Vídeo nas Aldeias*, 1ª edição 2011.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*: tradução Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa: tradução da introdução Gênese Andrade – 4. Ed. 4. reimpressão – Editora Universidade de São Paulo, 2009.

CANCLINI, Néstor García. “1. A cultura extraviada nas suas definições”. Em: *Diferentes, desiguais e desconectados*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, pp. 35-53.

CASTEUNAU in SOUZA, Lécio Gomes de. *História de uma região: Pantanal e Corumbá*. São Paulo: Resenha Tributária, 1973.

CHERVEL, André e Compere, Marie-Madeleine. As humanidades no ensino. *Educação e pesquisa*. São Paulo, n. 2, 1999.

CHERVEL, André. *História das disciplinas escolares: Reflexões sobre um campo de pesquisa*. Revista Teoria e Educação, V. 2; 1990, p. 177-229.

COHN, Clarisse. A criança, o aprendizado e a socialização na antropologia, in *Crianças indígenas – ensaios antropológicos*, São Paulo: Global, 2002.

Cunha apud HOFFMAN, Assis, Hohlfeldt, Antonio, *O gravador de Juruna [por] Mário Juruna*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

FERNANDES, Florestan. Aspectos da educação na sociedade Tupinambá, in Schaden, Egon. (org.) *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1976. pp. 63-86.

GALLOIS, Dominique; CARELLI, Vicent, Diálogo entre Povos Indígenas: a experiência de Dois Encontros Mediados pelo Vídeo. *Revista de Antropologia*, USP, São Paulo, v. 38, n. 1, 1995a.

GOODSON, Ivor. *O Currículo em Mudança - Estudos na construção social do currículo*, Editor: Porto Editora, 2001.

GRUPIONI, Luiz Donizete Benz., *Povos indígenas e tolerância : Construindo práticas de respeito e solidariedade*, 2001

GRUPIONI, Luís Donisete, Lux Boelitz Vidal, Roseli Fischmann (org). *Povos Indígenas e Tolerância: Construindo Práticas de Respeito e solidariedade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

HAMILTON, David. Sobre as origens dos termos classe e curriculum. *Teorias & Educação*. Dossiê História da Educação. Porto Alegre: Pannonica, n.6, p 33-52, jul. 1992.

HOFFMAN, Assis, Hohlfeldt, Antonio, *O gravador de Juruna [por] Mário Juruna*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

JESUS, Antonio João de. *Coisas da Terra*. Cuiabá: UFT/MR, 2005.

JESUS, Naine Terena. *Kohixoti Kipaé* –Memória resistência e Cotidiano Terena, UnB, 2006.

KOSSOY, Borris. *Fotografia e História*. São Paulo, Ateliê Editora, 2ª Edição, 1ª Reimpressão, 2003.

LEITE, Eudes Fernando. *Aquidauana: A baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução*. Dourados. UFGD. 2009.

LOTMAN, Iuri M. *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Fronesis, 1996.

LOPES, Araci in Povos indígenas e tolerância: Construindo práticas de respeito e solidariedade, Luis Donizete Benzi Grupioni; Lux Boelitz Vidal; Roseli Fischmann. Editora Edusp, 2001

_____, Araci; FERREIRA, M. K. L. (Orgs.). *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*. São Paulo: Global/ Fapesp/ Mari, 2001a.

MACHADO, Arlindo (Org.). *Made in Brasil*. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2007a.

MARTINS, G. R. Breve painel etno-histórico do Mato Grosso do Sul. Campo Grande: EdUFMS/FNDE, 1992.

MUNDURUKU, Daniel. *Mundurukando*. São Paulo: ed. Do autor, 2010.

_____, Daniel LEETRA indígena, volume 1, n.1, São Carlos: SP: Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens e Letra 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Têrena*; Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.

PRENSKI, Marc, *Aprendizagem baseada em jogos digitais*. São Paulo: Senac, 2001, SP.

SILVA, Altfender. Mudança cultural dos Terena. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, v. 3, São Paulo, 1949.

Shaden, in COHN, Clarisse. A criança, o aprendizado e a socialização na antropologia, in *Crianças indígenas – ensaios antropológicos*, São Paulo: Global, 2002.

SCHUCH in JESUS, Naine Terena. *Kohixoti Kipaé* –Memória resistência e Cotidiano Terena, UnB, 2006, p. 16.

SECCHI in JANUÁRIO, SILVA E KARIN, *Cadernos de Educação escolar indígena – PROESI, Autonomia e Protagonismo indígena nas Políticas Públicas*, Volume 5, n. 1, Editora Unemat, Barra do Bugres, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade* - Uma introdução as teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira, *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação* - contribuições para a reforma do ensino médio, São Paulo: Editora Paulinas, 2011.

SOUZA, Lécio Gomes de. *História de uma região: Pantanal e corumbá*. São Paulo: Resenha Tributária, 1973.

TAUKANE, Darlene. *A história da Educação escolar entre os Kurâ-Bakairi*. Cuiabá. 1999.

TAUNAY, A . d' E. *Entre nossos índios*. São Paulo: Melhoramentos, 1931.

Sites

CARVALHO, João de Carvalho no ensaio sobre escrita, mídias, audiovisuais e intermídia disponível em <http://www.ponto-omega.com/cgi-sys/suspendedpage.cgi> acessado em 21/10/2012

LÓPEZ, Atencio. Medios de comunicación y pueblos indígenas. Revista PCLA, v. 2, 2001. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista8/forum%208-1.htm>>. Acessado em: 10 set. 2010.

Prácticas educucomunicativas: miradas sobre lo inacabado fuente: Agencia ConoSur, Autor: Emanuel Gall escrito em 02/02/2005 acessado em 21/02/2011: <http://www.proyectoconosur.com.ar/Noticias/NoticiaMuestra.asp?Id=3465>

Site da Secretaria de Educação do Mato Grosso do Sul: http://www.sed.ms.gov.br/index.php?templat=vis&site=98&id_comp=2

[13&id_reg=6534&voltar=lista&site_reg=98&id_comp_orig=213](#))
acessado em setembro de 2012.

Artigos

BRAND in PAREDES, Antonio Bento Pereira. *A escola indígena: papel e expectativas*, Paula Sant'Anna Battassini, UDCB Programa Desenvolvimento Local e Programa Kaiowá/Guarani, 2010.

FREITAS, Edinaldo Bezerra. Fala de índio, história do Brasil: o desafio da Etno-história indígena, in Lang, Alice, *História Oral - Revista brasileira de história oral*, n. 7, São Paulo: Gandalf Editora, 2004.

KUITÁ, Gilda, experiência Kurâ-Bakairi, In VEIGA, Juracilda; Salanova, Andrés (Orgs.) *Questões de educação escolar indígena: da formação do professor ao projeto de escola.*/ Darlene Taukane. (et al). - Brasília: FUNAI/DEDOC, Campinas/ALB, 2001.

LADEIRA, Maria Elisa. *O uso da língua Terena segundo uma análise macro sociolinguística*, Anpocs, 1999.

RUSSO, Kelly. *Vídeos Educativos e Diálogos entre Culturas: professores indígenas e a apropriação da linguagem audiovisual*, 2007, III Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas (12º COLE-Congresso de Leitura do Brasil, UNICAMP, 20 e 23 de julho de 1999).

RUSSO, Kelly. *Vídeos educativos e o diálogo entre culturas: professores indígenas e a apropriação da linguagem audiovisual*, Artigo apresentado no I Colóquio de Pesquisas em Educação e Mídia: diálogo entre culturas, em agosto de 2007.

TAUKANE, Darlene. Avanços e impasses na educação escolar indígena: a experiência Kurâ-Bakairi, In VEIGA, Juracilda; Salanova, Andrés (Orgs.) *Questões de educação escolar indígena: da formação do professor ao projeto de escola.*/ Darlene Taukane (et al). - Brasília: FUNAI/DEDOC, Campinas/ALB, 2001.

Teses e dissertações

CARDOSO, Wanderley Dias. *A história da Educação Escolar para o Terena: Origem e desenvolvimento do Ensino Médio na aldeia Limão Verde*. Tese de Doutorado, PUC – RS, 2010.

JESUS, Naine Terena de. *Kohixoti Kipaé – memória, resistência e cotidiano Terena*, dissertação de mestrado Unb. Brasília – DF. 2006.

CARVALHO, Rosely Fialho de. *Subsídios para a compreensão da Educação Escolar indígena Terena do Mato Grosso do Sul*. Dissertação de Mestrado. PUC-RS – Santa Maria, 1995.

CARDOSO In MARQUES, Cintia Nardo. *Monografia Memória Terena: história, cultura, identidade e resistência*. Curso de História UFMS – Campus Aquidauana. 2009. MS

RIVAS. *Dispositivos tecnológicos de mediação, hibridização cultural e processos comunicativos na Reserva Indígena de Dourados e entre os Ayoreo do Paraguai*. Tese de doutorado, PUC. SP - São Paulo, 2013.

Vídeos

Vídeo Sua Escola, Nossa Escola “Terena: a preservação de uma cultura indígena – Aquidauana – MS”, produzido pelo TV Escola, projeto do Ministério da Educação.

Leis

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988,

Decreto 6.861 de 27 de maio de 2009.

Decreto n. 426 de 24 de julho de 1845.

Decreto número 26, de fevereiro de 1991.

Decreto 6.861 de 27 de maio de 2009.

Decreto nº 795 de 1928 do Governo do Estado do Mato Grosso

Decreto do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul de nº 458 de 16 de maio de 1988.

Estatuto do Índio, de 19 de dezembro de 1973.

Lei 6001, artigo 49 de 1973.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/1996)

Lei Municipal 032 de 27 de outubro de 1948.

Lei 4.324/95, Governo do estado de Mato Grosso do Sul.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971.

Portaria Interministerial número 559 de abril de 1991.

Resolução P/SED/Nº 3690/96, de 8 de outubro de 1996.

SILVA, Luis Fernando Villares. Coletânea da Legislação indigenista brasileira. CGDTI - FUNAI Brasília, 2008.

Documentos

Carta redigida por Professores Terena de Miranda - MS, para o documento final do Encontro Estadual de professores indígenas de Mato Grosso do Sul, Caarapó, 2012.

Carta-ofício encaminhada pelo Conselho indigenista missionário (CIMI) no dia 14 de março de 1992.

Carta da Direção e professores da Escola Guarani – lideranças indígenas de Aambaí – Abril de 1993.

Carta escrita em Vila São Pedro, 17 de maio de 1994 pela comunidade Guarani Kaiowa.

Portaria Ministerial MJ/MEC nº. 559 de 16 de abril de 1991.

Circular número 18/A30/MS/93, expedido em 20 de outubro de 1993 pela Associação da Educação Católica de Mato Grosso do Sul à Secretaria de Educação de MS.

Ofício remetido no dia 03 de abril de 1995, pelo MEC para a Secretaria de Ensino Fundamental da Assessoria de Educação indígena do MEC para a Secretaria de Educação de MS.

Proposta elaborada durante o Seminário “A educação indígena, 1990”.

Projeto Político pedagógico da Escola Municipal Indígena Lutuma Dias - 2002.

Relatório Funai Regional MS – 1971, Arquivo Público de Campo Grande.

Relatório final do I Encontro Estadual Indigenista, promovido pela Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul, 1990.

Relatório do Seminário *A Educação para as Comunidades indígenas*, 1991 – Centro de Documentação Universidade da Grande Dourados.

Relatório redigido por Osmar Coelho, chefe do Posto Indígena Limão Verde - Delegado da Funai de Aquidauana, em 16-12-1985.

Texto n. 02 – Apoio Pedagógico Indígenas de Mato Grosso do Sul, 1990. Secretaria Municipal de Educação de Aquidauana – departamento de Coordenação Pedagógica.

Anexos

1. Identificação: Professora 1

2. Idade: 58

3. Formação: LETRAS, PORTUGUES LITERATURA COM PÓS EM LINGUA PORTUGUESA.

4. Estudou na aldeia? Estudou na cidade? Fez faculdade?

Não Estudei Na Aldeia, Sim, Na Cidade E Fiz Faculdade Na UFMS aqui Em Aquidauana – MS.

5. Conte-me um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? Por que você estudou? Acha que é importante?

Sim, era difícil, pois na minha época não tínhamos a mordomia que os alunos tem hoje, nós, eu mesma morava longe da escola e vinha a pé, entrava as 19 horas e saia as 23:15, e vinha a pé pra casa, então foi muito difícil. bom, pra falar bem a verdade, eu estudei porque não tinha objetivos, ai fui estudar, fiz faculdade, passei e fui estudar sem compromisso algum de ter uma profissão com aquilo que estava fazendo, mas estudei conclui.

perguntei se ser professor caiu de para-quedas?

Não, foi assim com muita insistência da Helena, que era a coordenadora e que até hoje esta na coordenação trabalhando na Gemed. por que na época que terminei em 87, faltava muito profissional da área e o município estava reestruturando o ensino do 5° ao 8° ano e faltava profissional na área, daí eu fui dar aulas, gostei e no ano seguinte fui fazer o concurso, passei, e dois anos depois fiz o concurso do estado, passei e fiquei efetivado no município e estado, e passei a gostar daquilo que fazia, naquilo que estava ali, você passa a gostar do que faz, você tem convivência com os alunos, passa a gostar da profissão e descobre a gostar daquilo que você quer e pas a ser a sua profissão.

Você é ou não é indígena?

Eu sou, primeiro sou descendente, a minha família a minha avó indígena, o meu avô que não era, era do rio grande do sul mas morou na aldeia com a minha avó até o dia de seu falecimento, a minha mãe, embora eu nunca tenha morado na aldeia mas os nossos parentes que ainda sobrevivem, estão todos morando na aldeia córrego seco.

6. Você acha que existe preconceito contra os indígenas? Já passou por alguma situação? Conte-me.

Olha, hoje até que não, mas no inicio sim, eu percebia que até os próprios índios, não gostavam de falar que eram índios. Mas hoje esta mais aberto nessa questão indígena. Por que hoje, ninguém mais tem a vergonha de falar que é índio, acho até que é questão de orgulho pra pessoa dizer que é índio. Eu já passei por uma situação, quando a gente falava que é índio mesmo, agora, não só lá, eu estava preteando a minha carteira de índio, indígena, pedi pra meu primo que é cacique no córrego seco, e

ele me perguntou assim, que eu tinha que provar que era índio, mas de que forma se todos os parentes estão lá? Então, que prova maior que essa?

7. Há quanto tempo da aula?

No município 25 anos, e no estado há 23 anos.

8. Para que série você leciona? Quais disciplinas?

6º ao 9º ano, língua portuguesa.

9. Que tipo de material você usa em sala de aula? Livros? Cadernos? Jogos?

Livros, cadernos, textos, textos da internet, textos fora do livro didáticos, quadro de giz, aquilo que você tem de material pra usar na área indígena.

10. Já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

Já. Mas ultimamente não tenho levado.

11. Se sim, acha que teve um bom resultado?

Sim, de certa forma, por que aqui pra eles é novidade. Eles gostam, sutil efeito, por que no início quando eles não tinham oportunidade de ter contato com a internet com o computador, muitos não tinham televisão e nem rádio, então pra eles é interessante. E isso hoje pra eles já deixou de ser tão interessante por que todos já têm acesso ao meio de comunicação.

12. Se não usou, por que não usou?

13. Você acha que os vídeos, as fotos, podem ajudar na sua aula? Como?

Claro que pode e muito, na medida que você trabalha e tem um planejamento daquilo que você tem o objetivo no que vai trabalhar, por que não adianta nada você passar um filme por mostrar, você tem de pedir o retorno daquilo que eles estão assistindo pra ver se realmente ouve o entendimento e da parte escrita também é um retorno pra você cobrar e ver o que eles estão reproduzindo, se está dentro da coerência da coesão no desenvolvimento dele na escrita.

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

SIM.

15. Os alunos gostam desse tipo de equipamento?

Olha, mostram que gostam né, alguns, tem outros que isso já nem chamam mais a atenção deles.

16. Gostam de filmes? Quais tipos você acha que eles gostam?

Depende do filme que você vai passar, normalmente trabalho com filmes de literaturas porque é assim, tem que trabalhar com filmes direcionados pra eles, filmes vida seca no caso é um tema que escolhe dentro da matéria.

17. Você costuma usar a internet? Para que tipo de finalidade?

Na escola do estado sim, aqui tem computador mas não tem nada e nem como usar né. Computador nos temos,,mas falta um técnico ou mesmo computadores que nos tínhamos como antes. Por que os alunos, mesmo que o professor não estava trabalhando com eles, os alunos estavam aqui.

18. E os livros que vem para a escola? São bons?

O livro de língua portuguesa, eu utilizo mais pra exercícios e leituras, eu acho os textos muito longo pra eles. Se tivesse um livro didático direcionados para alunos indígenas, por que nos temos são textos que não são do conhecimentos dos alunos não é de nossa realidade, e pra quem tem dificuldades, isso se torna um ponto mais obscuros pra eles ainda, nossos livros são muito complexo pra eles.

19. O que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?

a base, se puder melhorar a base, a nossa base é assim muito fraca esta com alicerce bem comprometido, se a base melhorar, eu creio que temos alunos que tem condições, como tivemos no passado nossos profissionais que já estão aqui hoje. A gente não precisava estar fazendo duas ou três provas para os alunos estarem conseguindo a media, e não tinha nota inferior a seis. Nos tínhamos retorno, hoje a base deve ser repensada com muito cuidado e com muito carinho, por que senão esta chegando aluno no sexto ano sem saber ler. Ele falar eu não quero ler. Não é por que ele não, é por que ele não sabe mesmo. Nem um aluno fala eu não quero fazer. Quando um aluno fala eu não quero ler, você pode ter certeza que a criança não sabe ler. E no momento que você for questionar que se for pedir pra ele ler fora da, que ele esta sozinho sem os colegas por perto, você percebe que ele fala eu não sabe ler. Como já tivemos alunos no ano passado.

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças na cidade e a educação das crianças na aldeia? Me de um exemplo.

A diferença que eu assim que tem. Tem por que o ano passado mesmo, teve uma professora colega que trabalhava aqui e em uma outra aldeia, ela falava assim “ que tem uma só aluna que sabe ler e é a que veio de uma escola (x) de Aquidauana, porque o restante não sabe ler, é do 3º ano”.

21. O que diferencia o terena do branco? O que te diferencia do branco?

R – é a realidade de cada um, acho que é a realidade de cada um. Não posso dizer que é a minha formação porque hoje todos indígenas tem a mesma oportunidade que o branco tem, basta querer, alias oportunidade que talvez o branco nem tem, eles os indígenas tem mais direitos de estudar de ter uma bolsa de estudos que o branco não tem, só faz quem tem dinheiro pra pagar, então eu vejo assim, que não existe diferenças, existe boa vontade de você querer ser um bom profissional.

1. Professor 2

2. Idade: 40

3. Formação: Licenciatura em Educação Física

4. Estudou na aldeia? Estudou na cidade? Fez faculdade?

Sim estudei na aldeia, mas em mato grosso na aldeia dos Umutinas, até a primeira série, na cidade terminei meus estudos e fiz faculdade de educação física.

5. Conte-me um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? Por que você estudou? Acha que é importante?

A minha vida escolar foi maravilhosa, tive grandes oportunidades de conhecer muitas pessoas e de vivenciar grandes feitos na área esportiva, até mesmo por que foi isso que me fez formar na educação física. Não posso dizer que foi fácil, mas dou graças a deus que os meus maiores apoiadores para que eu pudesse me formar, vieram de dentro de casa, com o incentivo familiar, entre eles as minhas irmãs.

6. Você acha que existe preconceito contra os indígenas? já passou por alguma situação? Conte-me.

Existe sim, me lembro que quando cheguei a cidade para estudar, ao dizer que eu vinha da aldeia e que sou descendentes de indígenas, logo os colegas faziam piadas, falavam que eu demorava pra entender as coisas por que era índio. Porém, isso nunca me abalou, nunca mesmo, ao contrário, eu sorria e ficava na minha. O pior de tudo isso foi chegar a faculdade e os outros acharem que eu tinha privilégios, por acharem que eu participava da cota. Aqui na cidade de Aquidauana – MS uma mulher da área de educação veio me dizer, “você só se formou graças a cota indígena”, mal sabe ela que aprendemos com nosso pai que nunca permitiu isso, entramos no peito e na raça.

7. Há quanto tempo da aula?

Vamos dizer que antes de me formar eu pegava umas aulas como substituto então teve a oportunidade de pegar uma boa base com a sala de aula, digamos que depois de formado, tudo junto fazem 13 anos de sala de aula, mas, somente no ano de 2004 assumi uma sala de aula, hoje dou aulas na aldeia Limão Verde de educação física.

8. Para que série você leciona? Quais disciplinas?

Hoje pré-escola I e II artes e movimento e jogos e recreação, um 4º ano de educação física.

9. Que tipo de material você usa em sala de aula? Livros? Cadernos? Jogos?

Na pré-escola, muitos livros com contos e mitos locais, revistas com imagem sobre esporte, higiene, jogos pedagógicos com números e letras, meio ambiente e o uso de data show. No 4º ano o mesmo material, incluindo o uso de cadernos, passando para os alunos trabalhos como tarefas, tabuada, para ajudar o professor regente nessa matéria, em sala de aula, jogos cognitivos com números e letras, na quadra de esporte, atividades motoras e jogos lúdicos, sem o futebol. Uso de cartolinas para fazerem

trabalhos sobre a educação física e datas comemorativas, fazendo a correção de português auxiliando os alunos e o professor nessa disciplina.

10. Já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

Sim, filmes infantis de desenhos e até mesmo filmes, para depois debater em sala de aula, na pré-escola o mesmo, porém com um detalhe a mais, gravações da aula e fotos das caminhadas e eventos que são feitas durante a atividade física, elas amam ver elas mesmo em vídeos.

11. Se sim, acha que teve um bom resultado?

Excelentes resultados, principalmente na pré-escola, exemplo disso, foi o filme Avatar, na época que passei o filme, estávamos em processo de paralisação das aulas, devidos a retomadas de terras, ao assistirem o filme, citei o exemplo do que estava acontecendo, e os alunos comentaram em casa que já sabiam por que estávamos acampados brigando por terras. Isso me deixou muito feliz, porque os pais me vieram falar que ficaram felizes por que os filhos entenderam a briga da causa das terras.

12. Se não usou, por que não usou?

13. Você acha que os vídeos, as fotos, podem ajudar na sua aula? Como?

Sim, essas aulas de vídeos e fotos quebram o dia a dia de só quadros e leitura, já são provadas que ao verem vídeos e fotos, possa ser mais fácil para memorizar as atividades, sem contar que serve de estímulo para os alunos.

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

Hoje posso dizer que sim, mas não dispenso uma ajuda quando necessário.

15. Os alunos gostam desse tipo de equipamento?

Elas adoram, principalmente quando o professor deixa o aluno livre para assistir, no sentido de, no meu caso, podem sentar ao chão ou deitar quem quiser.

16. Gostam de filmes? Quais tipos você acha que eles gostam?

Sim, e como gostam principalmente filmes de terror, elas acham engraçadas as cenas. Mas fica uma dica, todo professor tem de contar o conteúdo do filme antes, para que o aluno se interesse e que fique na expectativa da cena a ser passada. O professor deve assistir antes, para conhecer o filme se é ou não adequado para a série a ser passada.

17. Você costuma usar a internet? Para que tipo de finalidade?

Sim, uso frequentemente, para entrar em contato com a família, amigos, ver as novidades do mundo, baixar musicas e vídeos para uso escolar

18. E os livros que vem para a escola? São bons?

Dentro de minha área, é complicado falar, porém, vejo muitos professores reclamar que não são bons para uso.

19. O que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?

O respeito do povo local. O respeito aos indígenas professores. O respeito a cultura local. Digo, não tem liberdade de trabalho, em se tratando de sermos indígenas. Digo, vejo que a direção vive trabalhando sobre pressão, o que acaba prejudicando o professor em sala de aula.

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças na cidade e a educação das crianças na aldeia? Me de um exemplo.

Eu vivi os dois lados da moeda. Por isso vejo a necessidade de todos os professores indígenas serem formados por uma Universidade, Faculdade Ou Centro Universitários. Por quê? A primeira coisa que falam ao criticar os professores é – também, não é formado.

21. O que diferencia o Terena do branco? o que te diferencia do branco?

Terena – somos calmos, vivemos um tempo diferente, não há preocupações entre nós, estamos sempre andando um pouco mais devagar, porém aproveitando o máximo de tempo que temos, principalmente quando crianças e jovens. Queremos aproveitar tudo, sem ter as responsabilidades de fazeres e horários. Isso não é ruim, é bom, mas temos de viver novos tempos.

O branco – já nasce preocupado com as contas, vive pensando no final do mês, vive no stress do dia a dia, quando criança, o mais importante para os pais é ir para a escola e aprender a ler e escrever, antes de idade certa vive já na responsabilidade de um adulto. Isso não é ruim, é bom. Mas já nascem vivendo um novo tempo.

O que diferencia os terenas dos brancos é o modo de vida, a cultura. O que me diferencia do branco, bom, eu cresci e me formei no meio dos brancos, e hoje eu vivo entre terenas, não vejo diferenças entre nós, porém me veem diferente entre eles, aqui sou purutuye, lá sou índio, mesmo com a aparência diferente, mas tenho a mãe indígena. É o mesmo que dizer, que o filho de japonês nasci no Brasil, para os brasileiros ele é japonês, e quando vai para o Japão, lá ele é brasileiro. Vai entender

1. Professora 3

2. Idade: 41 anos

3. Formação: Ensino Normal Médio

4. Estudou na aldeia? estudou na cidade? fez faculdade?

Fundamental é aqui, mas primeiro eu comecei na cidade, o quinto ano, depois comecei aqui.

5. Me conte um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? por que você estudou? acha que é importante?

Antes? Sim. A dificuldade era condução. Aí por isso que eu parei, depois comecei de novo aqui, quando teve do quinto ao nono.

6. você acha que existe preconceito contra os indígenas? já passou por alguma situação? me conte.

Tinha preconceito sim.

7. Há quanto tempo dá aulas?

Eu comecei em 2006 no estado, até 2007 e 2008 comecei aqui.

8. Para que série você leciona? quais disciplinas?

L língua terena e artes. Esse ano que eu comecei artes (*refere-se ao ano de 2012*)

9. que tipo de material você usa em sala de aula? livros? cadernos? jogos?

livro, joguinho, mapa

10. já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

Sim, já usei. Eu passei aquele que você trouxe aqui, acho que é DVD, que era meu pai que tava falando.

Os alunos gostaram?

Gostaram. Pra mim mostrar para eles como que ... a entrevista dele lá.

11. Se sim, acha que teve um bom resultado?

Ah eles gostam.

12. Se não usou, por que não usou?

13. Você acha que os vídeos, as fotos, podem ajudar na sua aula? como?

sim.

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

Não, eu nunca mexi, eu tenho de mandar outra pessoa mexer pra mim, ela concorda que para os professores em geral, deveria ter uma melhor instrução desses aparelhos.

15. Os alunos gostam desse tipo de equipamento?

sim. A tecnologia? Ajuda? Para eles fazer uma pesquisa tem que procurar..a pergunta é sobre computador ne? ... na escrita ne? Ajuda mais, a gente pede para eles quando assistem, escrever tudo que assistiram ou desenhar.

16. Gostam de filmes? quais tipos você acha que eles gostam?

17.você costuma usar a internet? para que tipo de finalidade?

Minha dificuldade é mexer com internet, computador.

18. E os livros que vem para a escola? são bons?

19. O que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?

O livrinho né. Aqui não tem agora do sexto ao nono. O livrinho de Terena,o resto tem português, matemática tem tudo ali no livro. E nós não. De arte terena não tem.

Na minha disciplina é só o livrinho que esta faltando. Só o livro mesmo que eu queria que tivesse o livrinho só para nós. E, só para nós.

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças na cidade e a educação das crianças na aldeia? me de um exemplo.

Aqui na aldeia é totalmente diferente do que lá né, por que aqui eles pergunta e responde, lá acho que é outra diferença. Fui criada na aldeia. Quando era criança era só brincando.

21. O que diferencia o Terena do branco? o que te diferencia do branco?

1. Professora 4

2. Idade: 55 anos

3. Formação: Mestre em educação, graduação em pedagogia.

4. Estudou na aldeia? estudou na cidade? fez faculdade?

Do primeiro ano ao segundo foi na escola indígena, acabei repetindo o primeiro ano até o quarto ano numa escola praticamente americana que os professores eram americanos, tanto é que eu tenho o costume doentio de ser horário britânico, onde nos aprendemos o hino nacional com aquele civismo americano, é, eu acho até falta disso por que nossos alunos hoje não querem cantar o hino nacional, não tem esse costume, e a gente fica um pouco, ontem mesmo a gente estava pensando em fazer um documento pedindo a volta do treinamento de civismo na escola, tipo ordem e progresso como diz, a nossa bandeira, que não tem mais, e a gente fica um tanto, vamos dizer uma escola meio indisciplinada dessas ordens que deveria ter na escola.

5. Me conte um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? por que você estudou? acha que é importante?

Muito, muito. Eu estava contando para meus alunos essa semana de que quando eu entrei na escola, de cara eu já entrei numa escola recomeçando o primeiro ano, numa escola praticamente americana, direção americana, professores americanos, costumes americanos, então foi uma luta muito grande, no primeiro por que eu não entendia o português, segundo por que eles tinham sotaque americano não era sotaque português, então eu vivia uma coisa que me marcou muito mas eu era obrigada a estar ali todos os dias eu quase chorei umas duas semanas. Era em Taunay, era da missão evangélica.

Era uma escola particular que o dono chamava Lourenço Boockman era um americano, e trouxe o evangelismo né, para lá pro distrito onde a clientela era indígena. A maioria era indígena. Na época eu acho que a minha mãe como ela era lavadeira, ela lavava e limpava a casa dos americanos. Coisa assim.

Hoje em dia você tem dificuldade em lidar com o não índio?

Eu acho que não. Não tenho dificuldade não. Eu tenho conseguido viver, vivenciar né. Por que primeiro a gente vivencia pra depois passar. Você precisa sentir isso, por exemplo a gente fala muito em discriminação. Você vivenciou muito isso, então o que você faz na sala de aula. Você prepara os seus alunos para que eles não passem o que você passou.

6. você acha que existe preconceito contra os indígenas? já passou por alguma situação? me conte.

sim, existe.

7. Ha quanto tempo da aulas?, Eu fecho 25 anos em março do ano que vem. *(Ano que vem se refere a 2013)*

Todo esse tempo em Limão Verde?

Não, dei aula nas outras aldeias.

Você foi criada na aldeia?

Fui. Minha aldeia da minha família é aldeia bananal e eu fui criada na aldeia Imbirussu, no distrito de Taunay.

8. Para que série você leciona? quais disciplinas?

Leciono para o quinto ano na aldeia e terceiro ano na cidade. Leciono todas as disciplinas inclusive língua terena.

9. que tipo de material você usa em sala de aula? livros? cadernos? jogos?

10. já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

Sim, o que falta para nos aqui são dvd's alguns recursos.

11. Se sim, acha que teve um bom resultado?

sim.

12. Se não usou, por que não usou?

13. Você acha que os vídeos, as fotos, podem ajudar na sua aula? como?

Sim, o ultimo filme foi agora na semana do índio quando eu coloquei pra eles, eles já tinham assistido na televisão, o filme Tayná, como é quinto ano, eu programei exercícios para que eles pudessem assistir o filme e pudessem dar retorno tanto em sala de aula como em testes e provas, eles guardarem o que realmente aquele filme queria dizer para eles.

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

não

15. Os alunos gostam desse tipo de equipamento?

Sim, eu penso que sim, por que a comunidade, a comunidade nacional esta muito perto da gente hoje né, não tem como fugir dela mais.

como você vê essa proximidade para a sobrevivência da cultura Terena?

desde que a gente tenha em mente ou em nosso coração aquela.. acho que isso a gente nunca nem que a gente quisesse tirar isso da gente, é uma coisa que esta.. nos temos que estar preparado pra inserir, ou trabalhar com eles em harmonia, penso que também por exemplo aqui na Aldeia Limão verde estamos a 20, 18km da cidade e na verdade eles estão dentro da nossa casa, assistindo televisão, dvd, temos, acho que só falta entrar aqui o ar condicionado, temos varias tecnologias que estão dentro da nossa aldeia, é impossível a gente não inserir alguma coisa que a gente possa, possamos entender que ele vai nos auxiliar nos nossos trabalhos, auxiliar para nossos alunos, para que esses alunos tenham uma visão de que existe uma ponte de ida e vinda, para que possamos viver lá fora e viver aqui dentro.Como pode dizer, de sobressair nessa ida e vinda, tem que sobressair, sobreviver, como que fala viver mais em uma vez, viver em harmonia la fora e aqui dentro, em todos os aspectos.

16. Gostam de filmes? quais tipos você acha que eles gostam?

Gostam sim, principalmente quando diz respeito, é referente ao meio ambiente. Por que isso a gente já faz desde pequeno, cuidar do meio ambiente.

Você acha que eles se identificam?

Com certeza com as coisas que eles já sabem que tem que cuidar, ne, eles sempre tem que ter um referencial daqui da aldeia.

17.você costuma usar a internet? para que tipo de finalidade?

sim.

18. E os livros que vem para a escola? são bons?

sim.

19.O que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?

Nós enquanto terena nosso maior , o que nos almejamos mesmo e que ela tenha autonomia, sabe, autonomia para que nos possamos realizar essa tal educação escolar indígena que desde 80, acho que desde que eu comecei a dar aula já se falava isso. Quantos anos já foram, já foram 25 anos praticamente e não conseguiram fazer, por que nos não temos autonomia, mesmo por que eu acho eu creio que educação escolar indígena, ninguém fará por nós por que, mesmo por que os não índios não conseguiram fazer por que não tá na alma deles essa educação escolar indígena, por que a educação escolar indígena esta dentro da gente, esta arraigado, esta, ela é nossa mesmo, enquanto que os não índio não conseguem fazer, não por que talvez eles não queiram fazer, talvez tenham ate vontade, mas eles não vão conseguir fazer, por que eles não tem essa alma.

O que é essa alma?

Essa alma é viver o Terena, colocar na escola o sentimento terena, o sentimento indígena, coisa que nos não conseguimos fazer, por que eu vejo que as secretarias de educação de MS que eu conheço bem, eu vejo que tem, os secretários de educação, o que é bom para eles? Eles fazem o que é bom para eles, eles não fazem, eles não tem visão do que é bom para nós, por que eles não conhecem o que é bom para nós, eles não tem sentimento indígena, eles não tem alma indígena. Então quando é que nos vamos chegar a isso se nos não conseguirmos ter essa autonomia.

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças na cidade e a educação das crianças na aldeia? me de um exemplo.

Bem, nos temos um costume de que antigamente os nossos pais nos criavam, nos entendíamos só com gestos os nossos pais, por que era assim que era. E o nossos pais nos criou assim, eles sempre foram, vamos dizer assim, quando era pra solucionar algum problema, resolver algum problema eles iam primeiro tipo abrir portas, depois a gente ia já com segurança de que a resolução daquele problema a gente ia conseguir por que nossos pais já foram na frente e já conseguiram, vamos dizer assim, já pré-elaborado pra gente conseguir.

1. Professora 5

2. idade: 28 anos

3. Formação: pedagogia e especialização em gestão escolar (via internet)

4. Estudou na aldeia? estudou na cidade? fez faculdade?

primeiro concurso em 96, o primeiro diferenciado. O concurso foi diferenciado para indígena, e o ultimo que teve agora foi em 2002.

Você é concursada? Tenho dois concurso. É 96 o primeiro concurso que nos fizemos? Não foi 96? (dúvida). 96 terminei meu curso de magistério...

São dois concursos?

Isso, não, o que acontece, eu tenho pedagogia então a nossa formação e trabalhando de primeiro ao quinto ano, mas eu tenho um concurso específico para trabalhar na educação infantil.

5. Me conte um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? por que você estudou? acha que é importante?

Estudei ate quinta serie, e não continuei por que na época não tinha. Então quem quisesse continuar tinha que ir para fora. Fiz também (faculdade fora)

6. Você acha que existe preconceito contra os indígenas? já passou por alguma situação? me conte.

A sim. Principalmente vamos supor, na quinta série, quando a gente ta na fase da adolescência, naquela época era difícil. Tinha momento em que eu não queria me sentir indígena sabe, teve varias colegas minhas que foram comigo daqui e desistiram NE, so que tem aquelas questão da persistência, eu pensava assim, tenho que mostrar para eles que eu sou melhor e eu posso ser e ...sabe, esse era meu lado de estar correndo nesse meio..

7. Ha quanto tempo da aulas?

Desde 96 eu acho... Olha Naine, faz muito tempo que eu fiquei fora da sala de aula, eu assumi logo de entrada fiquei só dois anos só, sai de sala e retornei agora recentemente. Eu ate falei para a professora Arlene (*diretora*), eu fico muito preocupada por que assim, você deixa de estar presente na sala, eu falei para a Enilda (*coordenadora*) eu preciso muito contar com o apoio dela, por que não é fácil, por que você recebe uma orientação muito boa mas na pratica é diferente. Eu estava na coordenação e fiquei quase dez anos na coordenação. Verdade, e é muito tempo e eu só senti necessidade agora por que eu estava em período probatório, e você tem que estar em sala.

8. Para que série você leciona? quais disciplinas?

Para o pré (em 2012)

9. que tipo de material você usa em sala de aula? livros? cadernos? jogos?
Os livros, jogos, filmes as vezes.

10. já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

Sim, DVD nos temos a sala de DVD e então eu trouxe, por que assim para a pré escola é difícil atividade que vai prender a atenção deles, então eu trouxe musiquinha, e mais interessante para eles do que um filme por exemplo eu trouxe da Monica e eles assistiram só dois filmes; eu achei tão bonitinho que fala da preservação da água, o primeiro filme eles disseram, ah tia já cansou. E difícil prender a atenção deles. **Você já**

assistiu algum da temática indígena?

Hum não, com eles não. Sim, sim, eu já assisti daaaa....aquele que passou, da menininha... Tainá. Não tive outros, o pessoal ia passar para a gente na universidade mas não passaram mais.

11. Se sim, acha que teve um bom resultado?

Sim, sim, de uma certa forma a gente estar em contato com a questão da tecnologia eles perceberem que também existe outros espaços, fazer comparação com nossa realidade, contribui bastante.

12. Se não usou, por que não usou?

13. Você acha que os vídeos, as fotos, podem ajudar na sua aula? como?

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

DVD assim, infelizmente, a questão assim de computador eu tenho dificuldade de digitação, por que você tem que ter prática. Eu tava tentando mexer aqui, mas os colegas começaram a criticar. Chegou ate lá na escola do estado que eu que estava estragando , gente é horrível isso. A gente que é adulto já tem um certo medo, as crianças nesse momento parece que e o tempo deles, eles não tem medo, mexe, eu fico admirada de meu filho ficar mexendo, se for tocar parece que já vai estragar.

Você tem dificuldade em sala de aula?

Primeiro acho que no meu caso mesmo eu acho que preciso seguir meu trabalho mesmo, eu fiquei muito tempo afastada, eu preciso estudar mais. Peguei varias revistas da nova escola, em coisa que eu falo meu deus não vou conseguir, por que você pensa propostas muitos boas e da um medo, eu tenho muita dificuldade em trabalhar...eu vejo que eles tem facilidade, mas eu não consigo trabalhar com teatro, eu nunca trabalhei, não me sinto bem, e para eles e muito importante isso, a gente faz muita atividade de. Por exemplo, nos somos a arvore...na realidade era para a gente estar dramatizando, mas eu não consigo, por exemplo vamos fazer essa atividade aqui, a historinha...não consigo. Isso no ano passado a professora percebeu, ela disse você passa isso para seus alunos. Para a pré escola isso não e bom, eu sou muito tímida nesse sentido, os professores conseguem perceber isso, e ruim isso eu sei que preciso melhorar bastante, sabe, é, mas é questão de você, falar assim, será que não tem competência,

mas não é isso, eu tento mas não consigo. Logo que eu assumi quase que eu chorei junto com eles, logo fui percebendo meu Deus, é só se sentir criança que dá certo, se você não se sentir criança você não trabalha com eles, você fica doidinho da silva, eu fiquei dois anos com eles, aí que eu fui dizer meu Deus do céu. Eu tinha pavor de alguém tá me olhando e você vê que a educação infantil dentro da área terena você fica uns vinte dias com os pais dentro da sala, isso é normal. Os professores da Secretaria me disseram que eu não tinha obrigação de aceitar eles, só que de certa forma a gente como terena a gente difere essa questão, que eu vi uma matéria que é como se fosse luto, igual o desmame né, primeiro luto, segundo luto, pior para os pais é estar afastando dos filhos.

15. Os alunos gostam desse tipo de equipamento?
sim, sim.

16. Gostam de filmes? quais tipos você acha que eles gostam?
Eu acho que é isso, eles se identificam mais, no caso desse filme que eu trouxe ele é pouquinho, coisa rápida, pelo fato deles serem pequeninhos, qualquer coisa tira a atenção deles, então é mais musiquinha que eles gostam.

E como é a frequencia desses menores na escola? os pais mandam para escola certinho?

Não mandam não. Aqui para a escola? Para eles tanto faz. Eu sempre comento com a Enilda, que uma semana vem um grupo, na outra vem outro, fica difícil, por que vamos supor, vamos trabalhar essas letrinhas aí quando vai a outra semana não é a mesma pessoa, eu disse para a Enilda e agora, é muito difícil, é complicado, mas eles tem facilidade, mas não tem como você seguir pra frente, muitos, muitos, faltam.

Essas crianças falam no idioma Terena?

Hum, não, esse ano quem falava bastante era aquela menininha que era falante, não falava português, mas tem outra, que só em casa mesmo, a outra, a família fala muito também. Eu sei que tem algumas pessoas que eles falam que não falam, mas eu vou ver. Falante não tem mas entendem, por que os avós...

Por exemplo Jaiza, eu tenho certeza que a vó dela não fala português. Kauane, minha madrinha Iracema não deve falar em português com ela. A Geovana é sobrinha da Enilda, e na família dela só fala em terena. Por mais que responda em português eles falam terena.

17. você costuma usar a internet? para que tipo de finalidade?
Não

18. e os livros que vem para a escola? são bons?
Olha, seria interessante a gente tá, eu falei com Enilda, buscando algum outro jeito de a gente relacionar algumas atividades que da pra gente tá voltado para a questão Terena, por que não existe nenhum tipo de material exclusivo elaborado para nos, e acho que vamos ter que fazer um.

E a formação? auxilia vocês em sala de aula?

Na universidade não tem nenhum material específico...

19. o que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?

O que a gente pensa sempre foi essa a nossa discussão maior, primeiro, nossos professores indígenas, a gente tinha que estar, a questão da ementa tinha que ser planejada aqui dentro, sair de dentro para a secretaria, era eles que deviam estar avaliando e não nos aceitando o que eles estão impondo para a gente. Primeiro eles tem que ver a nossa realidade, eles falam assim, vocês vão adequar a sua realidade, mas se já vem uma coisa pronta como você vai né? Então não tem como. Isso é para todas as aldeias. Todas, todas, eles falam que vocês tem que adequar essa atividade para sua realidade, só que sempre estivermos discutindo a ideia: era partir daqui para a secretaria e não da secretaria para a gente.

e por que não é assim?

Por que na realidade você sabe como é a questão da gestão, não criticando, mas essa gestora (*período de 2012*) criticava a forma como era administrada a escola, que a escola só tinha o nome como indígena e fiquei pensando como e que ela poderia mudar isso. Infelizmente não, continua a mesma coisa, continua aceitando o que vem lá de fora. Eu não sei se a cobrança teria que ser de nos professores, ou da própria gestão ta iniciando dando essa iniciativa da gente estar dando momentos, oportunidade de estar discutindo , se unindo mais.

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças na cidade e a educação das crianças na aldeia? me de um exemplo.

Então, eu penso assim, não sei se e bom ou ruim, mas é diferente que eu vejo é querendo mais, a gente precisa de muita formação ainda, eu penso que nos temos essa vivencia em grupo é muito bom, a família, essa experiência que a gente tem, a questão da comunidade que a gente tem, esse e o lado bom de estar aqui. Imagina se meus filhos estivessem La na cidade? Ai você vê a preocupação com o movimento, com a violência. Não que Limão Verde ...mas graças a Deus essa questão de violência é muito, ate mesmo você vê a condição na sala de aula, as vezes não e necessário falar alto. É muito mais fácil trabalhar na área indígena. Por que você vê muitos professores ate brigam para vir para cá. Por que acho que nossa educação e diferente, eu não sei né, por que eles dizem que nas escolas da cidade não tem condições de trabalhar, enquanto aqui e só falar, olha pessoal, por mais que esteja fazendo bagunça, parou.

Olha, eu não sei ate a pouco, eu diria que a nossa educação foi, por que eu nasci em 74 e naquela época era bem diferente da atual, mas de uma forma assim que foi muito bom ao mesmo tempo, a questão do respeito, tinha muita brincadeira que não podia fazer, aquele dia mesmo estávamos comentando do turito, nos não podíamos fazer era brinquedo só de guri.

E hoje em dia?

Olha na verdade infelizmente parece que o pessoal deixaram de brincar um pouco dessas brincadeiras eles querem mesmo pipa, com essa ventania agora querem pipa...

1. Professor 6

2. Idade: 40 E POUCOS ANOS

3. Formação: SOU FORMADO EM PEDAGOGIA NA UCDB EM CAMPO GRANDE

4. Estudou na aldeia? Estudou na cidade? Fez faculdade?

Estudei na aldeia, e no ginásio em Aquidauana a faculdade na cidade de campo grande.

5. Conte-me um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? Por que você estudou? Acha que é importante?

Na época minha foi difícil, pois nós não tínhamos recursos tudo era difícil e hoje, só os vencedores que venceram, agora as pessoas que não tinham nenhuma compromisso com a educação, principalmente nós que na época não tinha nada aqui na aldeia limão verde nós fomos vencedores.

Foi importante estudar sim, por que a minha mãe foi uma das que nos ajudou a estudar.

6. Você acha que existe preconceito contra os indígenas? Já passou por alguma situação? Conte-me.

O preconceito pra mim, é a gente que faz, por que acho que a gente é igual, e agora principalmente que os índios estão estudando e estão inteirando do mundo do não índio. Eu nunca passei por nenhuma situação dessas, por que eu fui uma das pessoas que sempre quis colocar de igual para igual por que sempre fui esforçado.

7. Ha quanto tempo da aula?

Há mais de 26 anos.

8. Para que série você leciona? Quais disciplinas?

Eu já lecionei pra todas as matérias, tudo que foi educação eu já tive a oportunidade de estar lecionando.

9. Que tipo de material você usa em sala de aula? Livros? Cadernos? Jogos?

Todos, livros, cadernos jogos, tudo que for necessário para o aprendizado dos alunos.

10. Já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

Já levei sim

11. Se sim, acha que teve um bom resultado?

Bom resultado sim, porque depois do vídeos, a gente faz uma alta discussão sobre o tema, agente apenas não assisti, mas faz uma alta reflexão do tema e faz debates.

12. Se não usou, por que não usou?

13. Você acha que os vídeos, as fotos, podem ajudar na sua aula? Como?

A gente mostrando as fotos, não fica aquele vazio, eu acho muito importante.

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

Sim, domino sim.

15. Os alunos gostam desse tipo de equipamento?

Sim, porque é uma novidade pra eles, principalmente para os nossos alunos indígenas.

16. Gostam de filmes? Quais tipos você acha que eles gostam?

Sim gostam, por que depois fazemos uma alta reflexao e fzem um relatorio sobre o filme. Na minha sala normalmente, eles gostam mais de filmes de ação e aventuras.

17. Você costuma usar a internet? Para que tipo de finalidade?

18. E os livros que vem para a escola? São bons?

NÃO, NÃO, NA MINHA OPINIÃO NÃO, POR QUE NÃO É A REALIDADE DE NOSSAS ALDEIAS,

19. O que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?

Tudo, recursos principalmente, melhorias no material didático principalmente.

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças na cidade e a educação das crianças na aldeia? Me de um exemplo.

Na minha opinião não, cada professor deve levar a sua sala de acordo com a realidade de cada turma, e cada professor planeja sua aula de acordo com a realidade, eu trabalhei com os não-indígenas também, então isso na minha opinião, não há diferença.

21. O que diferencia o Terena do branco? o que te diferencia do branco?

O que diferencia, é a feição, o modo de falar. O que me diferencia do branco, é só a nacionalidade em outras questões, acho q não, nada.

1. Professor 7

2. Idade: 24

3. Formação: magistério, curso normal médio indígena povos do pantanal.

4. Estudou na aldeia? Estudou na cidade? Fez faculdade?

Sim estudei na aldeia, não estudei na cidade, vou começar a fazer faculdade agora a partir de julho deste ano de 2013, pedagogia pela faculdade de anhanguera a distancia.

5. Conte-me um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? Por que você estudou? Acha que é importante?

Sim, no tempo que nós começamos foi difícil no começo, antes não era como hoje, hoje em dia já tem conduções, por exemplo assim, ônibus para os alunos, e antigamente, foi muito corrido pra nós, ainda mais pras pessoas que moram muito longe e as vezes pra vir tinham de sair um pouco mais cedo de casa, aí então era difícil não só pra mim mas também para os alunos que juntamente comigo estudou naquela época, e é isso. Estudar é importante na vida, por que hoje em dia é muito cobrado em nível de emprego, por causa quando a gente procura um emprego a primeira coisa que perguntam, é se a gente tem o ensino médio completo.

6. Você acha que existe preconceito contra os indígenas? Já passou por alguma situação? Conte-me.

Sim hoje existe sim, hoje e dia nos vimos na televisão o que acontece sobre a retomada e a maioria da mídia fala mal dos povos indígenas, sendo que a gente esta buscando que é nosso, a mídia já leva por trás e conta outro fato. Nunca sofri preconceito mas futuramente isso possa vir a ocorrer né? Até porque nas universidades estavam acontecendo isso, por que os que são indígenas, hoje tem medo de se declarar índio, e acho que isso é errado, a pessoa tem que assumir que é índio, independente da localidade que estiver.

7. Ha quanto tempo da aula?

Esse ano de 2013 vai ser o primeiro ano que estou dando aula.

8. Para que série você leciona? Quais disciplinas?

Trabalho com segundo ao quinto ano do ensino fundamental com arte e cultura terena

9. Que tipo de material você usa em sala de aula? Livros? Cadernos? Jogos?

Procuro trabalhar mais com os livros, por exemplo, os daqui mesmo feita na aldeia, por exemplo, nós temos livros que fizemos no curso de magistério pelo povos do pantanal que a gente fez e se chama etno matemático que através das pesquisas dos anciões, a gente elaborou esse livro e que esta sendo muito importante pra trabalhar aqui na sala de aula. Perguntei se há esse material na biblioteca da escola? Resposta – sim, veio uma caixa de papelão de livros pra escola e pra todas as escolas indígenas de mato grosso do sul

10. Já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

R – sim já levei, pra aldeia córrego seco onde leciono trabalhei com esses vídeos.

11. Se sim, acha que teve um bom resultado?

Sim, porque os alunos gostaram desse material

12. Se não usou, por que não usou?

Sorriu, pensou, não tive oportunidade ainda de usar esse material.

13. Você acha que os vídeos, as fotos, podem ajudar na sua aula? Como?

Sim, por que hoje em dia a gente tem de diversificar na aula, não é só ficar na sala de aula com livros e livros com os alunos, devemos trazer coisas que é daqui da comunidade.

Perguntei como você acha que ajuda? por exemplo assim, tipo, na hora de pegar um conteúdo que é lá da emenda, mas tipo assim, trazer em outro cotidiano, que tem tudo haver na sala de aula a realidade da nossa comunidade.

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

Não tenho nenhum domínio, mas pretendo trabalhar com isso.

15. Os alunos gostam desse tipo de equipamento?

Eles cobram sempre o uso de filmes, eu nunca trabalhei, mas pretendo trabalhar com data show.

16. Gostam de filmes? Quais tipos você acha que eles gostam?

R – sim, filmes de desenhos, que falam todo conteúdo proposto pra aquela aula.

17. Você costuma usar a internet? Para que tipo de finalidade?

R – mais pra pesquisa na hora de uso de uma palavra que não conhecemos

18. E os livros que vem para a escola? São bons?

Sim, são, mas na maneira que falei aquela hora, mais pra pesquisas, mas deveria elaborar livros mais da comunidade. Tipo uma metodologia aqui própria da aldeia.

19. O que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?

Hoje em dia tem muitas coisas que aqui tem de melhor né? Tipo assim, a merenda escolar que tem muita coisa ai errada, as merendas, a questão também dos próprios professores, que aqui hoje em dia, tem muitos professores formados na aldeia e que não estão na sala de aula e deveríamos dar prioridade só pra aqueles professores que são aqui da aldeia

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças na cidade e a educação das crianças na aldeia? Me de um exemplo.

É, é totalmente diferente né? Por exemplo, lá na cidade é outro cotidiano, é outra maneira de se viver né. E aqui, já é próprio aqui da comunidade, a gente que vive aqui, a gente sabe a realidade da própria aldeia né, e a gente procura passar o que sabemos para nossos alunos.

21. O que diferencia o terena do branco? O que te diferencia do branco?

O terena é lutador né, ele enfrenta a questão de frente, igual estamos vendo ai na retomada, o terena não abaixa cabeça, a gente tem que sempre buscar o que é nosso, independente que se tiver os brancos na frente ai, temos de mostrar a cara né. O que me diferencia do branco é a questão de pensar, e a questão de julgar as pessoas, a questão do respeito de uns para os outros, respeitando assim os limites de cada cidadão da nossa comunidade né.

1. Professora 8

2. Idade: 40

3. Formação: ensino superior incompleto.

4. Estudou na aldeia? Estudou na cidade? Fez faculdade?

Sim estudei na aldeia, sim estudei na cidade, superior incompleto na pedagogia.

5. Conte-me um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? Por que você estudou? Acha que é importante?

Sim, é muito importante, e pretendo terminar a faculdade.

6. Você acha que existe preconceito contra os indígenas? Já passou por alguma situação? Conte-me.

Sim existe e eu já passei por isso. Na sala de aula uma menina virou e falou assim – só podia ser índio, eu olhei e falei por que? Ela respondeu, porque vocês são muito quietos, não conversam. E aí na hora de fazer trabalhos, se separaram de nós, por que tinham medo que nós não daríamos nossas opiniões do trabalho.

7. Há quanto tempo da aula?

12 anos

8. Para que série você leciona? Quais disciplinas?

2º ano, português, matemática, ciências e história, sou professora regente.

9. Que tipo de material você usa em sala de aula? Livros? Cadernos? Jogos?

Jornais, caixas de papelões e outros.

10. Já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

Já.

11. Se sim, acha que teve um bom resultado?

Sim

12. Se não usou, por que não usou?

13. Você acha que os vídeos, as fotos, podem ajudar na sua aula? Como?

Eu acho que sim, como na reprodução de texto, você pede pra criança reproduzir o texto e até fazem de uma forma diferente

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

Não

15. Os alunos gostam desse tipo de equipamento?

Gostam

16. Gostam de filmes? Quais tipos você acha que eles gostam?

Sim, eles gostam mais de filmes de terror, mas nós não passamos isso pra eles.

17. Você costuma usar a internet? Para que tipo de finalidade?

Não.

18. E os livros que vem para a escola? São bons?

Razoável.

19. O que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?

Melhorar o material didático, de acordo com a realidade da aldeia

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças na cidade e a educação das crianças na aldeia? Me de um exemplo.

Sim, seria mesmo o material didático que é diferente.

21. O que diferencia o terena do branco? O que te diferencia do branco?

A língua, o modo de agir. Muitas coisas, seria o modo de agir, essas coisas, o modo de agir mesmo, o modo de vida, não deveria ser assim, mas é.

1. Professora 9

2. Idade: 27 anos

3. Formação: letras e espanhol

4. Estudou na aldeia? Estudou na cidade? Fez faculdade?

Estudei na aldeia nas series iniciais, na cidade o fundamental e o médio e a faculdade.

5. Conte-me um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? Por que você estudou? Acha que é importante?

Foi, foi difícil porque muitas das vezes a gente sofria preconceito e não tinha pra que recorrer, bem dizer a gente tinha que passar tudo aquilo sozinha né, mas superar aquilo que a gente estava vivendo no momento. Com certeza é importante estudar, porque a gente amplia nossos conhecimentos em várias sentidos né, a gente melhora a cada dia mais nosso conhecimentos, estudar pra não foi apenas pra superar tudo aquilo que minha mãe e meu pai havia sofrido e que não tiveram a oportunidade de estudar, então eles fizeram de tudo para que eu pudesse estudar, terminar o ensino médio e fazer a faculdade depois.

6. Você acha que existe preconceito contra os indígenas? Já passou por alguma situação? Conte-me.

Já, várias, por que quando a gente esta fora do convívio com os índios a gente sofre muito isso, por que muitas das vezes chamam a gente de incapaz, chamando a gente de burro, praticamente nos chamam de ignorantes, por que não sabem da maneira que a gente vive e de onde que a gente vive pra gente chegar e conquistar nosso espaço.

7. Ha quanto tempo da aula?

04 anos

8. Para que série você leciona? Quais disciplinas?

No ensino médio e series iniciais, as disciplinas de PLPT e PCLE, no ensino médio é literatura e espanhol.

9. Que tipo de material você usa em sala de aula? Livros? Cadernos? Jogos?

Livros, cadernos, jogos, filmes, hoje mesmo eu trouxe filmes das questões indígenas, pois desde cedo eles tem de aprender a compreender as questões indígenas para já começar a lutar pelos seus direitos.

10. Já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

Já.

11. Se sim, acha que teve um bom resultado?

Pouco, por que eles não compreendem o que é ser índio o que é buscar seu espaço dentro de seu próprio território, o que é construir isso.

12. Se não usou, por que não usou?

13. Você acha que os vídeos, as fotos, podem ajudar na sua aula? Como?

Com certeza, como das muitas vezes eu levo pra sala, as causas voltadas para a questão indígena, na semana passada trabalhei com o 4º ano a questão da água voltada para o meio ambiente, os nossos rios, tanto que eu trouxe aqui pra eles o vídeo sobre o rio São Francisco, pra eles verem que não é só aqui que está acontecendo essa degradação do leito do rio, então está no modo geral e se a gente cuidar aqui conscientizar isso, acho que vai melhorar muito, trabalhando a questão indígena, o meio ambiente e a comunidade em si.

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

Sim, por que na faculdade praticamente eu fui obrigada a aprender, tanto é que no primeiro dia de aula o professor falava pra mim, e eu estava com medo de mexer, o professor falou pra mim, esse aparelho não vai te comer, é você que tem de engolir ele.

15. Os alunos gostam desse tipo de equipamento?

Sim, bastante, eles até incentivam a gente a procurar assuntos voltados a questão.

16. Gostam de filmes? Quais tipos você acha que eles gostam?

Sim,

17. Você costuma usar a internet? Para que tipo de finalidade?

R eu costumo usar a internet para pesquisas, manter contato pessoal e principalmente buscar material para os alunos, por que o livro didático trás bastante coisa, mas não trás assuntos voltados para as questões indígenas.

18. E os livros que vem para a escola? São bons?

Os livros didáticos q vieram esse ano está sendo bom, só que no caso assim, a gente tem que se adaptar né, no nosso cotidiano, não aceitar tudo que é imposto pra nós o que está no livro.

19. O que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?

Muitas coisas, por que muitos dos professores não sabem o que é realmente ter uma escola diferenciada, ter um currículo diferenciado, saber administrar isso para os alunos, abrir os horizontes, por que os alunos hoje, a gente não prepara eles apenas para uma cultura, a gente prepara eles pra transitar tanto na cultura indígena com os do não indígena. E nossos indígenas aqui, tem de sair preparados pra tudo já, quando saírem pra fora, tanto pra trabalhar como permanecer lá fora, e muito dos professores não criam isso no aluno, por que o primeiro obstáculos que eles tem, eles tem a intenção de desistir já, por que eles não são preparados para os preconceitos que virão, as lutas que eles terão ainda, creio eu que isso falta ainda, por que isso depende de cada professor criar isso nos alunos, essa opinião, ser crítico, não aceitar tudo que é imposto, isso desde pequenino tem de formar na cabeça das crianças, dos alunos principalmente para que futuramente eles possam se defender.

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças na cidade e a educação das crianças na aldeia? Me de um exemplo.

Assim né, no convívio tanto com a comunidade indígena e não indígena é totalmente diferente, por que os indígenas tem o convívio diferente e o pessoal da cidade tem outras metodologias aplicadas lá, e que a gente aqui não pode aplicar dentro de nossas escolas por termos essa cultura diferenciadas. A gente tem de lutar realmente para nos mantermos aqui e pra mantermos aqui a gente tem de estar focado na cultura, na cultura indígena.

21. O que diferencia o Terena do branco? O que te diferencia do branco?

A língua e a gente percebe aqui que isso não esta se preparando,mas ai que esta o papel do professor, de manter essa língua. O que diferencia é cultura, as tradições, por que o indígenas fazem aqui na escola, lá eles não fazem igual, ou fazem mas não fazem da mesma forma que os alunos daqui reproduz, por exemplo a dança que eles fazem, e lá já não é a mesma coisa, se eles tentarem fazer ou reproduzir, eles não vão fazer com a mesma intensidade que os daqui a identidade né. Apesar de eu não ser terena, mas o que me diferencia é a cultura, os traços indígenas até mesmo na pronuncia, na fala, por que dizem que quando você abre boca, você já esta dando a sua identidade o seu CPF, por causa da pronuncia.

1. Professora 10

2. Idade: 40

3. Formação: Pedagogia

4. Estudou na aldeia? Estudou na cidade? Fez faculdade?

Sim estudei na aldeia, na cidade e fiz faculdade de pedagogia.

5. Conte-me um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? Por que você estudou? Acha que é importante?

Sim, foi difícil devido o acesso a cidade, estudei pra poder ter uma melhor condição de vida, é importante estudar sim.

6. Você acha que existe preconceito contra os indígenas? Já passou por alguma situação? Conte-me.

8. Para que série você leciona? Quais disciplinas?

1º ao 5º, PCLPT e educação física, do 6º ao 9º arte e cultura terena e eja educação física.

9. Que tipo de material você usa em sala de aula? Livros? Cadernos? Jogos?

As vezes a gente precisa usar livros, né?, mas a maioria eu trago anotado no caderno e na aula de educação física só jogos.

10. Já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

Não, nunca levei. Ainda não.

11. Se sim, acha que teve um bom resultado?

Eu não tive essa experiência não, mas deve ser bom né?

12. Se não usou, por que não usou?

Sorriu, pensou, não tive oportunidade ainda de usar esse material.

13. Você acha que os vídeos, as fotos, podem ajudar na sua aula? Como?

Há, deve dar né? Mais informação para os alunos.

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

Não tenho nenhum domínio.

15. Os alunos gostam desse tipo de equipamento?

Não sei responder

16. Gostam de filmes? Quais tipos você acha que eles gostam?

Não sei dizer.

17. Você costuma usar a internet? Para que tipo de finalidade?

Só pra uso particular

18. E os livros que vem para a escola? São bons?

Sim

19. O que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?

Tem muitas coisas do branco, tinha d ser muito mais voltado para a nossa realidade.

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças na cidade e a educação das crianças na aldeia? Me de um exemplo.

Não vejo a diferença, pois não vivi a experiência em dar aulas na cidade.

21. O que diferencia o terena do branco? O que te diferencia do branco?

O modo de viver é diferente, tem o modo de viver do branco e tem o modo de viver do índio.

1. Professora 11

2. Idade: 46 anos.

3. Formação: magistério

4. Estudou na aldeia? Estudou na cidade? Fez faculdade?

Sim estudei na aldeia, sim estudei na cidade, e estou fazendo agora faculdade de pedagogia. e ainda não terminei. Fiz só magistério e foi em 99 que terminei em campo grande. estou parada agora, mas pretendo terminar pedagogia mesmo.

5. Conte-me um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? Por que você estudou? Acha que é importante?

Foi, foi muito difícil. é importante pra nós, pra ir pra frente seguir o desenvolvimento, as nossas crianças aqui, pra ir pra frente né. e nós temos que estudar.

6. Você acha que existe preconceito contra os indígenas? Já passou por alguma situação? Conte-me.

Na cidade tem né, tem pessoas brancos que não gostam de índios, não quer que índio vai pra frente, mas nós temos que enfrentar tudo isso. Eu nunca passei, eu nunca passei já estudei na cidade e nunca passei.

7. Há quanto tempo dá aula?

Estou fazendo dez anos agora que dou aula, comecei em 2003.

8. Para que série você leciona? Quais disciplinas?

Primeiro eu lecionei no pré, primeiro e segundo ano, ano este ano voltei pro pré ii.

9. Que tipo de material você usa em sala de aula? Livros? Cadernos? Jogos?

A gente inventa né, EVA, os desenhos as pinturas, toda essas coisas né. Cadernos joguinhos de letreirinha, tudo isso, o que nós temos né.

10. Já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

Não nunca, só através de desenhos e histórias né, historinhas.

12. Se não usou, por que não usou?

Por que não tenho, e aqui tá na escola também.

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

Mais ou menos assim eu sei, ter domínio mesmo, não tenho e nem sei mexer na internet.

17. Você costuma usar a internet? Para que tipo de finalidade?

Internet, pouco, algumas vezes entro pra tirar as historinhas, os desenhos que é nosso material, do conteúdo.

18. E os livros que vem para a escola? São bons?

Há, um pouco né? Por que nós temos de ver a nossa realidade.

19. O que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?
Há muitas coisas né, principalmente os livros, a gente tem que fazer a nossa atualidade de como que a gente vive aqui e nós temos que colocar no conteúdo.

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças na cidade e a educação das crianças na aldeia? Me de um exemplo.

É diferente né? Por exemplo aqui, é diferente das outras pessoal que a gente ve na cidade, o nosso convívio é diferente deles.

21. O que diferencia o Terena do branco? O que te diferencia do branco?
A língua né? Eu também a língua, o nosso idioma.

1. Professor 12

2. Idade: 45

3. Formação: Pedagogia

4. Estudou na aldeia? Estudou na cidade? Fez faculdade?

Não estudei na aldeia, sim, na cidade e fiz faculdade de pedagogia.

5. Conte-me um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? Por que você estudou? Acha que é importante?

Sim, foi difícil estudar. Estudei porque achei importante pra comunidade. O difícil que me refiro, foi o transporte na época, a alimentação

6. Você acha que existe preconceito contra os indígenas? Já passou por alguma situação? Conte-me.

Muito. Porém eu nunca passei por uma situação de preconceito e não tenho nenhum exemplo disso.

7. Há quanto tempo da aula?

Uns dez anos ou mais, desde que me formei no magistério eu comecei a dar aulas.

8. Para que série você leciona? Quais disciplinas?

5ºb, e sou professor regente, todas as disciplinas menos educação física.

9. Que tipo de material você usa em sala de aula? Livros? Cadernos? Jogos?

Uso todos.

10. Já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

já.

11. Se sim, acha que teve um bom resultado?

Sim

12. Se não usou, por que não usou?

13. Você acha que os vídeos, as fotos, podem ajudar na sua aula? Como?

Sim, Na Aprendizagem Do Aluno

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

Sim.

15. Os alunos gostam desse tipo de equipamento?

Gostam

16. Gostam de filmes? Quais tipos você acha que eles gostam?

Sim, de aventuras.

17. Você costuma usar a internet? Para que tipo de finalidade?
De vez em quando para fazer pesquisas.

18. E os livros que vem para a escola? São bons?
Não são, por não é diferenciado pra comunidade indígena.

19. O que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?
Já fala né? Tem lei que já fala assim, educação escolar indígena. Não esta esse movimento de principal foco, escolar indígena, pois esta sem importância, por que só esta no papel né, e tem de sair do papel. A lei no papel é bonito, mas tem de sair.

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças na cidade e a educação das crianças na aldeia? Me de um exemplo.
Sim, há diferença. Que nós indígenas, tem que trabalhar a nossa cultura e nossos costumes indígenas. Agora os brancos, é diferente.

21. O que diferencia o Terena do branco? o que te diferencia do branco?
A identidade, o costume, as tradições, isso que diferencia o terena dos brancos. O que me diferencia do branco, é que sou indígena, professor indígena, o branco trabalha diferente, o indígena trabalha diferente do branco.

1. Professor :13

2. Idade: 38 e resido aqui na aldeia Limão Verde

3. Formação: Pedagogia

4. Estudou na aldeia? Estudou na cidade? Fez faculdade?

Sim estudei na aldeia, sim estudei na cidade, fiz faculdade de pedagogia.

5. Conte-me um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? Por que você estudou? Acha que é importante?

Bom, no começo foi muito difícil, por que aqui só tinha até a oitava série, daí o ensino médio, tive de fazer na cidade. É muito importante os estudos.

6. Você acha que existe preconceito contra os indígenas? já passou por alguma situação? Conte-me.

Sim existe e eu já passei por isso.

7. Há quanto tempo da aula?

8. Para que série você leciona? Quais disciplinas?

**

9. Que tipo de material você usa em sala de aula? Livros? Cadernos? Jogos?

10. Já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

11. Se sim, acha que teve um bom resultado?

12. Se não usou, por que não usou?

**

13. Você acha que os vídeos, as fotos, podem ajudar na sua aula? Como?

**

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

**

15. Os alunos gostam desse tipo de equipamento?

**

16. Gostam de filmes? Quais tipos você acha que eles gostam?

**

17. Você costuma usar a internet? Para que tipo de finalidade?

Com os alunos não, mas eu sim. Uso sim, para facilitar as minhas aulas.

18. E os livros que vem para a escola? São bons?

São.

19. O que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?

Eu acho que para melhorar a gente tinha que fazer um planejamento voltado para nossa comunidade.

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças na cidade e a educação das crianças na aldeia? Me de um exemplo.

Eu nunca dei aulas para as crianças da cidade, mas eu acho que tem sim. Exemplo aqui é bilíngue, lá não é, eu dou aulas de língua terena e também matemática, português, geografia, essas coisas.

21. O que diferencia o Terena do branco? o que te diferencia do branco?

A língua. O que me diferencia do branco é a língua também, o modo de vida os costumes.

1. Professora 14

2. Idade: 34 anos

3. Formação: Pedagogia

4. Estudou na aldeia? Estudou na cidade? Fez faculdade?

Estudei até oitava série na época, fiz magistério em campo grande depois a faculdade. UFMS, Aquidauana.

5. Conte-me um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? Por que você estudou? Acha que é importante?

Vou contar uma história. na época era difícil né, quando eu comecei até oitava série tranquilo, meus tios que me ajudavam. terminou a oitava tranquilo. quando eu fui fazer o magistério a gente tinha que ir pra cidade, acordava 4 horas da manhã ir no ônibus da feira estuda em Aquidauana e eu não consegui, desisti. tentei dois anos e desisti. Ai surgiu a oportunidade de trabalhar e estudar em campo grande e aí fiz o magistério. Então perdi dois anos tentando estudar em Aquidauana e não consegui. e a gente as vezes ia, não tinha dinheiro para o almoço né? as vezes fazia lanche, as feirantes ajudavam a gente, mas eu não consegui ir até o final. Bom, primeiro motivo que eu queria muito ser professora desde pequena, era minha vocação. foi muito difícil mas eu consegui. Sim, é importantíssimo.

6. Você acha que existe preconceito contra os indígenas? já passou por alguma situação? Conte-me.

existe. assim, primeiro na faculdade, o primeiro ano da faculdade, no primeiro dia, ninguém conhece ninguém. Então pela aparência a pessoa vê, já julga né, então todo mundo foi tratado de uma maneira igual, só que no momento que eu disse que sou indígena, eu senti sim, que algumas pessoas se retiraram não quis falar comigo, pelo fato de eu dizer que sou indígena.

7. Há quanto tempo da aula?

vai fazer nove anos. eu comecei em 2004.

8. Para que série você leciona? Quais disciplinas?

atualmente eu leciono no primeiro ano, língua portuguesa, matemática, história, geografia, ciências e educação física.

9. Que tipo de material você usa em sala de aula? Livros? Cadernos? Jogos?

Eu uso livros, mas agora eu estou trabalhando com jogos mesmo, para as crianças pegarem e, assim bastante, letrinhas. dominó, quebra cabeça, alfabeto móvel, agora números moveis, trabalhar com bingo, o nome deles, produção de texto, tudo dentro dos jogos. O alfabeto móvel são as letras do alfabeto separadinhas. ou a gente confecciona ou tem que comprar.

10. Já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

Sim por exemplo. se eu for passar.... eu uso assim vídeo bastante nas aulas de ciência por que a gente trabalha bastante com a natureza e higiene. aí eu trabalho com filmes. e na área de educação física também eu trabalho com o respeito, a amizade, com as crianças. Sim, com certeza antes de passar o filme primeiro comenta por que vai assistir e após o filme vai perguntar o que assistiram, o que aprenderam. E outra, trabalhar com título do filme, personagem, quem participou do filme é importante, é interessante trabalhar com isso.

12. Se não usou, por que não usou?

13. Você acha que os vídeos, as fotos, podem ajudar na sua aula? Como?

o vídeo, assim, é um trabalho assim, que é bem divertido, não e cansativo para eles. pra primeiro ano, você tem que escolher um filme que não é cansativo, que não é extenso. Tem que escolher um filme que tem quarenta minutos, uma hora, no máximo, depois fica cansativo e não consegue segurar a atenção das crianças.

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

bom datashow eu ainda nao usei, aparelho. de som com a ajuda das colegas eu uso. Olha tem na escola (datashow) mas eu acho que ainda não usei, por que...é...

15. Os alunos gostam desse tipo de equipamento?

a televisão eles gostam, eles amam, quando e eu falo que vai ser aula de vídeo eles ficam perguntando. falam que querem trazer filmes deles, mas aí eu primeiro tenho que assistir o filme antes de passar para eles ne.

16. Gostam de filmes? Quais tipos você acha que eles gostam?

sim.

17. Você costuma usar a internet? Para que tipo de finalidade?

Agora eu to usando bastante, por que eu faço parte do programa, pacto da alfabetização na idade certa então eu estou usando bastante. Assistindo bastante vídeos, atividades que eles estão apresentando para nós, é muito bom.

18. E os livros que vem para a escola? São bons?

são. eu to aproveitando digamos 70% por que eu não estou usando muito livro ainda.

19. O que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?

Bom, tem muita coisa ainda ne, mas a gente fala que é diferenciado né, mas tem muito que mudar, os costumes, como trabalhar em sala de aula, por que a gente esta trabalhando em sala de aula no jeito dos brancos né, então eu acho que o primeiro momento é mudar isso, a nossa metodologia, como trabalhar. por que a gente ta na aldeia e tem muita coisa rica para trabalhar, por exemplo a gente vai trabalhar com, sobre a natureza, apresentar livro, vídeo, e uma coisa diferente para sair, a escola da apoio para isso, a gerencia principalmente.

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças Na cidade e a educação das crianças na aldeia? Me de um exemplo.

assim, os conteúdos não modifica muito, a ementa é tudo igual, o comportamento é bem diferente, por que a ementa da escola na cidade é a mesma, os mesmos conteúdos, não tem nada diferente. o comportamento é diferente. O aluno índio é diferente do aluno que não é índio.

21. O que diferencia o Terena do branco? o que te diferencia do branco?

Nós somos bem, como posso dizer, as pessoas que acolhem assim? é? a gente tem muita paciência, uma coisa que destaca bem no indígena é o companheirismo. você vê aqui as meninas, elas vieram juntas, estão juntas, não se separam. eu senti muito isso na faculdade. Eu era a única indígena na faculdade, eu não tinha amigas para ficar juntas, para dividir, depois do segundo ano que eu fui ter amigas, ate pelo fato de a gente ser muito tímida a gente não consegue se expressar, as vezes a gente quer falar e não consegue. entendeu?

1. Professora 15

2. Idade: 26

3. Formação: Magistério

4. Estudou na aldeia? Estudou na cidade? Fez faculdade?

Licenciatura indígena na cidade. Só a faculdade está fazendo, series iniciais ate ensino médio iniciou na aldeia. Prolind.

5. Conte-me um pouco sobre sua vida escolar. Foi difícil estudar? Por que você estudou? Acha que é importante?

É muito difícil quando a gente passa para estudar o ensino médio, que os professores não-indígenas e temos essa grande dificuldade, por que os professores não-indígenas não consegue acompanhar o aluno indígena desde criança peguei professores indígenas e quando a gente ta dentro da nossa comunidade professor indígena já conhece nossa realidade diferente que professores não-indígenas.

É muito importante né, essa pergunta, eu coloquei a mim quando entrei já no sexto sétimo ano comecei a pensar por que a gente estuda.? por que tem que estudar? por que no inicio os pais da gente que leva a gente na escola né? por que a gente vai e vai aprendendo a estar na escola, todo ano ta na escola, só que quando a gente vai crescendo mais a gente pergunta, por que tem que estudar, aí a gente começa a pensar, puxa, se eu não estudar o que vou fazer? e com o estudo a gente busca novos conhecimentos, começa a trabalhar, e não trabalhar somente para ganhar dinheiro, isso que todos querem ver, estudo só pra ganhar dinheiro, mas o meu pensamento que eu quero é trabalhar para minha própria comunidade, aprender, o que eu sei, o que eu aprendi até aqui, o que vou aprender, eu quero repassar para a minha comunidade, e isso a gente tem que começar com os pequeninhos.

6. Você acha que existe preconceito contra os indígenas? já passou por alguma situação? Conte-me.

Sim. Muitas vezes os professores principalmente os não-indígenas quando a gente chega no ensino médio por exemplo, no ensino médio que a gente encontra o tal de seminário né, muitas vezes eles colocam isso para o indígena como se o indígena não consegue fazer o seminário né? apresentar esse trabalho por causa que o professor não indígena querem ver o indígena quando chegar nessa parte, lá embaixo, por que pensa que nós não estudamos, mas, conseguimos sim, não só por que somos indígenas, nós vamos conseguir , como que nos vamos conseguir ., nos somos pessoas né, temos consciência.

7. Ha quanto tempo da aula?

R – 4 anos.

8. Para que série você leciona? Quais disciplinas?

R – pré-escolar 1 e 2. aula integrada, trabalho com projeto. Sou neoti, vioponuti kixukuito terenoe: resgate a cultura Terena.

9. Que tipo de material você usa em sala de aula? Livros? Cadernos? Jogos?

materiais didáticos isso nós não temos, nos como professores nos estamos tentando confeccionar, por que nos temos que inovar nossa confecção.

10. Já levou vídeos, filmes ou algo assim para a aula?

sim.

11. Se sim, acha que teve um bom resultado?

Tem tido um bom resultado.

12. Se não usou, por que não usou?

13. Você acha que os vídeos, as fotos, podem ajudar na sua aula? Como?

e muito, por causa que através das fotografias, principalmente com os pequeninhos, nós não podemos estar assim, saindo numa distancia tão longe, devido muitas coisas né, por exemplo, aqui na nossa aldeia temos muito cerrado, muitas pedras altas, onde temos que passar quando a gente sai pra fazer uma fotografia, em relação a fotografia é bom que o próprio professor, registra e leva para os alunos a fotografia, e através da fotografia os alunos poderá perceber esse local, esse tema que nós estamos pesquisando.

14. Você domina o uso dos vídeos, datashow, aparelho de som?

sim.

15. Os alunos gostam desse tipo de equipamento?

gostam, filmes então em relação voltada a nossa cultura eles gostam e querem aprender também, não querem deixar, querem crescer vivendo nessa cultura, a cultura onde somos, queremos estar guardando conosco.

16. Gostam de filmes? Quais tipos você acha que eles gostam?

os vídeos que eles mais gostam de assistir é isso mesmo, de aventura, o que nos temos, não só nosso mas de outras etnias por que nos devemos saber, conhecer como os outros nossos patrícios vivem, por que também são indígenas assim como a gente, o que diferencia é assim a cultura mesmo.

17. Você costuma usar a internet? Para que tipo de finalidade?

para pesquisar, tem , por que as crianças agora, elas já ate ensina o professor já, muitas vezes faz uma pergunta e a gente muita vez não sabe responder, então a gente vai pesquisar e tentar responder a pergunta deles.

18. E os livros que vem para a escola? São bons?

não. alguns sim, mas ela não é, é totalmente diferente do que nós esperamos assim, por que o livro didático ela vem especifico para os não-indígenas, então nessa parte já fica um pouco complicado para nos entendermos melhor, vou dizer assim, por que poderíamos ter um livro com o mesmo materiais, mas trazendo na tradução da língua Terena né?

19. O que você acha que precisa melhorar na educação escolar indígena?

a educação escolar indígena na nossa escola, ela está bem dizer, não está bem assim adequado a nossa educação, a educação que nos queremos por que a educação escolar indígena nos devemos estudar por exemplo o que na nossa aldeia, nos temos, podemos fazer a educação interdisciplinar, por que nos já aprendemos a nossa cultura, a geografia, a matemática, enfim, outros.

20. Você acha que existe diferença entre a educação que se dá para as crianças na cidade e a educação das crianças na aldeia? Me de um exemplo.

sim, a nossa cultura em primeiro lugar, isso nos não podemos deixar de lado e esquecer por que é nossa vivencia, ensinar as crianças a repassar elas, a nossa vivencia, como vivemos dentro da nossa aldeia, nas histórias contadas pelo nosso vovô para nosso pai, o nosso pai nos ensina, e e assim a gente vai repassando né, para os que vem, na cidade totalmente, a vida lá fora é diferente, isso podemos ver, a realidade do branco e a realidade dos indígenas.

21. O que diferencia o Terena do branco? o que te diferencia do branco?

O branco tem a sua cultura bem dizer, não é nem do português é uma cultura estrangeira, do branco não, a indígena é muito familiar, o branco são vou dizer independente, nos indígenas dependemos do nosso próximo e tudo que são resolvida, tudo que são questionada, é passada como se fosse uma reunião na família aí a gente tira um resultado.

Nós produzimos artesanato, nós vivemos pela agricultura temos nossas plantações aí, isso nos diferencia dos brancos, por exemplo, os alimentos vem direto da fabrica. Nos indígenas não, nós plantamos, colhemos, produzimos, se alimentamos da próprio trabalho que a gente vem fazendo. A nossa língua, a língua Terena, o branco fala o português e nos falamos a nossa língua terena.

Tabela 1: Dados Gerais da Escola indígena de Limão Verde

Fonte: Relatório Funai Regional MS - 1971

Ano	Mantenedora	Infraestrutura	Aluno	Material didático	Documento utilizado	Merenda	Informações complementares
1971		2 salas de aula feitas de alvenaria.	135	***	***	***	Ampliação e melhoria do prédio escolar existente, instalações sanitárias, local de preparo e distribuição merenda escolar, residência para o professor e poço com bomba. Ampliação do número de projetos de formação de monitores de 4 para 10 no ano de 1978 e posteriormente para 16 no ano de 1979; reconhecer cursos profissionalizantes em nível de primeiro grau; ampliar os cursos de monitores, de modo a permitir aos monitores formados a oportunidade de continuidade escolar em nível de segundo grau; Formação de monitores bilíngues com o intuito de treinar o indígena para exercer a função de monitor bilíngue de educação junto as suas próprias comunidades; capacitar pessoal docente previamente selecionado para atuar junto às comunidades, estudar e propor metodologia e técnica de ensino e materiais adequados à educação indígena; Propiciar ao futuro educador conhecimento básico em antropologia e indigenismo visando sua melhor atuação e fixação nas áreas indígenas

Tabela 2: Dados Gerais da Escola indígena de Limão Verde

Fonte: Osmar Coelho, chefe do Posto Indígena Limão Verde - Delegado da Funai de Aquidauana, em 16-12-1985

Ano	Mantenedora	Infra estrutura	Aluno	Material didático	Documento Utilizado	Merenda	Informações complementares
1985	Funai - Prefeitura	Alvenaria – cobertura de eternit - 3 salas de aula – água encanada	Capacidade para atender 25 alunos. Somente alunos indígenas. Aproximadamente 50 crianças não atendidas. É o propósito das lideranças indígenas que as crianças em idade escolar para o ano 1986 participem ativamente na escola.	Fornecidos pela Prefeitura	Currículo, diário de classe, ficha individual de rendimento e frequência, livro de matrícula.	Além do fornecido, utiliza-se a mandioca. A merenda é atrativa, aumenta a frequência.	Estado de conservação: precário, necessário ampliação ou nova construção, reforma do banheiro, aquisição de armários, mesas, cadeiras, mimeografo, quadro negro vidro para vitrôs; Reciclagem: treinamento pessoal importante, há treinamentos ministrados pela Prefeitura de Aquidauana. Aproximadamente 40 adultos fora de sala e querem estudar. Normalmente no período de feira em Aquidauana onde acompanham seus familiares para comercializar- evasão Currículo adotado - nacional-regional. Expectativa da comunidade referente a escola: 1º grau dentro da área.

Tabela 3: Dados Gerais da Escola indígena de Limão Verde

Fonte: Relatório Regional Funai Campo Grande, Programador educacional responsável: Lea Dias de Oliveira, Campo Grande, em 15-05-1984

Ano	Mantenedora	Infraestrutura	Alunos	Materiais didáticos	Documentos Utilizados	Merenda	Informações complementares
1984	Prefeitura/ FUNAI	3 salas de aulas, 46 carteiras, 3 mesas e 3 cadeiras, Implantação da horta	- 1º série: 70 - 2º: 43 - Pré-escola: 45 - 3º série: 22 - 4º série: 15	Não consta	Não consta	Não consta	Viagens de supervisão: cada bimestre ou quando necessário Verificação do plano de curso: atende a realidade da comunidade escolar Reunião de pais e mestres: previstas reuniões a cada final de bimestre. Dificuldades: acomodações insuficientes Necessidade: ampliação do prédio escolar; residência para professores.

Tabela 4: Dados Gerais da Escola indígena de Limão Verde

Fonte: Relatório Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Aquidauana - 1990

Ano	Mantenedora	Infra estrutura	Aluno	Material didático	Documento utilizado	Merenda	Informações complementares
1990			207	Não consta	Não consta	Não consta	Grande distância que separa as escolas da sede do município; a necessidade de transporte para professores e em algumas situações para alunos até a escola; a dificuldade de se encontrar mão de obra habilitada residente nos locais onde se situam as escolas; estradas não asfaltadas e nem sempre bem conservadas contribuem para a dificuldade ao acesso as escolas; A clientela é flutuante e impossibilita muitas vezes que escolas possam funcionar todos os anos e com as mesmas séries. Segundo o documento este fator causa sérios problemas administrativos como o deslocamento de professor e funcionários para outros núcleos escolares; custos elevados para a manutenção dos veículos que atendem aos professores, necessitando mais contratação de 'choferes' num número considerável, pois as escolas são dispersas, tem um alto custo dos combustíveis, compra de materiais pedagógica, entre outros. Outro fator destacado é a falta de equipe técnico-administrativa suficiente para atender as demandas de diretores e professores dessas unidades escolares.